

MESTRADO INTEGRADO
ARQUITETURA

Escala e Paisagem: reflexões a partir da
prática do projeto.
Centro Hípico em Amarante
Inês Neves Teixeira Da Silva

M
2022



Inês Neves Teixeira Da Silva. Escala e Paisagem: reflexões a
partir da prática do projeto. Centro Hípico em Amarante



Escala e Paisagem: reflexões a partir da prática do
projeto. Centro Hípico em Amarante
Inês Neves Teixeira Da Silva



Um especial agradecimento às minhas orientadoras, Professora Ana Alves Costa e Professora Filipa Guerreiro, por toda a a prestabilidade, compreensão e ajuda, durante todo este desafio.

Aos meus pais, irmão e Luís, por acreditarem sempre em mim.

Ao João, Carlos, Sara, Tânia e Bruno, por serem um enorme apoio.

À Ana, Bárbara e Sofia e Carolina, por estarem sempre comigo, desde o primeiro dia.

Esta dissertação tem como objetivo o desenvolvimento de um projeto de um centro hípico, que irá permitir levantar uma série de questões e temas, que ajudarão a refletir sobre toda a aprendizagem desenvolvida ao longo do percurso acadêmico.

Num nível mais próximo ao cavalo e à equitação, o objetivo desta intervenção, é criar um ambiente familiar e acolhedor, explorando questões de escala de proximidade e de relação entre o homem, o cavalo e a natureza. O desenho é o ponto de partida do desenvolvimento deste trabalho, que aliado a leituras de referência, irá acompanhar todo o percurso. Surgem questões de como a arquitetura é capaz de alcançar um equilíbrio que se integre na melodia de um lugar, onde a natureza se evidencia, muitas vezes, com alterações feitas pelo homem. O processo passa pelo estudo da relação da escala do projeto com a cidade, e pelo modo como um centro hípico (que exige alguma dimensão com certos elementos que o compõem), se integra num terreno, moldando-se ao ambiente que o rodeia. A junção deste processo, irá conduzir a reflexões finais, tendo como objetivo, mais do que a produção de um projeto, a exploração dos temas relacionados com a escala e a paisagem.

This dissertation aims to develop an equestrian center project, which will allow raising some questions and themes, which will help to reflect on all the learning developed along the academic path.

In a closer level closer to horse and riding, the objective of this intervention is to create a familiar and welcoming environment, exploring issues of scale of proximity and the relationship between man, horse and nature. The drawing is the starting point of the development of this work, which accompanied the reference readings, will accompany the entire journey. Questions arise as to how architecture is able to achieve a balance that is integrated into the melody of a place, where nature is evident, often with changes made by man. The process goes through the study of the relation between the project and the city, and the way an equestrian centre of study (with a certain environment and dimension), it is integrated in a terrain, molding itself to the environment around it. The junction of this process will lead to final reflections, aiming, more than the production of a project, the exploration of themes related to scale and landscape.

Índice

Resumo Abstract	
Introdução	10
Capítulo I Um centro hípico em Amarante	12
1.1 A cidade : <i>breve enquadramento</i>	14
1.2 O lugar : <i>caracterização e interpretação do espaço</i>	18
1.3 Centro Hípico : <i>o programa e as suas exigências</i>	28
Capítulo II Escala e Paisagem	34
2.1 Casos de estudo : <i>Centro Equestre de Puebla, Centro Equestre em Valle Bravo e Estábulos de Pólo Figueras</i>	38
2.2 O homem e o cavalo na arquitetura	52
2.3 Entendimento dos conceitos Escala e Paisagem	62
Capítulo III O Processo de projeto	68
3.1 Princípios em busca da escala e harmonia	70
3.2 Construção de uma estratégia de implantação	72
3.3 Percurso pelo projeto	80
Conclusão Considerações Finais e conjunto de desenhos	112
Referências bibliográficas	160
Anexos	162

Os cavalos de Siza

*Primeiro a mão alisa
o papel
depois a caneta desliza
e deixa um movimento,
uma linha de vida
graciosa e precisa.*

*Assim nascem
os cavalos de Siza.*

(...)

Nuno Hígio



Introdução

Como resultado de uma paixão pessoal, que desde a infância se prolongou até aos dias de hoje, o cavalo torna-se protagonista na realização desta dissertação. A partir da prática de equitação, nasceu o interesse de trazer esta modalidade para a minha cidade natal, Amarante. Desta forma, surgiu a ideia do desenvolvimento de um projeto para um centro hípico, que parece adequar-se à atmosfera de ambientes e atividades daquele local, assim como, viria a beneficiar e incentivar mudanças positivas nas atividades culturais e de lazer. O trabalho seguirá um caminho que, partindo da aproximação ao lugar e da sua relação com o território, irá permitir pensar no desafio da criação de espaços para a vivência conjunta entre o cavalo e o homem.

Objeto

O lugar de estudo, localiza-se na cidade de Amarante numa área com reduzida densidade urbana - Rua Francisco Sá Carneiro. É um terreno com uma boa inserção urbana por ser próximo do centro da cidade. Caracteriza-se essencialmente pelos seus campos dispostos em diferentes cotas, mas que não possuem qualquer atividade agrícola. Destacam-se também as construções que se encontram devolutas.

Objetivos

Pretende-se explorar os temas relacionados com a escala da arquitetura e paisagem, dando uma nova vida a um lugar que, para além das qualidades mencionadas anteriormente, possui características que desafiam o estudo dos temas, permitindo diferentes abordagens entre eles. Assim, a proposta passa pela adaptação do lugar, a um programa que se adequa à identidade e ambiente daquele sítio – um centro hípico. É um programa que atualmente não existe na cidade, nem há dados que comprovem ter existido anteriormente. A intenção será introduzir, espaços de estar, convívio e de descanso, interiores e exteriores, procurando manter uma relação constante entre o homem e o cavalo, com a natureza e paisagem envolvente, fazendo o programa e o lugar parte da mesma. Assim, estudam-se e relacionam-se os conceitos chave: *lugar; paisagem; escala*.

Metodologia

O foco da intervenção é variável, ou seja, pratica-se um exercício de aproximação e afastamento ao local, de modo a ter sempre em consideração a sua inserção no espaço, na cidade e na paisagem. Pretende-se uma visão que parta simultaneamente do lugar para o território, assim como do território para o lugar.

A dissertação será composta por três capítulos:

Estrutura

Partindo da lógica da sequência de fases pelas quais o trabalho percorreu, o **Capítulo I**, retrata o primeiro contacto com os elementos do projeto, fazendo uma breve abordagem à cidade de Amarante, e uma contextualização e caracterização do lugar a ser trabalhado. Posteriormente, é feito um reconhecimento do programa

(centro hípico), de modo a entender-se as suas exigências e questões que com ele se relacionam, nomeadamente, a escala que o equipamento exige, inserindo-se naquele lugar em particular.

O **Capítulo II**, procura explorar as questões que o projeto levanta, como os conceitos chave, *Escala e Paisagem* e questões de relação entre o *cavalo* e o *homem*. Inicialmente, começa-se por estudar casos de centros hípicos, o Centro Equestre de Puebla e Centro Equestre em Valle Bravo, ambos por Manuel Cervantes Céspedes e Estábulos de Pólo Figueras por Estúdio Ramos, que levantam problemas idênticos relativos à topografia, inserção na paisagem, relação do cavalo com a arquitetura, etc. A exploração e entendimento destes temas, são fundamentais para favorecer o desenvolvimento do projeto.

O **Capítulo III**, dedica-se ao processo de projeto, dividindo-se em três partes que procuram explicar o que motivou as decisões do desenho. Começando pelos princípios, onde são reconhecidos pontos essenciais que ajudam no arranque das ideias e a dar sentido e força à proposta. Num segundo momento, apresentam-se as fases do processo. Aqui, são destacadas as principais dificuldades e erros que ajudaram a conceber uma proposta coesa, relacionada com o lugar e com todas as características que o compõem. Este capítulo termina com a apresentação da proposta resultante de todo o processo, onde são explicados mais detalhadamente as decisões do desenho de cada espaço, correspondente ao programa equestre e às construções já existentes. Por fim, o corpo principal desta dissertação termina com as Considerações Finais, onde é feita uma apresentação do projeto num todo, acompanhado de uma conclusão relativa a todo o caminho percorrido.



1 | Amarante, 2017 (pela autora)

1.1 | A cidade: breve enquadramento

No território português, é junto ao litoral que existe com maior frequência, não só centros hípico mas também coudelarias¹. Apesar de atualmente existir alguma oferta no Norte, Amarante é uma das cidades que não possui este tipo de equipamento, estando o mais próximo a cerca de 18,2 km de distância (centro Hípico Quinta da Granja). A constatação deste facto na minha vida pessoal, tendo desde cedo um enorme interesse por esta prática, levou à escolha do programa para o desenvolvimento de um projeto neste lugar.

*“ Amarante corporiza-se-me , ganha forma e conteúdo. Multimoda, carregada de anos e feições, com artérias novas, pulsa ao ritmo da lenda , da história, dos costumes, das paisagens e dos homens. Quase ciclicamente é história e reconstrução.”*²

Amarante é uma cidade fortemente ligada ao turismo, pelo mosteiro e ponte de S.Gonçalo, pelo rio Tâmega, pela sua forte paisagem, um património marcado por S. Gonçalo³, Santo padroeiro de Amarante. É assinalada por um acentuado relevo, e foi desenvolvendo lentamente a sua estrutura urbana ao longo dos tempos.

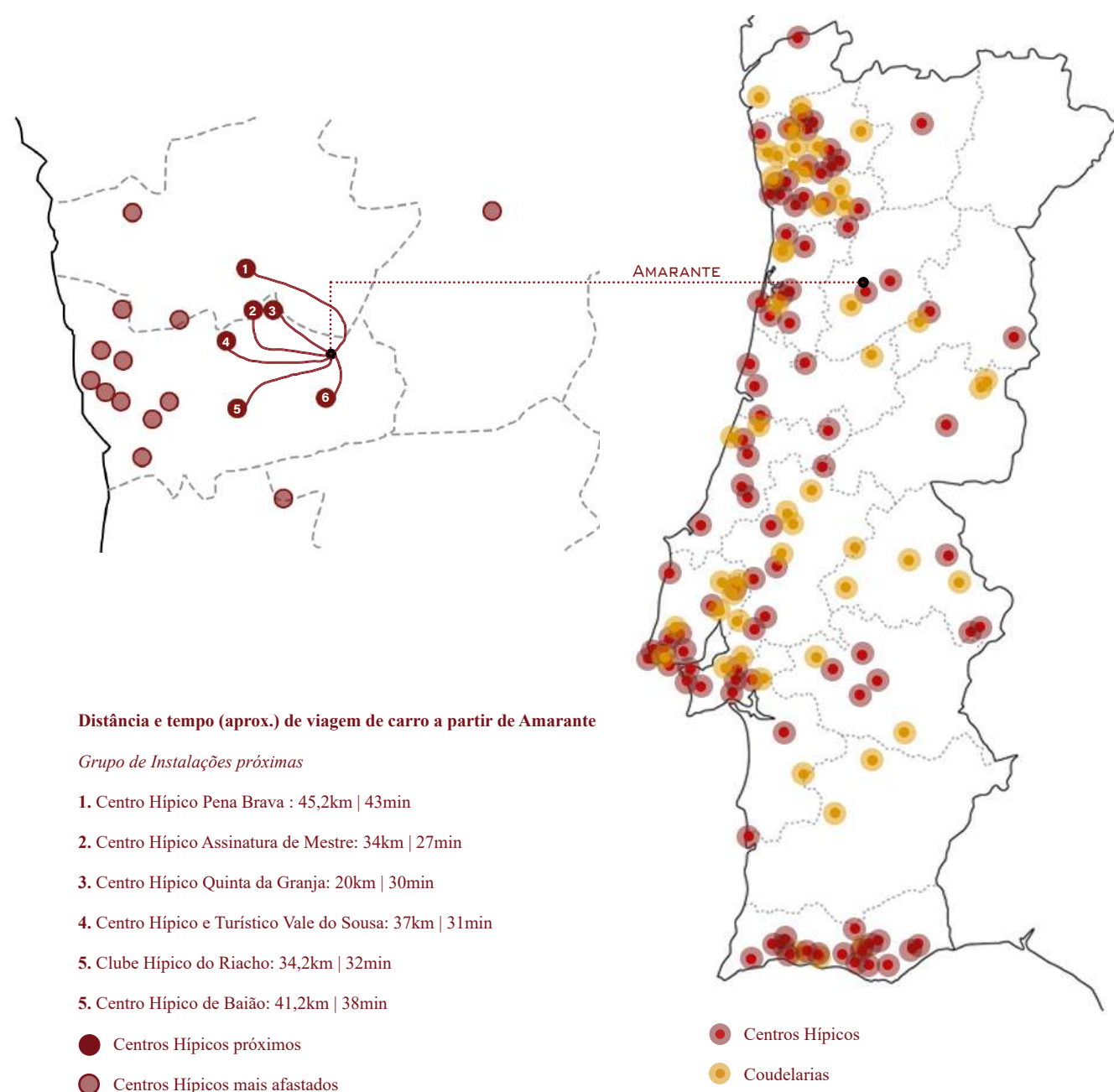
“ Subir em tardes de verão, rio acima, até uma ilha encantadora, cujos contornos se franjam de amiais, ou descer rio abaixo até próximo das cascatas em que a água se precipita em rolos de espuma desnevaada, é um espetáculo tão docemente idílico, é ver de perto uma natureza tão cariciosa, que jamais no coração se extingue a lembrança do prazer, que esse passeio nos proporcionou.

Deixar depois o rio, descer pela margem direita até às azenhas de Morleiros, e subir depois ao pequeno outeiro superior à azenha da Varziela, é o complemento artístico deste passeio, em que a alma se faz boa ao contacto

1 | Tanto num centro hípico como numa coudelaria, pode-se praticar equitação, sendo que a prática de montar está mais direcionada aos centros hípicos. Nas coudelarias, o foco é a criação e aperfeiçoamento das raças dos cavalos. Em Portugal, a maioria dedica-se ao cavalo Lusitano, criando as grandes bases da raça (éguas e garanhões) que são constantemente procurados pelo estrangeiro, quer para reproduções como para competições de alta escola. Temos o exemplo da Coudelaria de Alter, a mais antiga de Portugal, criada por D.João V, em 1708, na qual se dedicam ao aprimoramento da raça Lusitana. Existem outras também dedicadas ao cavalo do nosso país, de grande prestígio que se têm vindo a desenvolver ao longo dos anos e a deixar marcas na história do cavalo Lusitano.

2 | CARDOSO, António, 1979. Marânus - Antologia de textos sobre Amarante: A terra e as Gentes; p.12

3 | “Oriundo da nobre família dos Pereira, Gonçalo nasceu no Paço de Arriconha, freguesia do Divino Salvador de Tagilde – Vizela, por volta de 1187 e herda de seus pais a nobreza no sangue e a grandeza na Fé.” ; <https://www.cm-amarante.pt/pt/s-goncalo-de-amarante>



Amarante

2 | Mapa esquemático de centros hípicos próximos de Amarante.

3 | Mapa esquemático de distribuição de centros hípicos e coudelarias por Portugal.

dessa natureza tão singela, em que o espírito se absorve no mavioso lirismo das saudades, que são na vida de cada um as doces recordações queridas na existência.“

*“ As noites em Amarante, quando não se passam namorando melancolicamente o Tâmega de sobre o largo de S gonçalo, passam-se cavaqueando na Assembleia, onde não faltam jornais e conversadores inteligentes para entreter algumas horas.“*⁴ José Augusto Vieira (1856-1890)

Com grande história ligada à cultura e religião, a sua paisagem encantadora e arquitetonicamente interessante, insere-se nos caminhos de Santiago, e na conhecida rota do românico. Como referido anteriormente, o concelho é marcado pelo seu acentuado relevo, com uma altitude aproximadamente de 600 metros do nível do mar no seu ponto mais alto, e cerca de 74 metros pelo nível do rio Tâmega⁵. A paisagem compõe-se pelas edificações, assim como pela sua morfologia topográfica que vai desde as margens do Tâmega, às serras do Marão. É delimitada pelos concelhos de Felgueiras, Baião, Mondim de Bastos, Celorico de Basto e Marco de Canaveses.

A cidade mantém uma arquitetura compacta, caracterizada essencialmente pela utilização do granito. Os principais eixos estruturais da cidade mantêm-se, não tendo existido grandes transformações nos últimos anos, na sua malha urbana. A margem ao longo do rio, não sofreu grandes alterações, havendo uma tentativa de preservar a imagem antiga da cidade, (os percursos melancólicos junto do rio), através da preservação dos elementos que a compõem. Atualmente existe um projeto em execução⁶, que promove a requalificação das margens a uma longa extensão, estendendo os percursos e criando novos espaços de lazer que permitam usufruir da paisagem.

Desde cedo, e através da análise da cartografia existente, o centro urbano enquadra-se essencialmente em volta do centro histórico. O principal eixo da cidade marca a travessia entre Porto e Vila Real, e é neste sentido que se sente o desenvolvimento urbano da cidade.

4 | CARDOSO, António, 1979. Marânus - Antologia de textos sobre Amarante: A terra e as Gentes; p.173

5 | Medidas efetuadas a partir do mapa interativo “ Mapa topográfico, altitude, relevo” em <https://pt-pt.topographic-map.com/maps/ganq/Amarante/>

6 | Parque Linear de Amarante pelo Arquiteto Paisagista Sidónio Pardal

*“De nascente a poente, no sentido das principais ruas da vila, constituem-se, quase de raiz, interfaces de ligação, locais iniciais de mercados ou feiras (ou praças, no sentido sociológico da palavra), adjacências de espaços conventuais ou hospícios, lugares de festas e de cultos espaços laicos e religiosos, de afirmação e representação, de sucessivas configurações.”*⁷

Naturalmente, como resultado das evoluções que se vivem, Amarante desenvolve a sua ocupação do solo, lentamente, ao longo dos anos, dando origem a novos edifícios e estruturas. Uma das transformações de destaque dos últimos tempos, será o Largo António Cândido, com o antigo nome de “Largo do Arquinho”, sofreu o recuo de alguns edifícios que existiam, que deu origem à pequena praça que hoje se conhece.

*“O Largo do Arquinho, a nascente, (ou a Praça do Covelo de mais remota referência) onde confluem a estrada do Douro, pela rua do Cabo, ou a velha estrada de Trás-os-Montes, pelo Bairro da Feitoria e rua da Madalena (....)”*⁸

Amarante, na sua paisagem de campo, rio, serra e cidade, agradavelmente conjugada, articula, lentamente, um lugar onde a história, a arquitetura e a natureza se fundem num só sítio.

7 | CARDOSO, António: Amarante em meados do séc. XXI / Território e sociedade, obras públicas, arquitetura e urbanismo; Gráfica do Norte, Amarante, 2009, p.24

8 | ibidem.



4 | Enquadramento do terreno de intervenção, em relação ao centro histórico da cidade.



5 | Sistema de acessos por via pedonal e automóvel.

1.2 | O lugar: caracterização e interpretação do espaço

Como consequência dos constantes passeios feitos a cavalo⁹, em várias partes da cidade, desde as mais rurais, às mais urbanizadas, e atendendo ao enquadramento na malha urbana da cidade, despertou-se um interesse e uma vontade de explorar um terreno em particular.

Localizado junto a uma pequena rua sem grande movimentação nem densidade urbana, (Rua Francisco Sá Carneiro), o terreno caracteriza-se por um ambiente calmo, com uma vista para a zona principal da cidade, para o rio Tâmega, e para o parque florestal. É constituído por antigos campos agrícolas que atualmente não têm qualquer tipo de atividade¹⁰. Para além de apresentar um ambiente sereno e verde, foi também cativante o facto de ali ainda existir um conjunto de construções em ruína. Este conjunto é composto por uma construção de maior dimensão, em alvernaria, que seria a habitação dos proprietários. Junto a esta antiga habitação, existem mais duas construções de menor dimensão que serviam de apoio à casa principal. A zona onde se insere o terreno é caracterizada por construções dispersas de cêrcea baixa, sem malha urbana demarcada, maioritariamente de carácter habitacional. A rua referida anteriormente, de acesso ao local, não apresenta muita movimentação pois atualmente serve apenas de acesso às habitações existentes.¹¹

Os campos agrícolas envolventes decompõem-se em leiras que, até à margem do rio Tâmega, dominam a paisagem. Na margem contrária, frente ao terreno, existe uma grande massa de árvores pertencente ao Parque Florestal¹², que enriquece a cidade. O lugar em estudo fica assim envolvido pela natureza, mantendo sempre um contacto visual com a cidade próxima e com o seu ponto mais dinâmico – o centro histórico.

9 | A prática pessoal de equitação sempre foi feita noutra cidade, em Amarante apenas foram feitos passeios a cavalo num sentido amador, em propriedade privada.

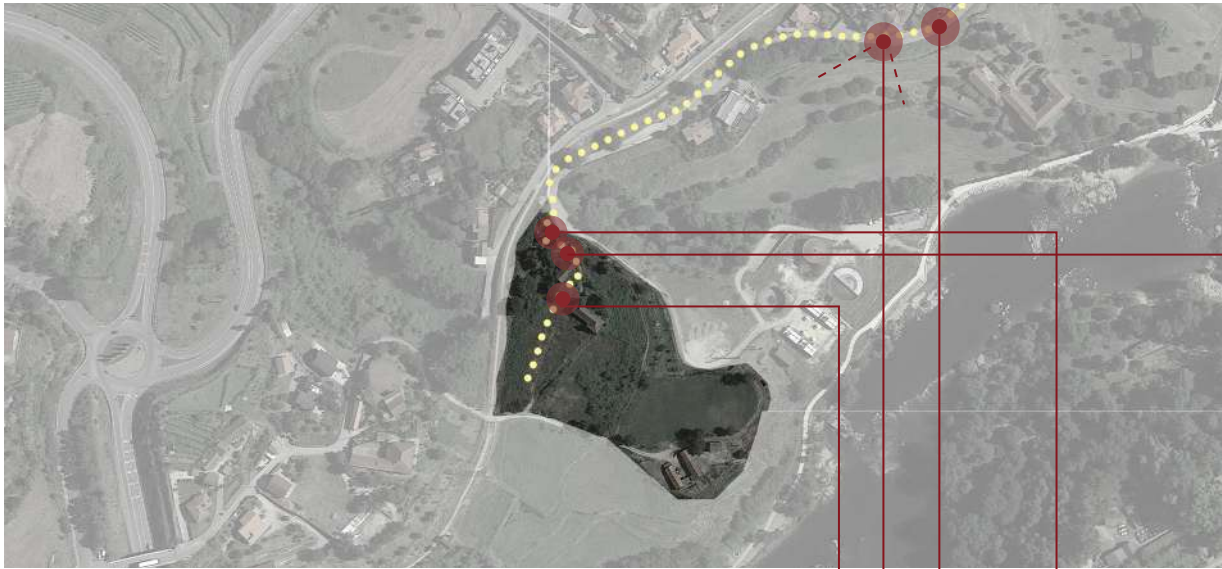
10 | Existe atividade agrícola nos campos envolventes ao terreno em questão.

11 | Posteriormente, esta rua poderá ganhar mais dinâmica com um projeto que se encontra em construção, do aproveitamento da antiga estação de tratamento de águas residuais da cidade, para uma “aldeia da juventude” - um projeto da câmara municipal de Amarante que irá servir de complemento à atual existente casa da juventude – uma casa que incentiva os jovens na prática de projetos internacionais que estimulam o enriquecimento pessoal, cultural e social - onde irá conter alojamento e atividades socioculturais (com anfiteatro ao ar livre e auditório) relacionadas com a prática de atividades que se tem vindo a desenvolver na cidade.

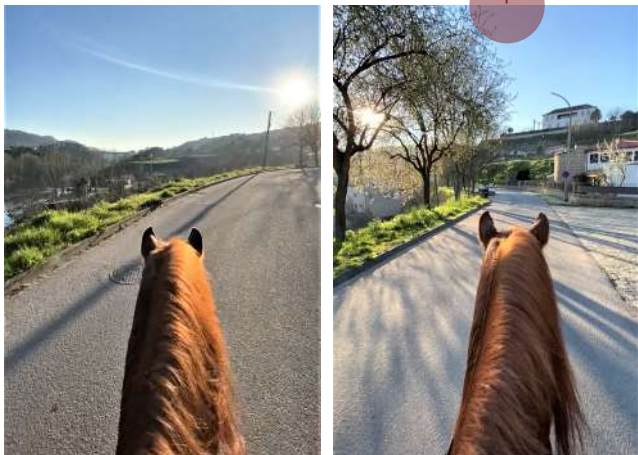
12 | O Parque Florestal de Amarante, localiza-se numa encosta, junto ao rio tâmega. Caracteriza-se essencialmente pelas alamedas ladeadas de variadas espécies de árvores e casas de serviço florestais espalhadas pontualmente por toda a sua extensão.



6 | Registo fotográfico do terreno de intervenção, a partir da Rua Francisco Sá Carneiro (pela autora)



7 | Esquema do percurso realizado até ao terreno, a partir do centro histórico



8 | Percurso pela Rua Francisco Sá Carneiro



9 | Chegada ao terreno



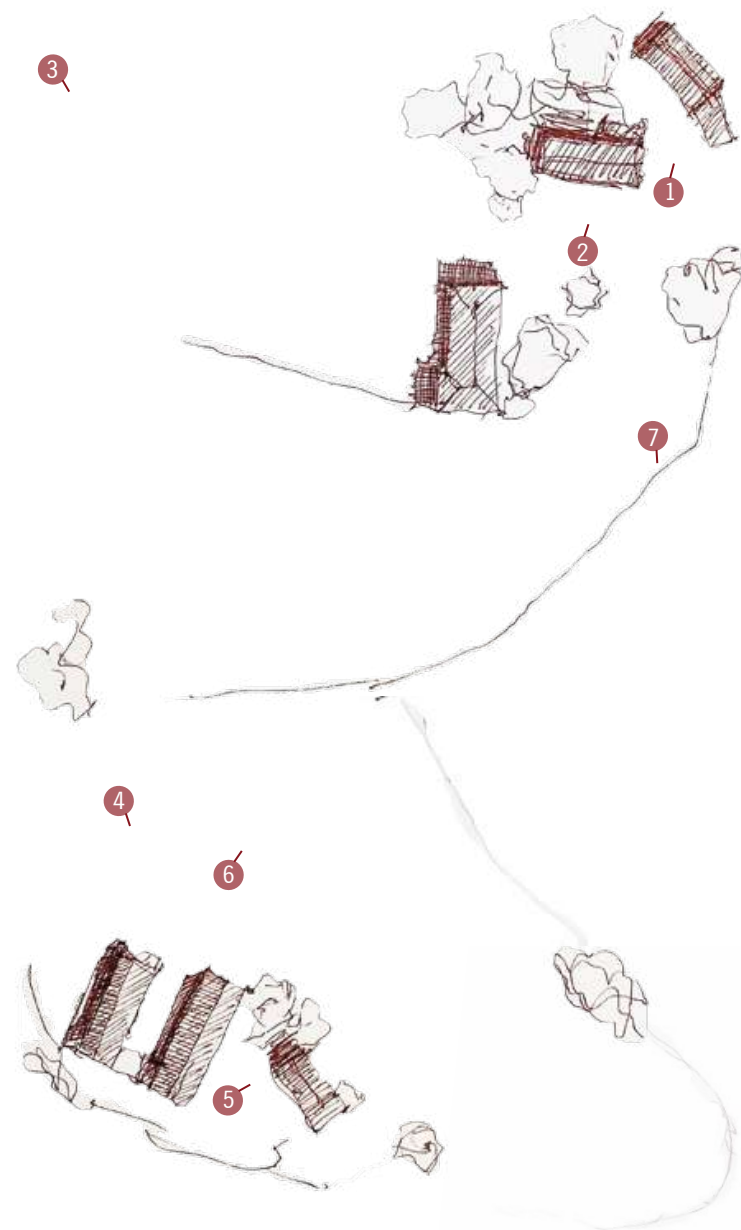
11 | Primeiro contacto com as construções existentes



10 | Contacto visual com o terreno a partir da Rua



12 | Passagem pela casa principal



13 | Esquízo do existente. (pela autora)

Reconhecimento do existente



1



2



3



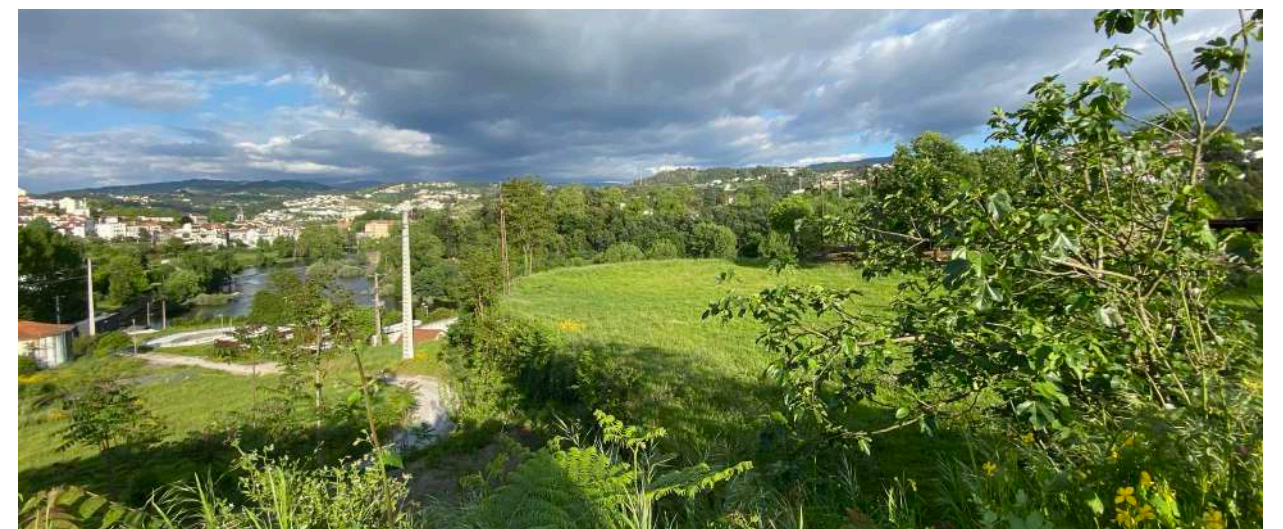
4



5

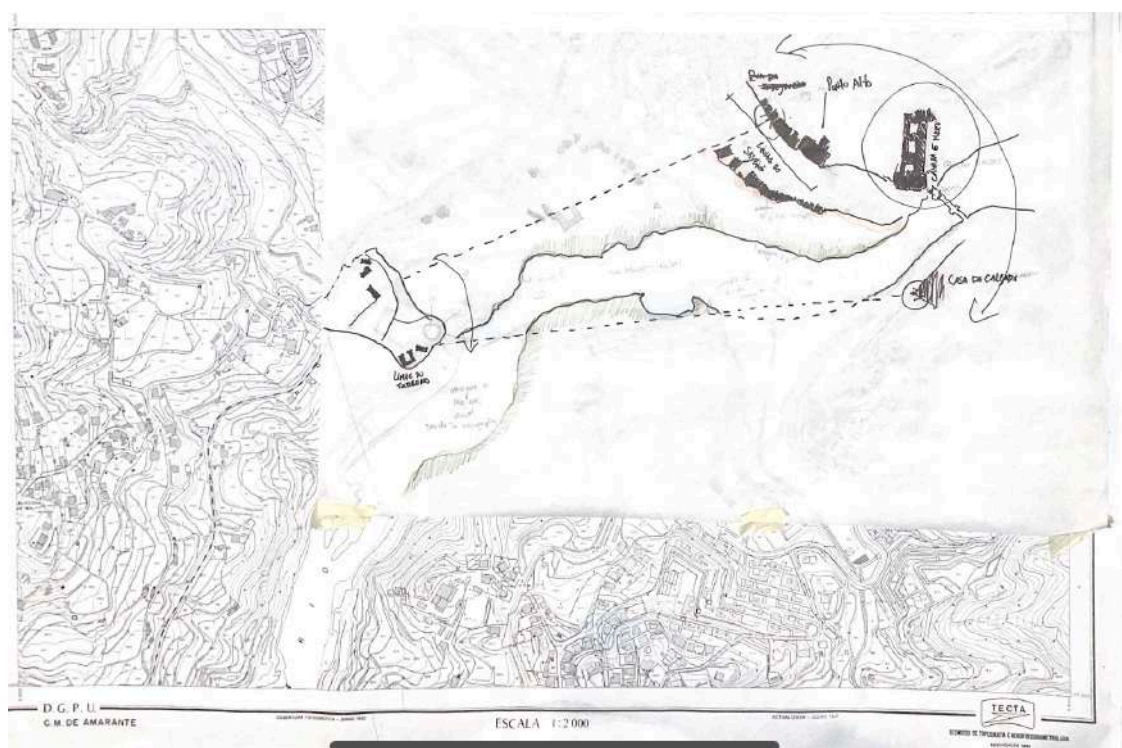


6

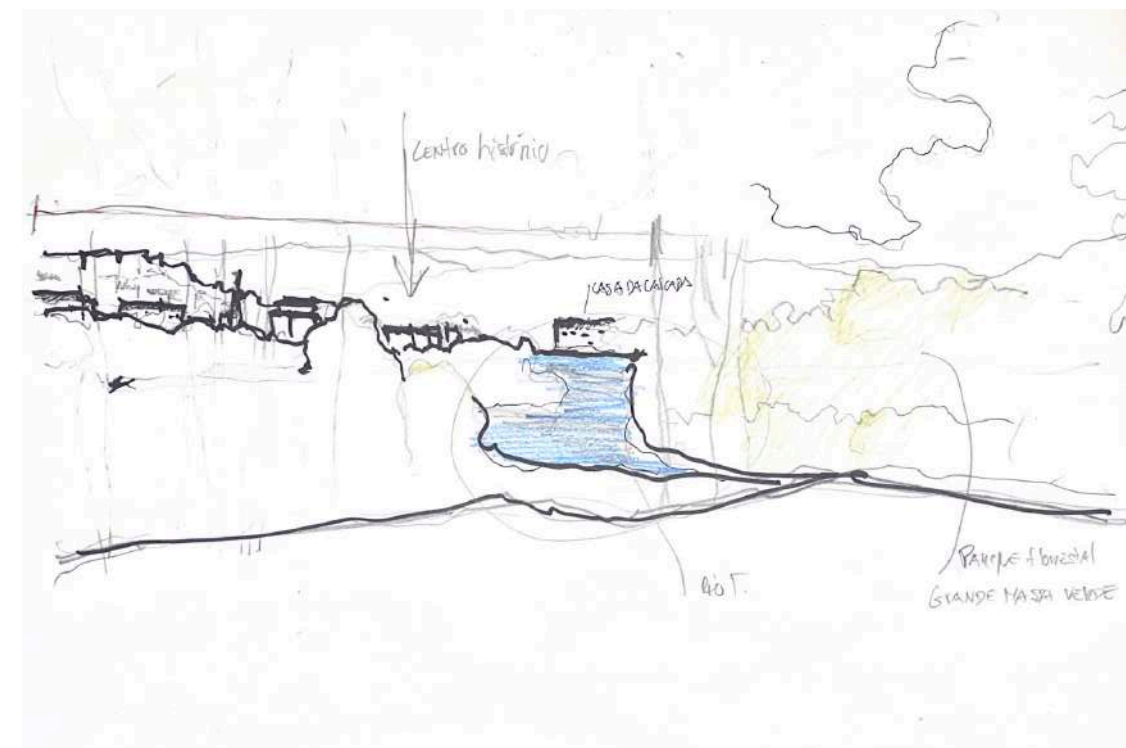


7

14 | Registo fotográfico do contexto existente do terreno de intervenção (pela autora)



15 | Estudo sobre cartografia.
Exercício de entendimento do perfil paisagístico urbano, a partir do terreno.
(pela autora)



16 | Esqueto do skyline a partir do lugar. (pela autora)

1.3 | Centro Hípico: o programa e as suas exigências

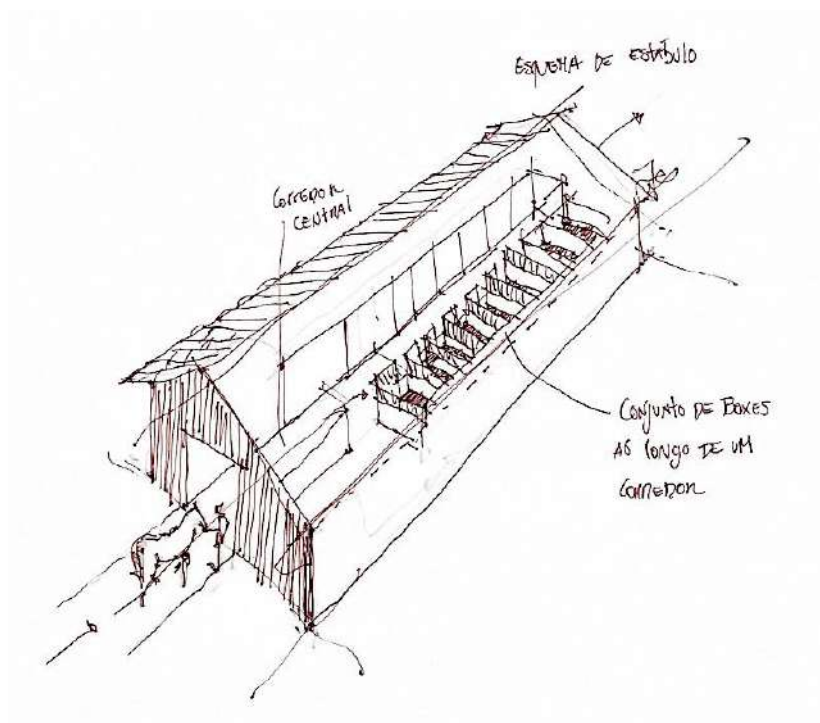
O contacto desde muito cedo com o meio rural, permitiu-me estabelecer uma relação cada vez mais forte com os animais, mas em especial com os cavalos. É um animal que se destaca pela sua imponência e bravura, e também pela sua beleza de formas e elegância de movimentos. Desde os seus primeiros dias de vida, mostra-se um animal extremamente afetivo e com uma sensibilidade incrível de captar emoções e expressões do ser humano, e quando existe uma verdadeira paixão, cria-se inevitavelmente uma forte relação de afinidade.

Por todos os anos que estive ligada a este “mundo”, posso afirmar que nem sempre, estes animais se encontram instalados nas melhores condições, tanto por questões económicas, como por desleixo dos seus responsáveis. Daqui, nasce a especial atenção para a escolha deste programa, que procura a criação de espaços cómodos e adequados, tendo em conta as suas necessidades em equilíbrio com as do homem.

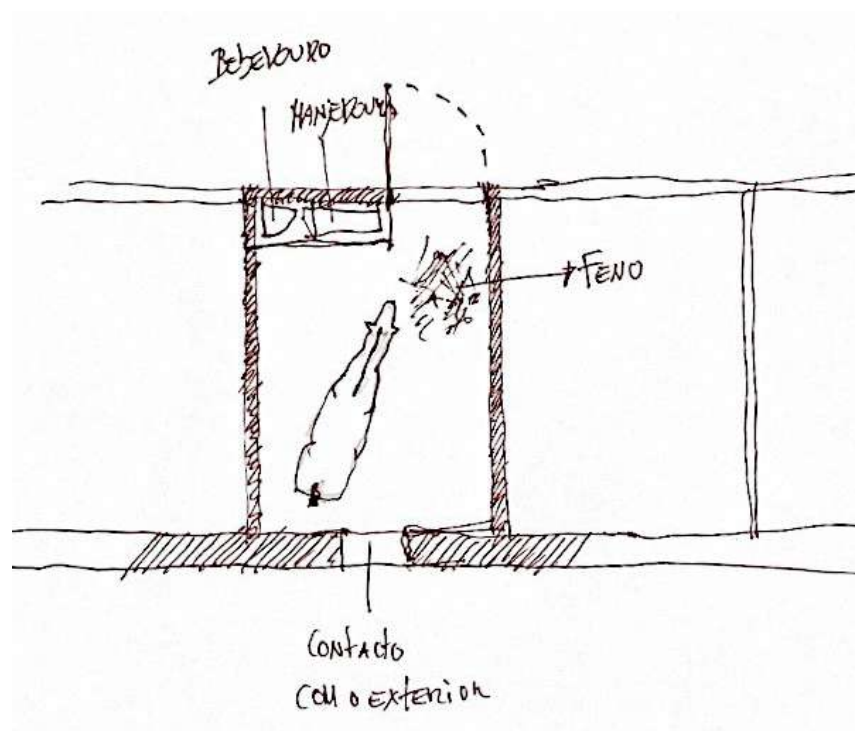
É importante referir desde já, que o objetivo do programa que propomos, não procura responder a todas as condicionantes que um centro hípico federado obrigaria. Este tipo de normas, apesar de ajudarem a garantir os cuidados necessários a ter com os cavalos, focam-se na concepção de equipamentos para um nível internacional, diretamente relacionado com competições. Portanto, para não dispersar do foco principal da dissertação - o estudo da escala e da paisagem, propomos um programa ligado à escala do lugar e da cidade, proporcionando um ambiente de carácter familiar, acolhedor, descontraído e, sobretudo, de lazer¹³. Reconhecemos, pela nossa experiência, que em diversos espaços equestres, a procura por obedecer estritamente a normas competitivas, acaba por provocar a perda de unidade do programa, e assim, resultar num mau funcionamento dos espaços. As excessivas dimensões dos espaços que estas normas obrigam, retiram-lhes o conforto que a prática da equitação requer, tornando a interação com o cavalo mais difícil e distante.

Sendo este um trabalho académico, interessa-nos explorar os conceitos de escala e paisagem. O objetivo é encontrar a unidade num projeto que promova espaços que estimulem a sua vivência. A experiência com os cavalos é única, mas ganha outro brilho quando é vivida em equipa, sem a pressão e obrigatoriedade da competição, apenas pelo desfrutar da sua companhia e das sensações que o cavalo proporciona.

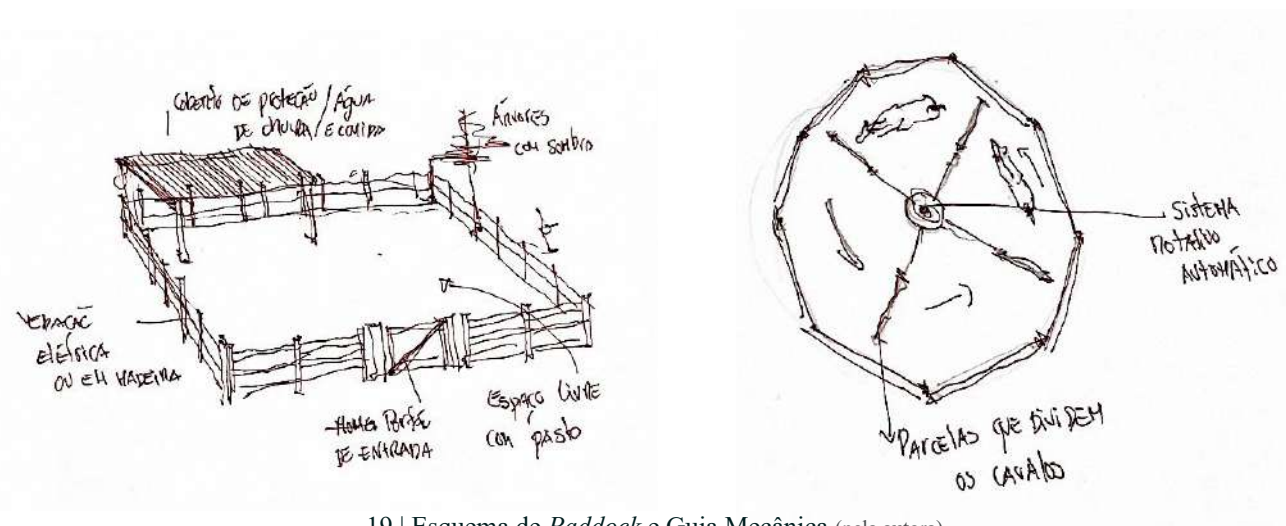
¹³ | Este propósito não impede que o espaço seja frequentado por pessoas, cavalos e cavaleiros de outros países. Tenciona promover o espírito do lugar e da cidade, sem fins competitivos.



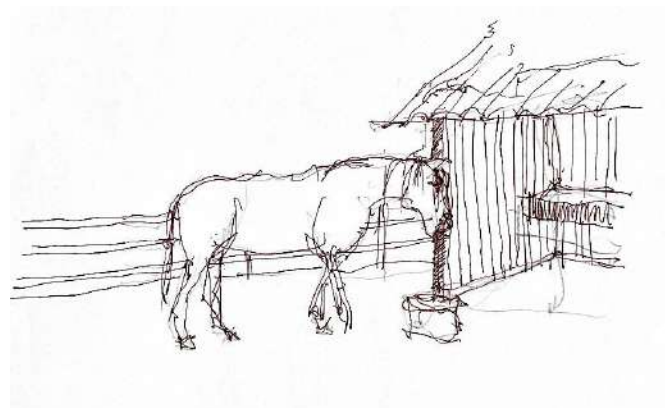
17 | Esquema de estábulo. (pela autora)



18 | Esquema de Box - espaço do cavalo. (pela autora)



19 | Esquema de Paddock e Guia Mecânica (pela autora)



20 | Ambiente de um cavalo em Paddock.(pela autora)



21 | Trabalho “à guia” ou volteio (pela autora)

A conceção do programa, segue como referência o Caderno técnico, de Regina Rezende e Alexandra Frazão, “*Equitação, Conceção de Instalações*”, segundo as orientações da Federação Equestre Portuguesa (FEP).

O cavalo, é um animal que, na sua origem selvagem, pertencia a manadas e vivia em liberdade. Naturalmente, correr e movimentar-se livremente é indispensável na sua vida diária e, portanto, é doloroso para o animal ser mantido num espaço fechado a longo prazo. Por norma, nos centros hípicos, quando os cavalos não estão em trabalho¹⁴ no picadeiro, grande parte do seu tempo é passado nas boxes¹⁵ (para as refeições, e para o descanso), apesar de que também podem estar no pasto ou nos *paddocks*.¹⁶

No entanto, a boxe é o espaço onde o cavalo passa grande parte do seu tempo quando habita em centros hípicos. É fundamental atender às suas melhores condições, sendo essencial manter um conjunto de fatores: o bom estado das camas, uma adequada circulação de ar e uma exposição solar favorável e, também, para a boa manutenção diária feita pelo seu cuidador, torná-la acessível e funcional.

As boxes são divisões que fazem parte de um espaço de maior dimensão - as cavalariças - que abrangem outros espaços igualmente essenciais aos cavalos. Para além das boxes, é necessário haver áreas onde se possam armazenar palha, rações, e material de equitação. Deve existir também um espaço para banho com uma dimensão equivalente a uma boxe, ou de acordo com a escala do próprio centro hípico. Esta zona de banho, pode também ser utilizada como espaço de preparação do cavalo (colocação de arreios), para ferragem e tratamento médico, sendo que este último exige uma boxe isolada ou afastada das restantes.

Seguidamente, temos os espaços de atividades da equitação, ou seja, os picadeiros. Os picadeiros podem ser cobertos ou descobertos, e servem essencialmente para o trabalho dos cavalos - montados ou à guia¹⁷. Se possuírem uma dimensão considerável, não é necessário a implantação de um redondel¹⁸ ou de equipamento que obstrua os espaços, como é o caso das guias mecânicas¹⁹. De

14 | O termo “trabalho”, no mundo equestre, designa o momento em que os cavalos estão a praticar exercícios no picadeiro.

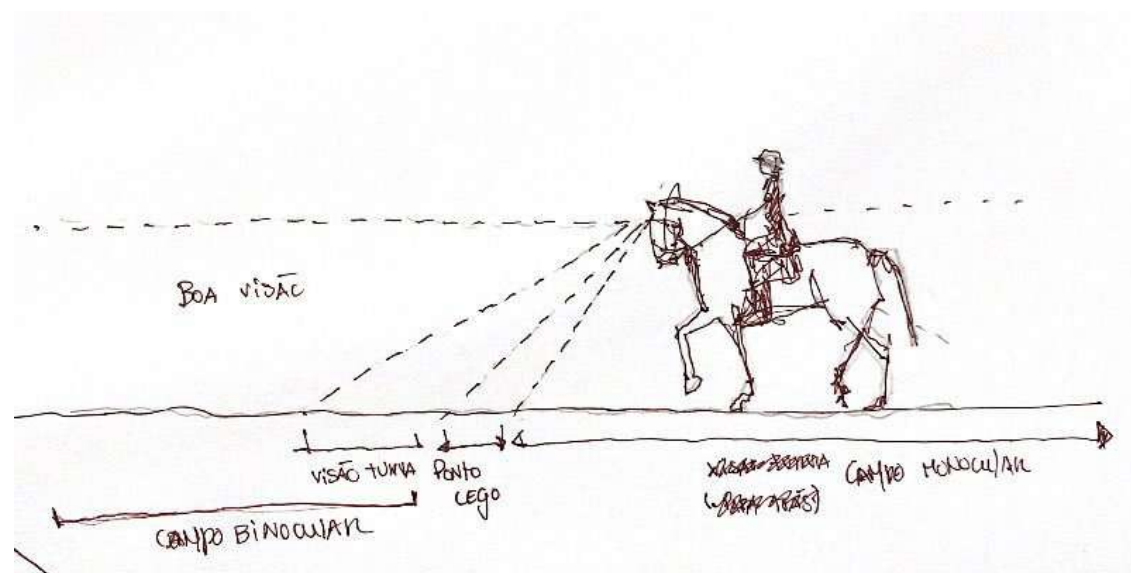
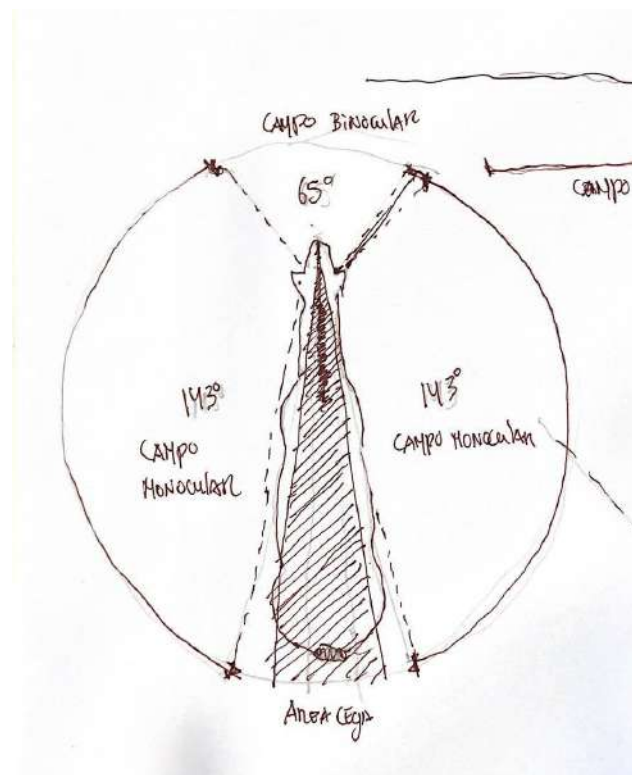
15 | A boxe é um espaço fechado onde os cavalos passam grande parte do seu dia, no qual pernoitam e fazem as suas refeições diárias.

16 | “*Os paddocks ou pastos são espaços ao ar livre, vedados mas sem dimensões pré determinadas, destinados à recreação e aquecimento dos cavalos.*” Rezende, R. e Frazão A. (2012) Equitação e Conceção de Instalações. Coleção Cadernos técnicos - Instalações, desportivas, IPDJ. p.14

17 | “*No trabalho à guia o cavalo move-se num círculo à volta da pessoa que o exercita e é controlado através de uma guia comprida que está ligada ao cabeção.*” ibidem; p.17

18 | Picadeiro de forma circular.

19 | As guias mecânicas são espaços circulares com uma estrutura metálica que divide a circunferência em várias partes de modo a caber um cavalo em cada uma delas. Servem essencialmente para colocar os cavalos



22 | Esquema de visão monocular e binocular de um cavalo.(pela autora)

apoio aos picadeiros, é agradável existir uma bancada para que se possa assistir, e também uma tribuna em caso de competição para os júris poderem fazer a avaliação. Naturalmente, um espaço extra, coberto e fechado, que sirva como arrecadação, ajuda a guardar equipamentos que são colocados momentaneamente nos picadeiros (como por exemplo os obstáculos). Por fim, não podemos descartar a colocação de instalações sanitárias num ponto estratégico e acessível, como também salvaguardar um espaço que permita o estacionamento, não só de ligeiros, como de viaturas pesadas que transportam os animais ou grandes quantidades de palha.

Alguns pormenores, por vezes esquecidos, geram um mau funcionamento dos espaços equestres. Devido à sua visão monocular e binocular²⁰, os cavalos apresentam características muito diferentes das do homem, que levam o animal a ter a percepção sobre espaços noutra dimensão. Esta visão torna-os bastante sensíveis e assustadiços pois absorvem diferentes informações em cada olho²¹. Estes animais, têm também, uma grande sensibilidade auditiva. Assim, nos dias de vento e chuva, é necessário um cuidado extra. As informações (auditivas, visuais e sensoriais) são duplicadas, uma vez que tudo se encontra instável. Portanto, os materiais usados nos espaços, devem ser escolhidos rigorosamente, de forma a que não provoquem ruídos excessivos, nem coloquem em risco o animal e os próprios cavaleiros ou visitantes.

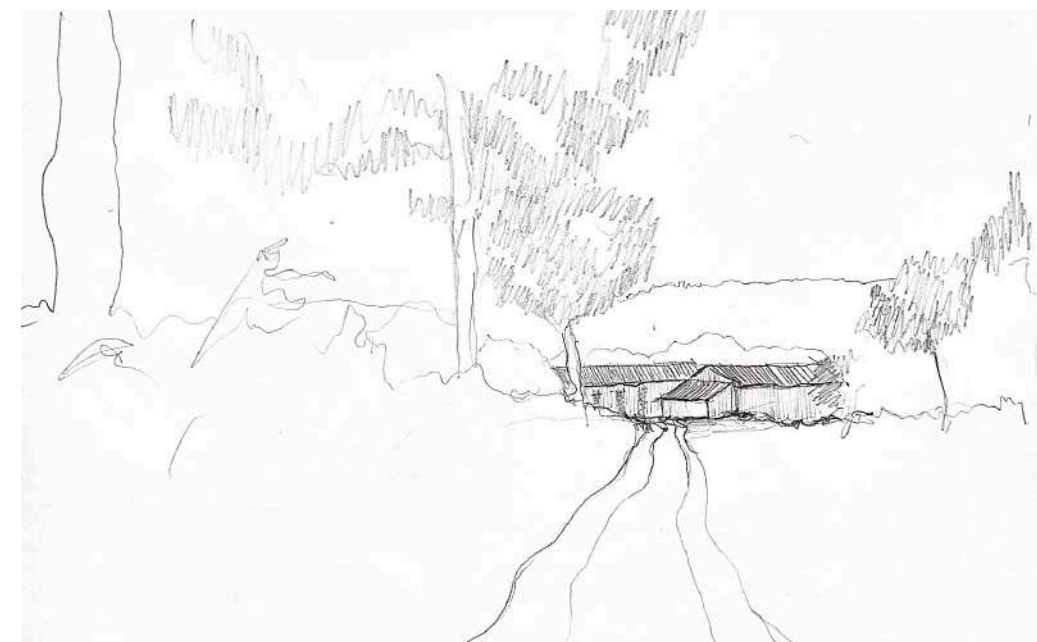
em andamento circular, sozinhos na sua secção. Apesar do trabalho diário ser fundamental para os animais libertarem o seu stress, numa opinião pessoal as guias mecânicas acabam por ser rígidas e sem dinâmica. Em alternativa, o cavalo pode ser trabalhado do mesmo modo por um equitador, no picadeiro, ou estar solto no paddock ou campo de pasto.

20 | O cavalo têm visão através dos dois olhos (binocular) mas possui a particularidade de se orientar com eles de forma independente. Ou seja, o cavalo tem uma percepção de profundidade diferente da do homem. Como nem sempre consegue ver através dos dois olhos, pela zona cega que se situa entre eles, um olho de cada lado da face, calcula as distâncias aos objetos, funcionando assim, a sua visão, de maneira monocular: “Os olhos de um cavalo funcionam de um modo independente. Cada um deles cobre um campo de visão semicircular. Há uma pequena sobreposição de campos na frente do animal e uma «zona cega».” <https://www.equisport.pt/artigos/os-sentidos-equinos/>

21 | “O equino é uma presa na natureza e por isso o seu corpo é completamente adaptado para fuga. Entre lutar e fugir, ele sempre escolherá a segunda opção. Para que uma fuga seja realmente eficaz, é necessário que o cavalo esteja munido de um perfeito “radar” de predadores e, é aí que está a grande importância do sentido da visão.” <https://www.comportamentoequino.com/sobre-2-c18ty>

Capítulo II

Escala e Paisagem



23 | Registo do terreno de intervenção: chegada ao “pátio” (pela autora)

No sentido de problematizar algumas questões relacionadas com o projeto, objeto do nosso estudo, pareceu-nos fundamental aprofundar algumas questões relacionadas com a intervenção na paisagem. Assim, é imprescindível a compreensão do conceito e noção de lugar e escala na arquitetura. O lugar estabelece uma relação permanente entre o homem e a natureza, tendo a arquitetura um papel importante na concretização deste vínculo. No estudo deste tema, serviu-nos como base o estudo do lugar, por Christian Norberg-Schulz, através da sua obra “ *Towards a Phenomenology of Architecture*” (1984).

O nosso objetivo no desenvolvimento do projeto, para além de uma correta inserção arquitetónica num determinado local, é a relação daqueles que irão tirar partido do espaço, neste caso, o homem e o cavalo, com a paisagem. A intervenção procura realçar diferentes relações, nomeadamente entre o lugar e a paisagem, mas também, entre o homem e o cavalo com a arquitetura.

Os casos de estudo que acompanham este capítulo, auxiliaram-nos como referência na resolução de algumas questões, nomeadamente, na relação que estabelecem com a paisagem e com a escala do homem e do cavalo. A breve análise, procura compreender e captar as qualidades de cada um para beneficiar o desenvolvimento do projeto.

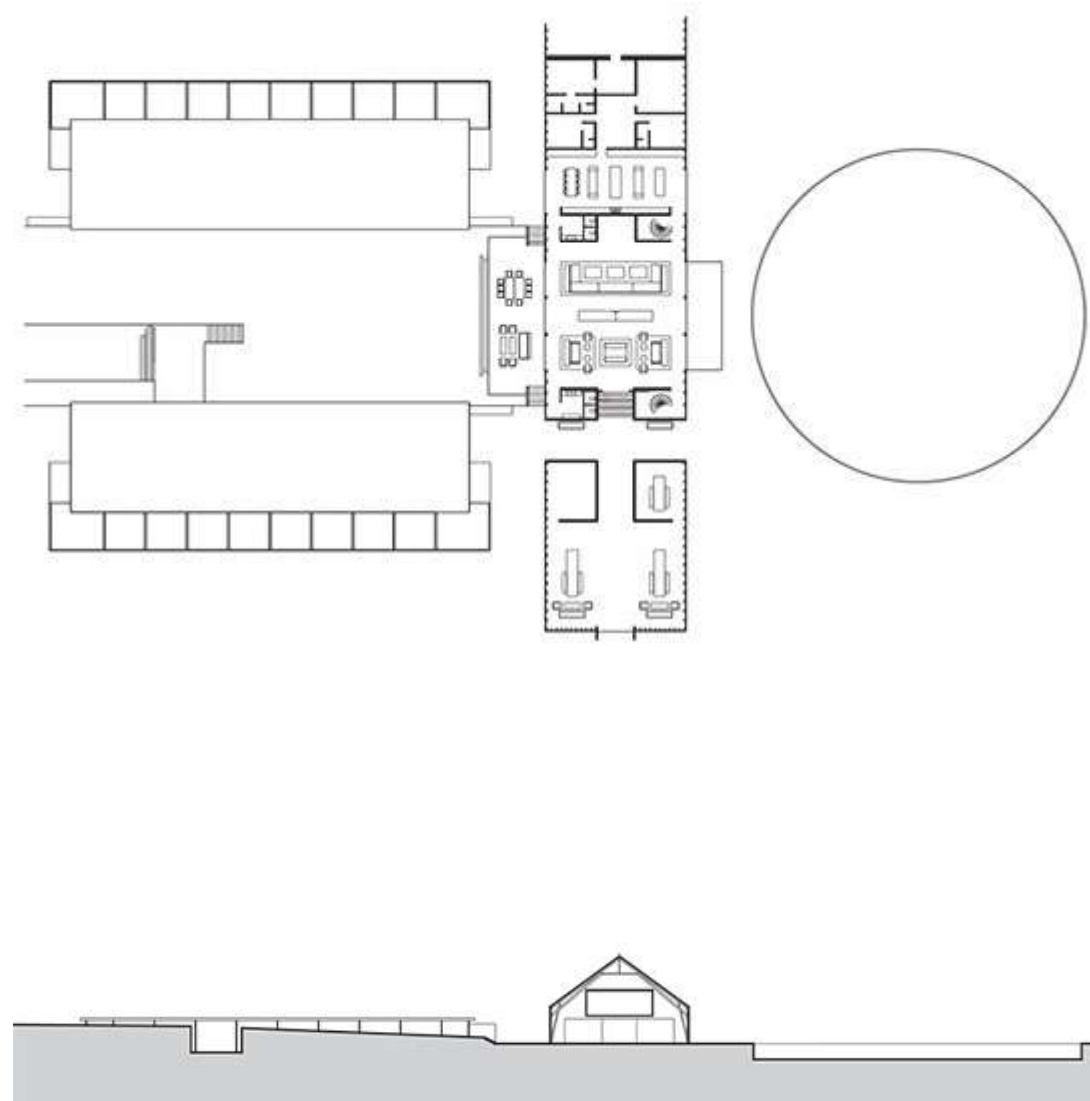
Centro Equestre de Valle Bravo
Estudio Manuel Cervantes | México, 2014

Este centro hípico é envolvido por uma paisagem majestosa. No meio de densas florestas de pinheiros e carvalhos, existe uma porção de terreno levemente inclinado com uma clareira ao cima. Nesta parte despida de árvores, foi implantado o projeto. Destacam-se três elementos: o grande picadeiro circular, o volume central - celeiro - que serve de alojamento²², e duas fileiras de estábulos perpendiculares ao mesmo.

Salienta-se o cuidado no controlo da escala do projeto em conformidade com a paisagem. Como referido anteriormente, o terreno apresenta uma inclinação com uma clareira no seu ponto mais alto. O desenho das boxes mostra-se parcialmente enterrado e agarrado na topografia. A escolha dos materiais é fundamental para a integração do conjunto no lugar. As coberturas ajardinadas dos estábulos, ajudam a camuflar a estrutura e a ligação com o verde que a circunda. A mesma estratégia é atribuída ao restante programa, no qual são usados materiais com tons da terra. A utilização destes materiais, ajuda a que a proposta não se imponha ao grande arvoredado que a rodeia, mas sim se complementem mutuamente.

O picadeiro circular, contém uma vedação feita através do aproveitamento dos carris de um antigo caminho de ferro, colocados propositadamente de forma desalinhada, dando um efeito mais orgânico. O celeiro, é revestido a telha com variações de tons, que harmonizam com o verde das copas das árvores e o castanho dos troncos. Nos percursos, é utilizada a pedra que conecta os diferentes espaços que se vão sucedendo.

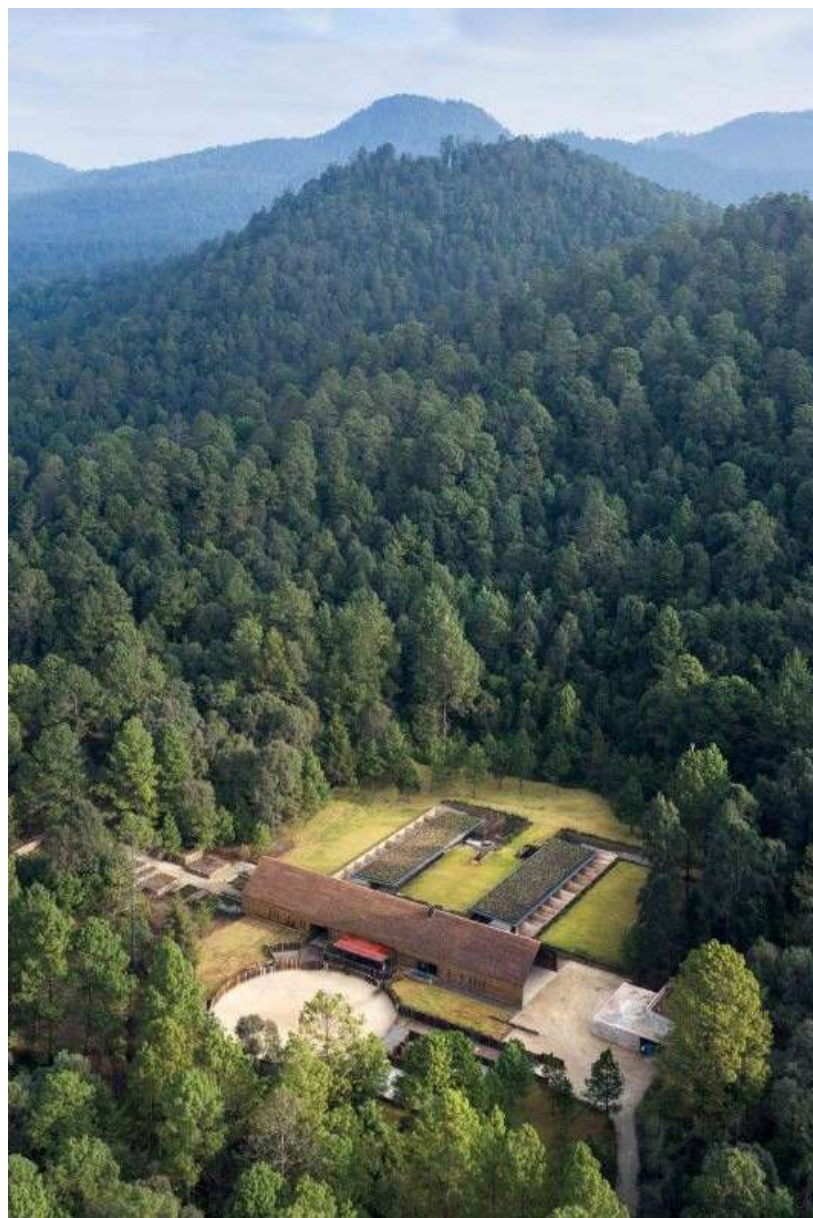
A harmonia deste conjunto de fatores, proporciona espaços com “*conectividad visual e transições suaves*”²³ através do desenho dos percursos, conexão de interior e exterior e escala dos elementos. Assim, sente-se a intenção de procurar alcançar o equilíbrio entre a natureza, o homem e o cavalo, tendo sempre presente os momentos de acolhimento e contemplação massa arbórea que rodeia a obra.



24 | Planta e Corte do Centro Equestre de Valle Bravo

²² | A estrutura central, alberga 4 suítes no piso superior, e, no piso inferior, uma sala de estar que se caracteriza essencialmente pelo seu open space e grandes envidraçados direcionados para o picadeiro e para a paisagem envolvente.

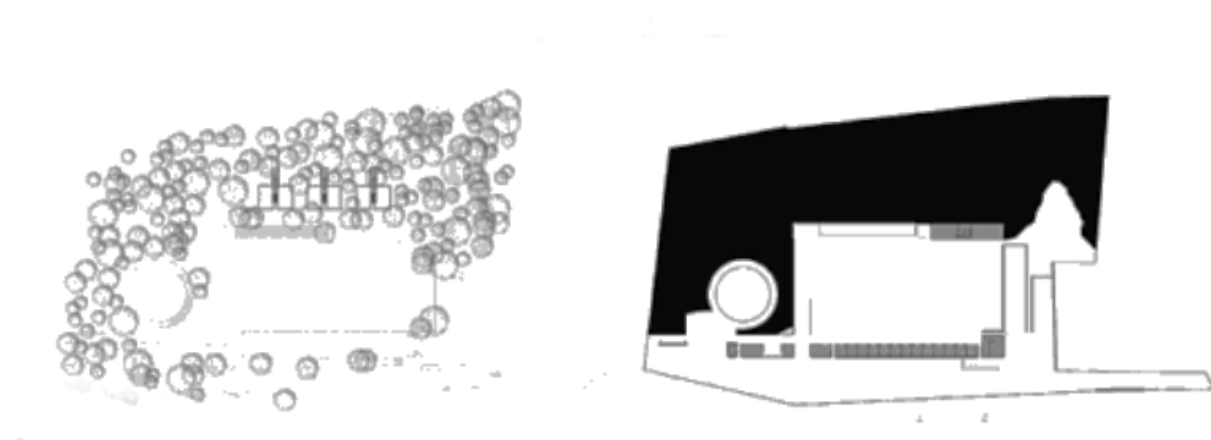
²³ | Alvarez, Heredia em <https://www.architectural-review.com/awards/ar-emerging/equestrian-centre-in-valle-de-bravo-mexico-by-cc-arquitectos>



25 | Enquadramento do projeto na paisagem



26 | Conjunto de imagens dos os espaços e escolha de materiais



27 | Planta do Centro Equestre de Puebla.

O lugar e a paisagem, caracterizados pelo ambiente rochoso, foi o ponto de partida para a conceção deste projeto. Com uma imagem contemporânea e utilizando alguns elementos característicos da arquitetura vernacular, o centro hípico funde duas funcionalidades: residencial e equestre. Os elementos principais são o picadeiro, o redondel, os estábulos e o conjunto habitacional privado. Ao contrário dos estábulos de Polo de Figueras que iremos ver a seguir, a topografia apresenta-se irregular, tornando-se um desafio para inserção do picadeiro. Verifica-se que são feitos vários muros de contenção e as funções de cada espaço são atribuídas a cada cota, tirando proveito também dos conjuntos de árvores existentes.

A inserção dos volumes construídos na paisagem e a relação com o lugar, é relevante por vários aspectos. A privacidade é conseguida pela paisagem que envolve cada espaço, e pela utilização de materiais locais (rocha), que alicerça o projeto ao lugar, dando a ideia de que sempre ali existiu. Por outro lado, os outros materiais utilizados, ocasionam um contraste na linearidade arquitetónica da superfície orgânica das rochas colocadas por toda a envolvente, dando ideia que a obra pertence a alguma ruína previamente existente.



28 | Conjunto de imagens dos espaços e escolha de materiais

Os estábulos de Pólo Figueras²⁴ localizam-se numa região particularmente conhecida por “*Las Pampas*“. Pampa, na cultura indígena, significa: “*grande planície coberta de vegetação rasteira, sobretudo de gramíneas, característica da parte meridional da América do Sul, especialmente da Argentina, e que constitui zona de boas pastagens(...)*”.²⁵ Esta característica da paisagem, contribui de forma significativa para o projeto através da sua forte sensação de horizontalidade e amplitude do projeto.

O programa divide-se em dois momentos: uma utilização social direcionada para a pista de pólo e, no lado oposto, uma zona de serviço para os trabalhadores. Assim, só a parte central do projeto se abre para o público, através de um espelho de água, e dos espaços exteriores cobertos. Ainda neste momento de uso social, parte do terreno é estrategicamente elevado em relação ao edifício, tendo como funcionalidade servir de bancada natural (para se assistir às partidas de pólo), e essencialmente, ajudar a dissolver o projeto na paisagem.²⁶

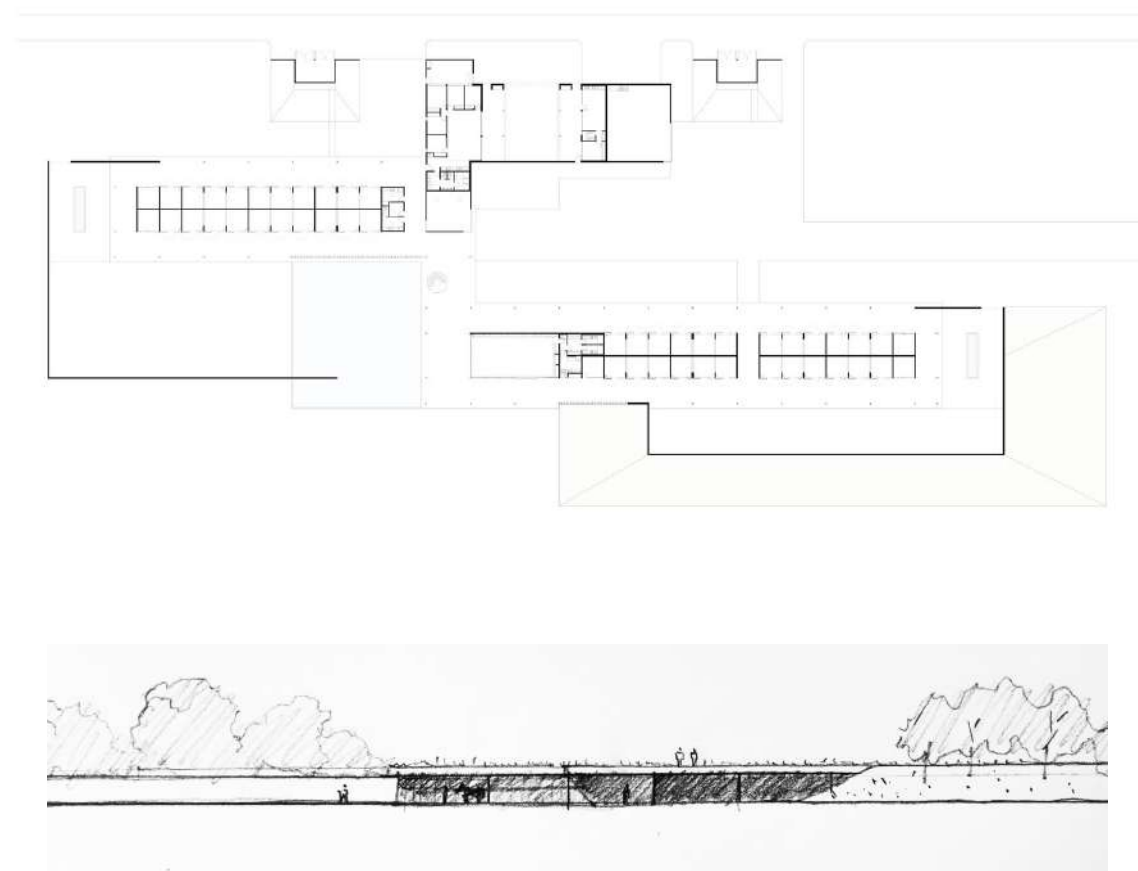
Desprovido de ornamentação, o edifício é concebido essencialmente em betão aparente, aço e madeira.

O projeto não se limita a responder às questões funcionais, proporcionando aos espaços criados uma relação íntima com o animal, de serenidade e contemplação. Em conformidade com a paisagem e o lugar em que se insere, denota-se que procura uma afirmada horizontalidade que a grande planície onde se insere, proporciona e acentua. Verifica-se também uma intencional simplicidade dos elementos constituintes no desenho de cada espaço. Verificam-se relações próximas com Frank Lloyd Wright, ao inspirar-se na paisagem; com Mies Van Der Rohe pela espacialidade fluida, sustentada por planos de betão assentes em aço, onde os detalhes são marcados única e estrategicamente através da pureza dos materiais. Os princípios de Luís Barragán também estão presentes no desenho do projeto, quando é utilizada a fonte e espelho de água.

24 | Projeto para o jogador profissional de pólo, Ignacio Figueras Bermejo.

25 | “pampa”, in Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/pampa>

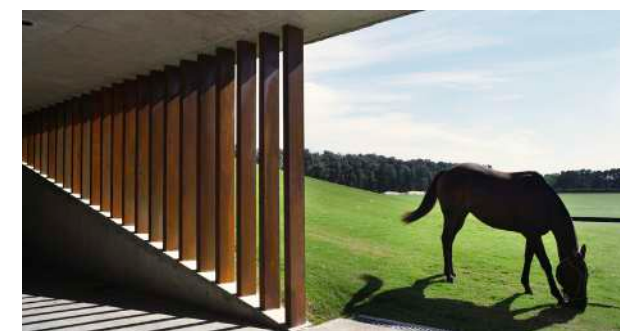
26 | Serve também de acesso à cobertura ajardinada.



29 | Planta e Esquízo dos Estábulos de Pólo Figueras.



30 | Enquadramento do projeto na paisagem



31 | Conjunto de imagens dos espaços e escolha de materiais

Em paralelo

Nos três exemplos referidos, a questão da materialidade é um dos pontos de destaque. Não só porque dita a forma e a estrutura arquitetônica, como também ajuda à integração no local, usando-se predominantemente, a madeira e materiais da zona, empregados tanto no exterior como no interior. Por outro lado, o betão e o aço também são utilizados, afirmando-se fortemente como estrutura e presença na paisagem. Num outro sentido, naturalmente, as condições climáticas também influenciam a escolha dos materiais. A preocupação com a luz também não é deixada de parte, notando-se uma busca pela harmonia com a luz natural. As questões técnicas relacionadas com as necessidades dos cavalos, não se sobrepõem ao principal - inserção na paisagem e no lugar - , tornando-se assim tão naturais quanto o seu meio envolvente. O tratamento dos espaços sociais para os cavalos, cavaleiros e visitantes desempenham um papel essencial, tornando os centros equestres não só apenas locais de desporto e competição, como também de entretenimento e lazer.

Nos três casos sente-se a serenidade proporcionada, que vai harmonizar com a presença majestosa do cavalo. As diferentes paisagens em cada um, mostram-nos como é possível criar diferentes abordagens, e, apesar da aparente simplicidade das necessidades básicas do cavalo, os centros hípicas são um tipo de programa com um potencial criativo ilimitado. Contudo, o fascínio pelos cavalos e a criação de espaços adequados aos mesmos, leva a uma maneira única de se vivenciar o espaço - que é feito sobretudo para eles e para quem os admira.

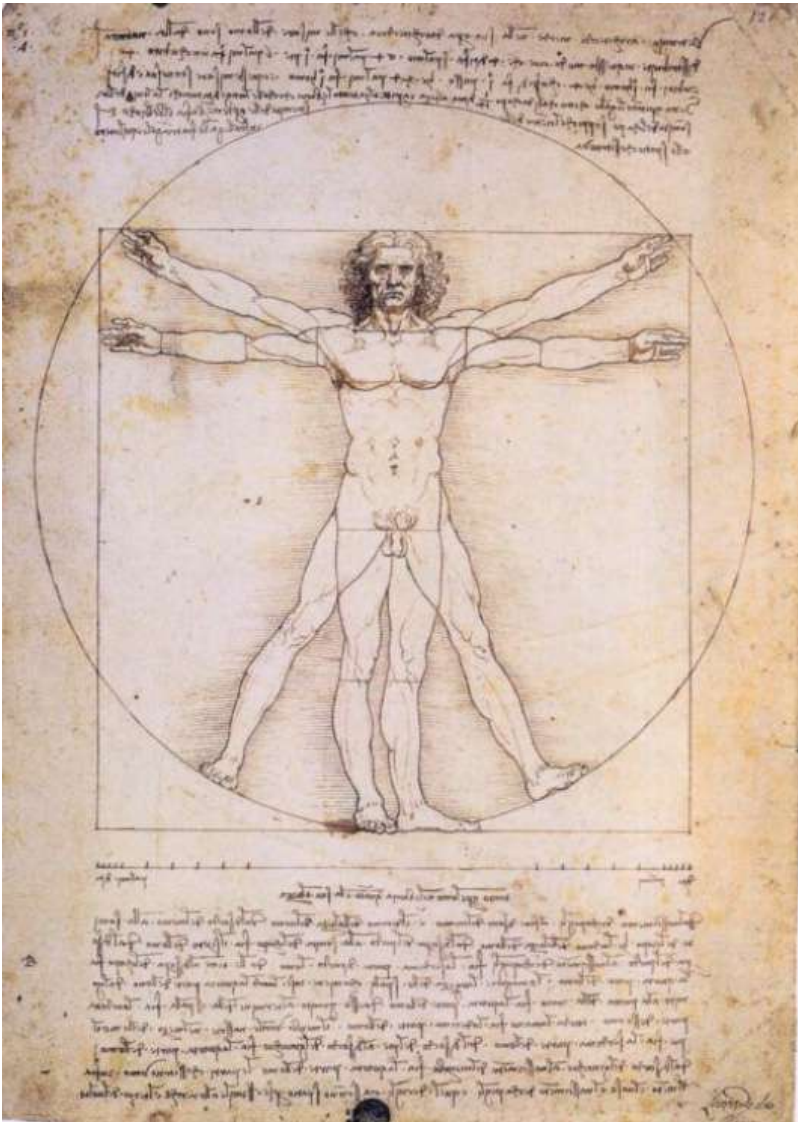
O termo escala tem uma infinidade de significados, e desde cedo, o homem, intuitivamente, procurou a dimensão do corpo humano para estabelecer medidas, na concepção de qualquer espaço. É através do nosso corpo que temos essa percepção, pelos cinco sentidos e pelas dimensões que o constituem.

Homem

No tratado de Vitrúvio encontramos os primeiros estudos aprofundados sobre as dimensões e proporções do corpo humano, como referência para a arquitetura. O autor refere que “(...) *como a natureza projetou o corpo humano para que os seus membros sejam devidamente proporcionais à imagem num todo, parece que os antigos tinham boas razões para as suas regras, que em edifícios perfeitos, os diferentes membros, devem estar com exatas relações simétricas para todo o esquema geral.*”²⁷

“1. O desenho de um templo depende da simetria, cujos princípios devem ser cuidadosamente observados pelo arquiteto. São derivados da proporção, na Grega ἀναλογία. Proporção é a correspondência entre as medidas das partes de uma obra inteira, e de um todo como parte selecionada como padrão. Através disso, resultam os princípios da simetria. Sem simetria e proporção, não pode haver princípios para o desenho de um templo; conforme não havendo precisão na relação dos membros no caso de um homem bem proporcionado.”²⁸

A admiração pelo corpo humano não ficou limitada ao tratado de Vitrúvio, pelo contrário, serviu de referência para estudos posteriores, como o de Leonardo Da Vinci (1452-1519), ao criar o Homem Vitruviano²⁹, a partir das dimensões descritas no tratado.³⁰



32 | Estudo do corpo humano por Leonardo da Vinci, Homem Vitruviano, 1490



33 | “Study of proportions of the face with details of eyes, notes and some arithmetical operations” 1489-1490. Turin, Biblioteca Real

27 | VITRUVIUS (1914) – “Ten books on architecture.” Tradução por Morris Hicky Morgan. p.73

28 | ibidem; p.72

29 | Homem Vitruviano, é uma das obras de Leonardo da Vinci. Faz referência a Vitruvius e ao seu tratado “De architectura”, no qual apresenta a sua teoria de construção de edifícios em relação com as proporções do corpo humano.

30 | Le Corbusier (1887-1965), também aborda a questão do corpo humano através de um sistema de medidas - O Modulor : “(...) o Modulor é um aparelho de medição baseado na altura humana e na Matemática. Um homem-com-o-braço-levantado dá os pontos determinantes da ocupação do espaço (...)” CORBUSIER , LE ; “El Modulador , Ensayo sobre una medida armonica a la escala humana , aplicable universalmente a la arquitectura y la mecanica “ ; Editorial Poseidon - Buenos Aires; p. 51;

Contudo, as dimensões do corpo humano, estudadas por vários autores para uma melhor concepção do espaço na arquitetura, não se limitou unicamente ao sentido físico das medidas. O homem possui um grupo de sentidos que veio a influenciar notavelmente a arquitetura. Ter em conta a visão, a audição, o olfato e o tato, são fatores que contribuem para uma arquitetura mais íntima com o homem e a sua escala.

Este grupo sensorial é o princípio para a criação de uma atmosfera. Para além de projetar espaços com inúmeras características físicas, de formas, alturas, o arquiteto tem como função fundamental a criação de atmosferas que promovam a conexão e vínculo do homem com uma obra.

Peter Zumthor, aborda o tema dos sentidos e da atmosfera, na sua obra. Proveniente de uma palestra³¹, criou o seu livro “Atmosferas”, no qual retrata a ligação da sua arquitetura com o lugar que as envolve, através de doze parâmetros relacionados com os sentidos:

1. **Corpo da arquitetura.** “*A presença material dos objetos de uma arquitetura da construção.*”

2. **A consonância dos materiais.** “*Colocamos as coisas de forma concreta, primeiro mentalmente, depois na realidade.*”

3. **Som do espaço.** “*Cada espaço funciona como um instrumento grande, coleciona, amplia e transmite sons. Isso tem a ver com a sua forma, com a superfície dos metais, e com a maneira como estes estão fixos*”

4. **Temperatura do espaço.** “*(...) ocorre-me a palavra temperar. (...) Quer dizer que esta temperatura é física e provavelmente também psíquica, O que vejo, o que sinto, o que toco... mesmo com os pés.*”

5. **As coisas que me rodeiam.** “*Esta ideia de que entrarão necessariamente coisas num edifício que eu como arquiteto não concebo, mas nas quais penso, dá-me de certa forma uma visão futura dos meus edifícios, que se desenrola sem mim.*”

6. **Entre a serenidade e a sedução.** “*Achamos muito importante criar um certo “vaguear livre”, não conduzir, mas seduzir. Por exemplo, um corredor de hospital: condução. Mas também existe a sedução, o deixar andar, o vaguear, e isto nós os arquitetos conseguimos fazer.*”

7. **A tensão entre interior e exterior.** “*Na arquitetura retiramos um pedaço do globo terrestre e colocamo-lo numa pequena caixa. E de repente existe um interior e um exterior. Estar dentro e estar fora.*”

8. **Degraus da intimidade.** “*Relaciona-se com proximidade e distância. Um arquiteto clássico diria escala.*”

9. **A luz sobre as coisas.** “*Onde está a luz e de que forma. Onde existem sombras. E como as superfícies estão baças ou brilhantes ou ressaltam da profundidade.*” ;

10. **A arquitetura como espaço envolvente.** “*Quando faço um edifício, um grande ou um pequeno complexo, gosto muito de imaginar que este se torna parte integrante do espaço envolvente.*”

11. **Harmonia.** “*A arquitetura é feita para nós a utilizamos. Não é nenhuma das Belas Artes. Acho que esta também é a tarefa mais nobre da arquitetura, o facto de ela ser uma arte para ser utilizada. Mas o mais belo é quando as coisas se encontram, quando se harmonizam.*”

12. **A forma bonita.** “*Encontro-a talvez em ícones, reconheço-a por vezes em naturezas mortas, que me ajudam a ver como algo encontrou a sua forma, mas também nas ferramentas do dia a dia, na literatura e nas peças musicais.*” ³²

31 Palestra ministrada no Palácio de Wendling Hausen, na Alemanha.

ZUMTHOR, Peter; “*Pensar la arquitetura*”, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2005; 1- p.23/ 2-p.23/ 3-p.29/ 4-p.33/ 5-p.35/ 6-p.43/ 7-p.47/ 8-p.51/ 9-p.57/ 10-p.65/ 11-p.67/ 12-p.73

As piscinas das marés e as termas de Vals, são projetos intimamente ligados à vivência do espaço e preocupação com a escala na paisagem e escala do corpo. Independentemente das diferenças que tenham entre si, são obras que

Uma das obras que transparece esta atmosfera e pluralidade de sentidos, são as Termas de Vals, erguidas sobre fontes termais do Cantão de Grisões, na Suíça.

Um local termal, por si só, é um momento de retiro, um espaço que se distancia do dia a dia do quotidiano. A arquitetura torna-se o vínculo para este momento de retiro, a harmonia da natureza, água e arquitetura, originam uma experiência não só a nível de sentidos mas também de espaços, onde a tranquilidade, serenidade, meditação, se fundem num só lugar. Os marcantes blocos altos, que constituem o espaço de banho, desenham uma paisagem forte, evocando a ideia de uma floresta cinzenta, proporcionando uma sensação de escala muito diferente da familiar, vinculando para um sentido espiritual, uma conexão com a imensidão do universo. O piso, revestido a pedra com diferentes texturas, lembra a época primitiva em que o homem explorava o mundo descalço, e tudo era sentido através do toque. Os elementos principais são a pedra, a água e a luz, relacionados em conjunto, que permitem a passagem de luz pela cobertura, e o correr da água pelo pavimento.

O projeto apresenta detalhes muito peculiares. Sente-se uma escala espiritual, mas por outro lado, os pormenores de texturas, tamanhos de pedras, juntas, portas, a luz, a cor, a temperatura, ajudam à aproximação para uma escala mais doméstica, trazendo tranquilidade e segurança com o espaço. A relação direta entre os elementos característicos do lugar - a água, a pedra - com o corpo, conecta-nos com os nossos sentidos, os 5 sentidos do corpo humano. Tornando assim um projeto com sentido, para os sentidos.

A piscina das marés é um projeto localizado em Leça da Palmeira e caracteriza-se essencialmente por ser um edifício vinculado à linha da marginal, articulado com as rochas e com o mar. A escala do homem está presente no sentido da relação do corpo com a arquitetura, não só pelo seu desenho cuidadoso em relação à paisagem, como também pela aproximação íntima ao corpo humano.

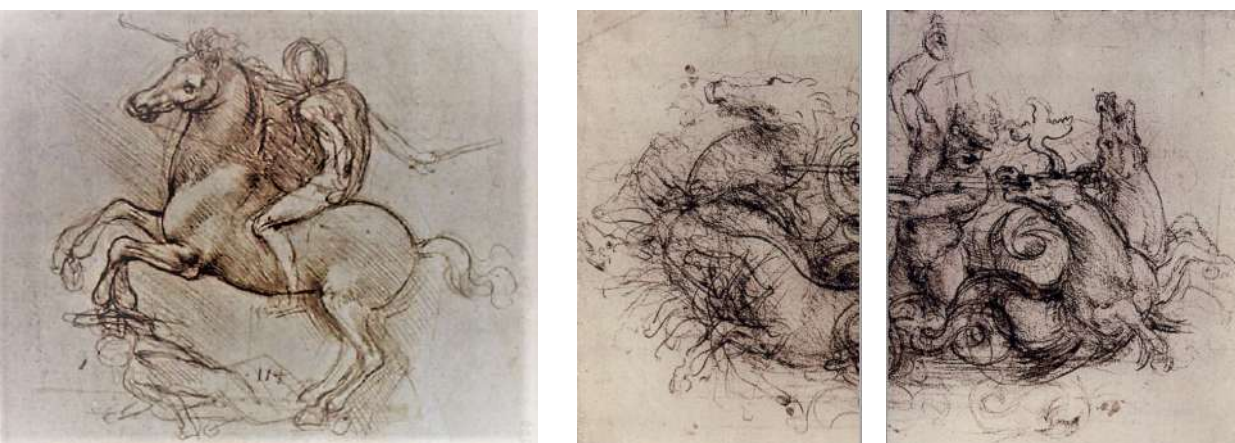
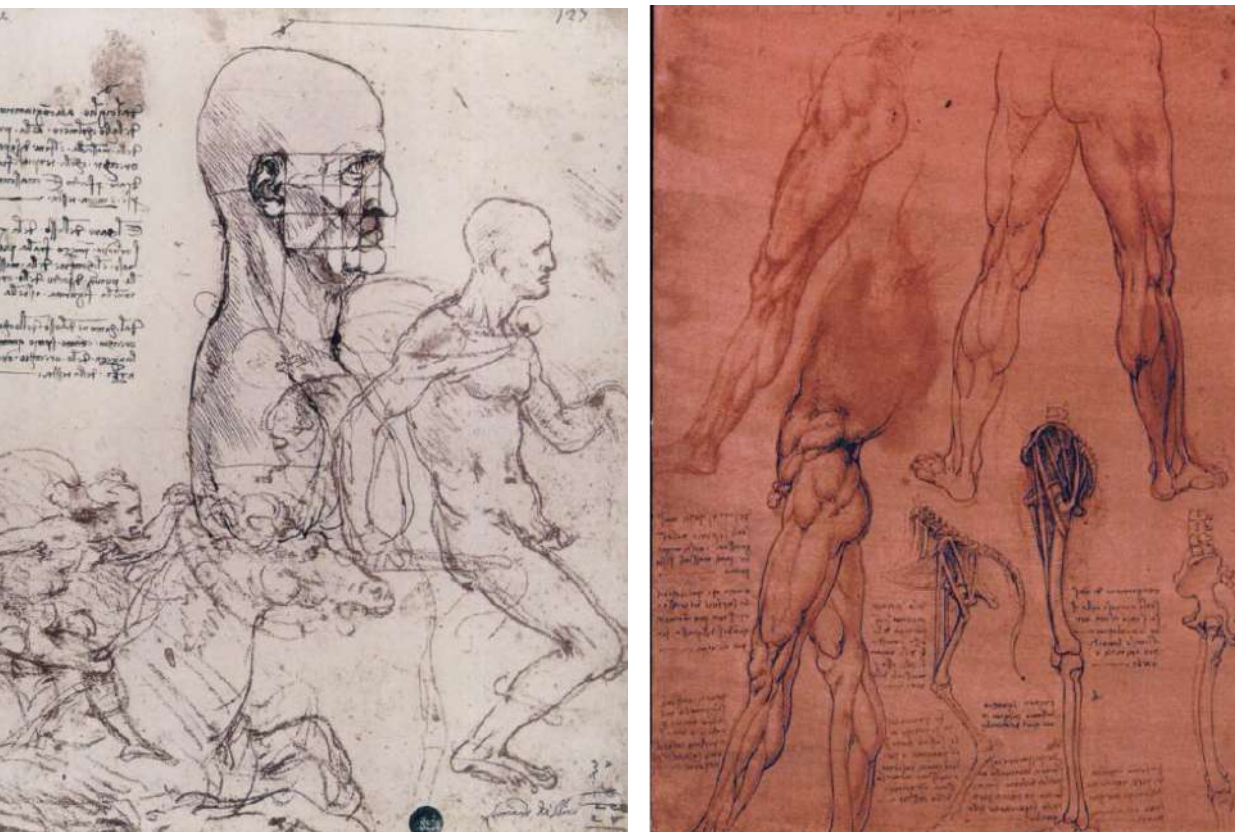
O betão aparente, característico da obra, mistura-se com as tonalidades das rochas, atenuando a distinção entre natural e construído. A sensibilidade ao lugar e à inserção na paisagem sente-se, não só através do tratamento das textu-

Termas de Vals,
Peter Zumthor

Piscina das
marés,
Álvaro Siza

ras, como da conexão do edifício com o solo. A transição de cotas entre a marginal e a praia é amenizada quando Álvaro Siza desenha a cobertura ao nível dos olhos, permitindo uma relação visual com o mar e o horizonte e sobretudo uma variação sensível entre o meio citadino (urbano) e a praia (natural).

O percurso até à piscina, torna-se um elemento de igual importância e de proximidade com a escala do corpo e dos sentidos. Cria diversos acontecimentos à medida que é percorrido, e a luz torna-se um meio orientador para quem o frequenta. Os espaços são escuros, remetem à intimidade e acolhimento, como é o caso dos balneários em que o pavimento leva um acabamento diferente, com menos rugosidade do que é encontrado até então, dando continuidade ao percurso até à piscina, com os pés agora descalços. Gradualmente, com o aumento de luz, à semelhança do que acontece nas termas de Peter Zumthor, o percurso conduz para a zona pública e desafogada, repleta de luminosidade e pavimento natural - rochas e areia. A materialidade da obra, no geral, composta por betão aparente, madeira escura e jogos constantes de luz/sombra, não carece de qualquer tipo de ornamento, pelo contrário. A harmonia do conjunto de materiais, preenchem o espaço com uma atmosfera espiritual.



34 | Desenhos de relação do homem com o cavalo por Leonardo da Vinci

O cavalo

estabelecem uma forte relação com o lugar e com o homem, trabalhando com a paisagem e com as necessidades dos sentidos, e não a uma arquitetura completamente autónoma que se desliga por completo do que a envolve.

Leonardo Da Vinci

Interessa-nos introduzir um elemento imprescindível para a dissertação- o cavalo e a sua escala. Desde Leonardo Da Vinci, encontramos estudos da anatomia do animal, que foi surgindo de forma mais aprofundada quando lhe foi pedida a execução uma estátua equestre³³, e “ficou tão envolvido com esses estudos que decidiu começar um tratado sobre a anatomia dos cavalos.”³⁴

Os desenhos/esquissos dos cavalos de Leonardo Da Vinci, eram de uma delicadeza e sensibilidade extrema. “Leonardo ficou particularmente interessado por um puro-sangue inglês (...) Desenhou-o com vários ângulos, e num dos seus desenhos detalhados de uma perna dianteira, registou 29 medidas diagramadas com precisão(...)”³⁵. Observa-se que são de carácter extremamente minucioso, quer nas formas do animal, quer nos seus movimentos naturais, e o mais interessante é a atenção na comparação com a anatomia humana. Da Vinci, coloca o homem não só em comparação com o cavalo, como também montado nele, explorando os movimentos do animal por si só, e com o cavaleiro.

Luis Barragán

“É possível testemunhar esse processo desvelando-se à medida que trabalha o cavalo: as medidas e observações cuidadosas são registadas nos seus cadernos, e dão origem a uma série de diagramas, gráficos, esboços e belíssimas ilustrações nas quais arte e ciência se misturam. Essa prática foi o que o levou em determinado momento a estudar anatomia comparativa; num conjunto de desenhos futuros, desenhou músculos, ossos e tendões da perna esquerda de um homem ao lado do desenho da perna traseira do cavalo dissecada.”³⁶

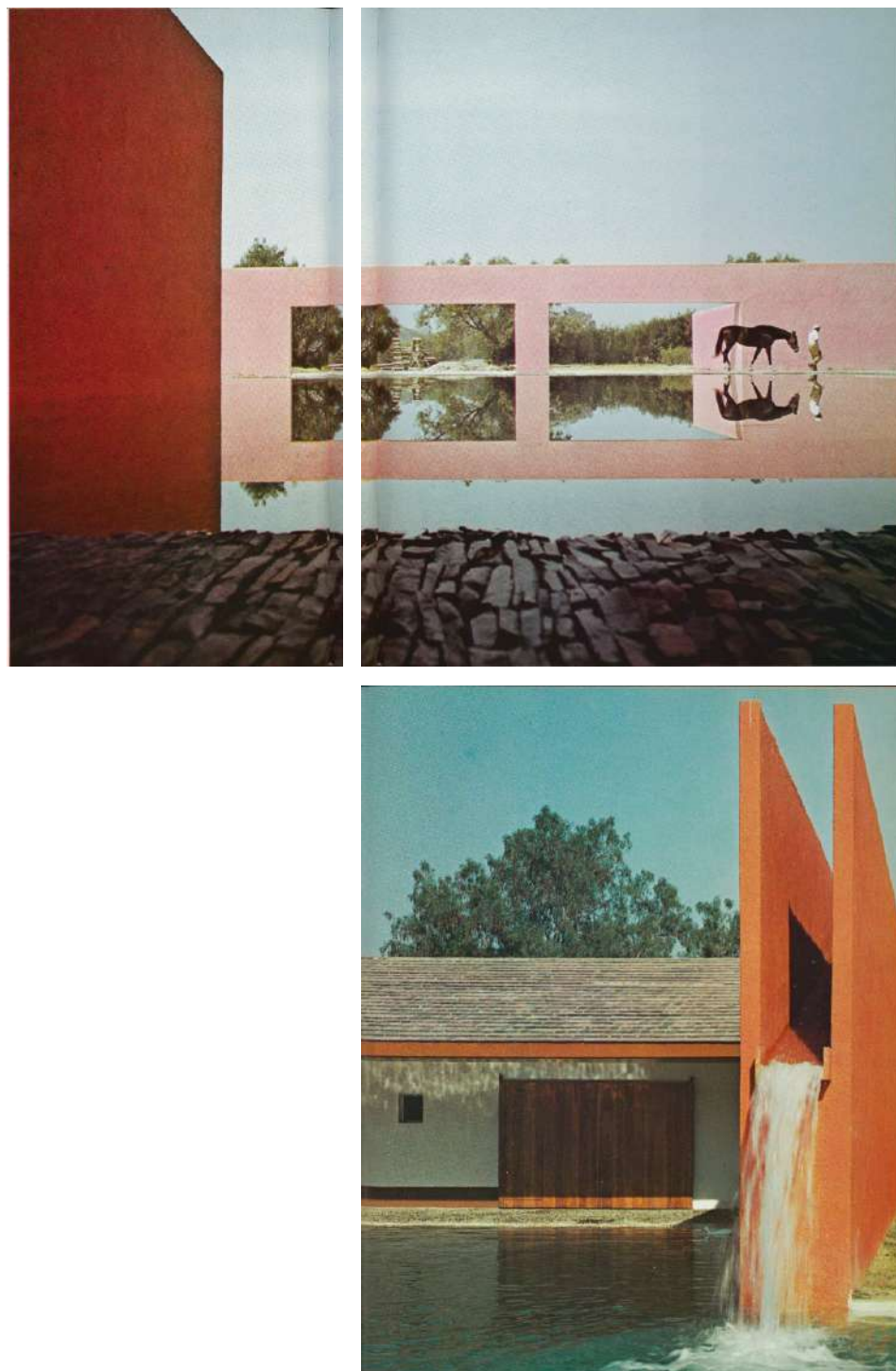
Viajando para uma época mais recente, lembramos Luis Barragán (1902-1988), um arquiteto do século XX e a sua relação próxima com o cavalo, realizando mesmo a prática da equitação. A paixão vinda desde a infância, prolonga-se durante toda a sua vida e reflete-se nos seus projetos. O facto de montar a cavalo, e a sua perspetiva como cavaleiro, proporciona uma sensibilidade e um ponto de vista diferente no desenhar dos espaços. O projeto para os estábulos de San Cris-

33 | “(...) Leonardo foi incumbido de produzir um modelo na forma de um grande cavalo montado pelo duque Francesco na sua armadura completa.” ISAACSON, WALTER : “Leonardo da Vinci” (2017); p.333

34 | ibidem; p. 338

35 | ibidem; p. 338

36 | ibidem; p. 338



35 | Estábulos de San Cristóbal , Luís Barragán
1967 -1968

tóbal, destaca-se por traduzir, a nosso ver, um vínculo com o cavalo e a paisagem. Sabe-se que os tempos de infância foram em volta do mundo rural e do animal, e essas vivências transparecem como memórias no projeto “(...) *a casa, a praça, os cavalos, as árvores e a água que vem de muito longe.*”³⁷

O projeto evidencia-se pela sua atmosfera muito singular, criada através das paredes que são “(...) *desenhadas para a escala do cavalo. Debaixo de sol, refletidas na piscina e envoltas pelo silêncio, as paredes hieráticas adquirem um significado lendário. Neste cenário, o cavalo é o Ator; saindo e entrando por duas aberturas magistrais cortadas numa comprida parede rosa, enquanto os cavaleiros entram calmamente através da casa e as cavalariças filtram entre uma dupla camada de paredes púrpuras.*”³⁸

A composição ortogonal da obra, abraça uma atmosfera poética, onde a arquitetura, a natureza, a beleza³⁹, o silêncio⁴⁰, a serenidade⁴¹, a água⁴² e o cavalo, se harmonizam num só lugar. A abstração dos grandes planos, destaca as silhuetas dos cavalos, a altura das mesmas desenha o céu e controla a vegetação envolvente, tornando o espaço com um carácter fortemente expressivo, em que o cavalo é o elemento de maior destaque. O arquiteto joga com a espessura dos grandes planos para permitir o desenho de pórticos, cortes para enquadramento de paisagem e a inserção de um elemento importante na arquitetura mexicana, a água, neste caso a chamada “*fonte dos amantes*”. Uma fonte que é o bebedouro dos animais, e que forma um tanque largo, devidamente calculado, para permitir a entrada dos cavalos de forma segura“ (...) *in my fountains, silence sings.*”⁴³

O som da água está sempre presente, e como em várias outras obras, o projeto remete a um lugar de repouso e vínculo com o animal, através dos espaços exteriores que são amplos, mas recolhidos, tornando-o um lugar de encontro pessoal, espiritualidade e reflexão a céu aberto, sempre em contacto com o cavalo.

37 | ibidem; p.91

38 | ibidem; p.91

39 | “(...) *A vida humana privada de beleza não é digna de ser chamada assim.*” em BARRAGÁN, LUIS (1980) , Laureate Acceptance Speech; p.1

40 | “(...) *Sempre me esforcei para permitir o plácido murmúrio interior do silêncio, e nas minhas fontes o silêncio canta.*” ibidem p.1

41 | “ *A serenidade é o grande e verdadeiro antídoto contra a angústia e o medo, e hoje, mais do que nunca, cabe aos arquitetos fazer dela um hóspede permanente da casa, por mais suntuosa ou humilde que seja.*” ibidem p.1

42 | “ *Enquanto acordado ou a dormir, as doces lembranças de fontes maravilhosas foram me acompanhando por toda a minha vida. Lembro-me das fontes da minha infância (...)*” ibidem p.2

43 | ibidem p.1

A arquitetura está estreitamente ligada ao homem e à sua vida. Partindo do reconhecimento do espaço que nos envolve, é importante perceber esta visão direcionada a partir da escala humana para o mundo, e vice-versa. A intenção de projetar “para” e “com” o lugar, esteve constantemente no nosso pensamento. No caso concreto da intervenção desenvolvida não podemos dissociar a importância do lugar e das suas relações de proximidade, como também, da relação com a paisagem onde se insere, ou seja, da sua circunstância.

E, como disse Fernando Távora relativamente à atividade do arquitecto:

“Os seus campos de atividade são múltiplos - porque múltiplas são as facetas do espaço organizado. Projecta e realiza edifícios, dedica-se ao planeamento do território a escalas várias, desenha mobiliário.

Para ele, porém, projectar, planear, desenhar, devem significar apenas encontrar a forma justa, a forma correcta, a forma que realiza com eficiência e beleza a síntese entre o necessário e o possível, tendo em atenção que essa forma vai ter uma vida, vai constituir circunstância.

Sendo assim, projetar, planear, desenhar, não deverão traduzir-se para o arquiteto na criação de formas vazias de sentido, impostas por capricho da moda ou por capricho de qualquer outra natureza. As formas que ele criará deverão resultar, antes, de um equilíbrio sábio entre a sua visão pessoal e a circunstância que o envolve e para tanto deverá ele conhecê-la intensamente, tão intensamente que conhecer e ser se confundem.

E da circunstância deverá ele contrariar os aspectos negativos e valorizar os aspectos positivos, o que significa, afinal, educar e colaborar. E colaborará e educará também com a sua obra realizada. (...)

Escala

Que seja assim o arquitecto – homem entre os homens – organizador do espaço – criador de felicidade.”⁴⁴

Perceber de forma consciente o conceito de escala e, em simultâneo, da abrangência da paisagem, e da relação constante que estabelecem entre si, foi importante no desenvolvimento do nosso trabalho.

“ Em arquitetura, dizemos que um edifício tem problemas de escala

44 | TÁVORA, Fernando; ‘Da organização do espaço’, Porto, Edições FAUP, 1996; p.74

*quando o seu “ tamanho”, ou se quisermos as suas dimensões reais, nos parecem de alguma maneira desajustadas à circunstância concreta em que o edifício se encontra. Quando, pelo contrário, o edifício nos parece ter a dimensão adequada à circunstância, dizemos vulgarmente que ele se encontra bem proporcionado.”*⁴⁵

Perante o percurso feito durante os anos académicos, a noção de escala foi-se desenvolvendo, não só no que diz respeito ao saber olhar a arquitetura, como também nos traços de desenho propostos nos exercícios de projeto para algum lugar. O processo de projeto tornou-se num ajuste constante de escala, proporção e harmonia, passando por fases de retrocesso para alcançar o controle no desenho, inúmeras vezes, com difícil sucesso.

*“ Em arquitetura, o problema da escala coloca-se a partir do momento em que uma determinada solução arquitetónica começa a definir-se, isto é, a partir do momento em que o projeto começa a adquirir uma determinada forma precisa, em linhas gerais uma forma, se não mutável, quase inflexível.”*⁴⁶

O desenho, inicialmente livre, ou o pensamento de quem observa a circunstância onde vai intervir, é naturalmente condicionado pelas suas características: edifícios, ruas, árvores, linhas de água, etc, e, vai-se transformando à medida que os diferentes elementos são reconhecidos. A procura do reconhecimento da escala de determinado lugar, está presente desde o primeiro traço. No sítio, observando e sentindo o que nos rodeia; no desenho em planta, corte ou alçado, no reconhecimento das distâncias, e das proporções, quando procuramos a medida precisa para as alturas e outras relações de igual relevância. A escala do homem, as suas medidas, estão do mesmo modo presentes, sobretudo na aproximação aos espaços e detalhes que o compõem, tornando-se elemento imprescindível desde o primeiro momento (porque a arquitetura é feita para o homem e a partir dele). Isto é, ao referirmos que o processo de projeto inicia pela observação do lugar, não queremos dizer que seja apenas uma escala afastada, deve ser feita de recuos e avanços, de aproximações e distanciamentos que permitam o controlo das diversas dimensões do projeto. Este é o caminho que procuramos, o desenho a partir do homem e do cavalo, mas também da paisagem que os envolve.

45 | RODRIGUES, José Miguel; O Mundo Ordenado e Acessível Das Formas Da Arquitetura (2013); p.200

46 | ibidem; p.201

*“Para mim a arquitetura é um tema de espaço e de relacionamento, de infundável relacionamento. A arquitetura define-se pelas relações que estabelece, algumas involuntárias.”*⁴⁷

*“(…) a escala parece, assim, poder constituir um instrumento que permite relacionar simultaneamente a medida e a disposição, seja dos edifícios, seja dos espaços, seja ainda dos objetos.”*⁴⁸

Na arquitetura, a escala funciona como elemento essencial e constante, que permite estabelecer frequentemente as relações com o homem, com o espaço, com a cidade, e com a paisagem. Assim, o culminar dos elementos e tudo o que dela deriva, conduz a que a harmonia surja *“como um equilíbrio entre forças distintas”*.⁴⁹

O projeto de arquitetura procura o estabelecimento de relações. Relações entre espaços, entre edifícios próximos ou mais afastados, relações de altura, de interação com os elementos naturais, com tudo o que o envolve - a paisagem.

*“ (...) o uso comum da palavra paisagem tem conotações recorrentes, ora referindo-se a um sentido mais «naturalista» com uma paleta variável de elementos de referência ora, mais «culturalista», trabalhado no estilo literário, ou, com ou sem estilo, repescando récitas de um mundo rural, bucólico, pitoresco, «autêntico», reflexo da imagem de uma região agrícola ideal (Cadiou; Luginbuhl, 1995).”*⁵⁰

O homem tem um papel dominante na percepção de paisagem, devido à capacidade de a poder transformar, deixando *“(…) uma memória reveladora de diversas sedimentações ou marcas deixadas por sucessivas transformações.”*⁵¹

*“ A concepção de paisagem transforma-se – as paisagens são criadas pelas pessoas através da sua experiência e pelo seu envolvimento com o mundo que as rodeia.”*⁵²

Segundo Álvaro Domingues: *“Portugal, o último país da Europa,*

47 | ibidem; p.202 - Citação de Álvaro Siza, na nota de rodapé nr 3.

48 | ibidem; p.208

49 | ibidem; p.219

50 | DOMINGUES, Álvaro; “Paisagem Revisitada”, Finisterra, XXXVI, 2001, p.60

51 | ibidem; p.56

52 | ALVES, Teresa; “Paisagem - Em Busca do Lugar Perdido”, Finisterra, XXXVI, 2001, p.71

*conheceu transformações profundas e radicais: uma sociedade que se urbaniza, vastos territórios em tensão (des)povoados, ainda vividos pelos últimos guardiões de culturas rurais tradicionais, envelhecidos; regiões esvaziadas, ruínas, abandono, mas também novas construções, novos modos de vida, auto estradas, casas novas, novos sinais dissonantes da harmonia das paisagens de outrora.”*⁵³

Construído e natural, para além de num primeiro entendimento das palavras serem paralelos, estão intrinsecamente ligados quando se trata de perceber a paisagem, pois ambos se representam reciprocamente. Assim, podemos afirmar que o natural precede ao construído, mas ambos caracterizam a paisagem e simultaneamente, a presença e marca do homem no lugar. Os elementos que a compõem possuem vários significados e formas, assim, por todo o mundo irão naturalmente existir diferentes entendimentos que originam diferentes culturas. É aqui que a arquitetura é *influenciada e influencia*. A cultura reflete este vínculo da paisagem com o homem, sendo que é ele que intervém e a constrói.

Lugar

“Desde os tempos antigos, o *genius loci*, ou “espírito do lugar” tem sido reconhecido como uma realidade concreta que o homem tem de enfrentar e lidar na sua vida quotidiana.”⁵⁴

A arquitetura caracteriza-se essencialmente pela relação direta que permite estabelecer entre o homem e o lugar.

“O lugar é evidentemente parte integrante da existência”⁵⁵, e está desde sempre ligado à arquitetura. O desafio aqui, passa por refletir sobre este conceito que está para além da ideia mais familiar, descrita no dicionário: um lugar é “*espaço ocupado por um corpo, sítio*”⁵⁶. Interessa-nos estudar de que maneira poderemos compreender melhor a essência de um lugar, ou o seu “*genius loci*”⁵⁷.

“O que, então, queremos dizer com a palavra “lugar”? Obviamente que-remos dizer algo mais do que uma localização abstrata. Queremos dizer uma totalidade feita de coisas concretas com substância material, forma, textura e

53 | ibidem; p.56

54 | NORBERG-SCHULZ, Christian; ‘Genius Loci: towards a phenomenology of architecture’, Nova York, Rizzoli, 1980, p.5

55 | ibidem; p.6

56 | Dicionário de Língua Portuguesa, Porto, Porto Editora, 2011.

57 | “*Genius loci é um conceito romano. De acordo com a antiga crença romana, todo o ser “independente” tem o seu génio, o seu espírito guardião. Esse espírito dá vida às pessoas e lugares, acompanhando-os desde o nascimento até à morte, determinando o seu carácter ou essência.*” NORBERG-SCHULZ, Christian; ‘Genius Loci: towards a phenomenology of architecture’, Nova York, Rizzoli, 1980, p.18

*cor. Juntas, estas coisas determinam um “carácter ambiental” que é a essência do lugar.”*⁵⁸

Projetar implica, como já referimos, conhecer o lugar e analisá-lo como primeira ferramenta para o compreendermos.

“Arquitetura significa visualizar o *genius loci*, e a tarefa do arquiteto é criar lugares com significado, pelos quais ajudem o homem a habitar.”⁵⁹ Assim, o desafio do arquiteto passa por conseguir chegar à melhor relação da obra com o lugar - a *harmonia*, o *equilíbrio*. Um processo que passa pelo domínio da escala e proporção dos elementos.

As características do lugar condicionam as opções de projeto, sendo importante sentir a sua atmosfera e valorizar aquilo que lhe acentua o carácter. Esta consciência permite gerar uma dupla influência que funciona nos dois sentidos, isto é, o lugar influencia o projeto pela sua natureza, mas o projeto pode também influenciar o lugar, transformando e qualificando o espaço, havendo assim uma transformação mútua e uma nova identidade, agora, em interação. No entanto, é importante que tais transformações sejam controladas, de modo a não se perder a verdadeira essência do lugar, porque “(…) *muitas vezes construir num local muito belo equivale a destruí-lo.*”⁶⁰

Lugar e paisagem são conceitos diretamente relacionados. A paisagem, é construída por sucessivas marcas deixadas ao longo do tempo, o lugar, no sentido que nos interessa aqui definir, apresenta uma essência singular. É através desta intenção de enaltecer a essência do lugar, que faz sentido projetar. Havendo um cuidado em compreender as suas características, a sua escala e a sua atmosfera, podemos conseguir que o lugar faça realmente parte da arquitetura e a arquitetura parte do lugar. Atingir este equilíbrio torna-se desafiante, pois, no nosso caso de estudo concreto, existe um contraste acentuado de escala do lugar e a dimensão do programa que irá ser explorado - um centro hípico. Assim, compreender o “espírito do lugar” (*genius loci*), torna-se aqui um desafio que resulta na procura do equilíbrio entre a presença da arquitetura e o ambiente do lugar, sem nunca anular a identidade individual de ambos, como Fernando Távora refere quando diz :

58 | “What, then, do we mean with the word “place”? Obviously we mean something more than abstract location. We mean a totality made up of concrete things having material substance, shape, texture and colour. Together these things determine an “environmental character”, which is the essence of place.” ibidem; p.7

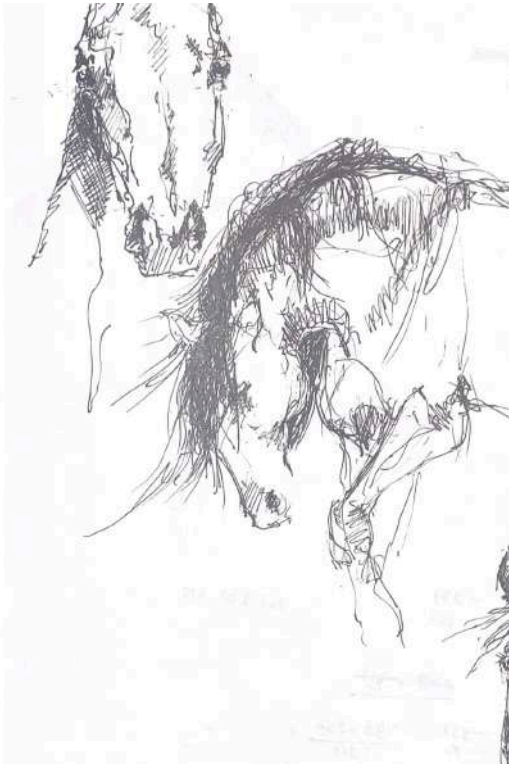
59 | ibidem; p.5

60 | SIZA, Álvaro; ‘Imaginar a Evidencia’, Lisboa, Edições 70, 2006; p.23

*“um equilíbrio sábio entre a sua visão pessoal e a circunstância que o envolve e para tanto deverá ele conhecê-la intensamente, tão intensamente que conhecer e ser se confundem.”*⁶¹

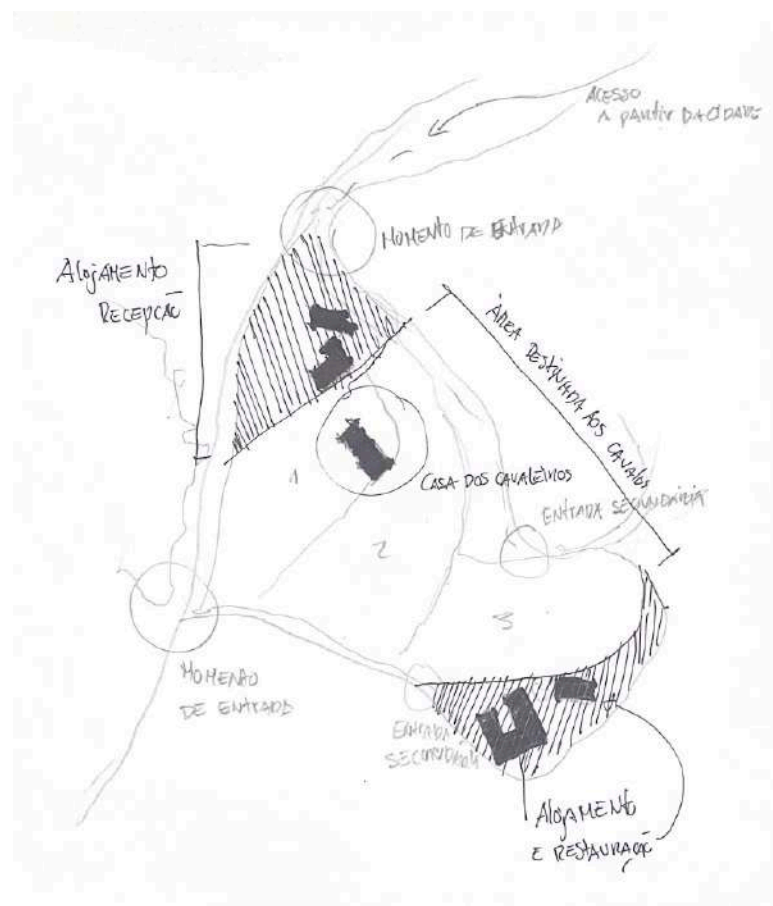
Devemos “olhar o mundo” de forma mais demorada, minuciosa. A atenção aos sentidos carece de uma aproximação sensível, é necessário voltar a sentir o espaço, saber ver e deixarmo-nos envolver com o que nos rodeia.

Capítulo III
O Processo de Projeto



36 | Cavalos (pela autora)

61 | TÁVORA, Fernando; ‘Da organização do espaço’, Porto, Edições FAUP, 1996; p.74



37 | Esquema inicial de hierarquização da área do terreno.

(pela autora)

Relativamente à implantação da proposta no terreno, a principal intenção passa por atender às suas características, respeitando o seu caráter durante todo o processo de desenvolvimento do projeto. O objetivo é integrar o construído, de forma a não retirar a identidade ao lugar nem, pela desadequação da sua escala, corromper com a paisagem. Assim procura-se uma harmonia com o existente, não anulando a nova proposta a ser implementada. O desafio é a procura de uma unidade que conecte a escala do lugar com os espaços de maior dimensão do programa equestre, jogando assim com o conjunto de escalas - homem e cavalo | centro hípico e cidade - para que se tornem parte integrante da paisagem. Ao nível da escala da cidade, a proposta procura evitar que o projeto entre em conflito com a paisagem e o perfil da cidade. Procurar-se-á que a volumetria da nova estrutura, se articule com a paisagem da margem norte do rio Tâmega, da qual nasce o perfil urbano do centro histórico da cidade.

Para além da inserção na paisagem, o projeto procurou uma boa localização. A localização de um equipamento público é sempre importante, independentemente da sua tipologia. Relativamente a centros hípicos, querem-se lugares calmos, de fácil acesso e sobretudo desprovidos do ruído urbano. Neste caso em particular, apesar de se encontrar perto do centro histórico, consegue ter as qualidades anteriormente descritas, com o privilégio de possuir vista sobre o rio e a cidade. Dá-mos como exemplo o centro hípico de Baião, que apesar de se encontrar num ambiente sereno, acaba por estar demasiado isolado e distante do núcleo urbano.

Ao longo de todo o processo que acompanhou o projeto, uma ideia ajudou a decidir as questões essenciais de desenho: emergir os elementos de menor escala, e submergir os elementos de maior escala. É neste sentido que todo o processo de projeto se procura encaixar. Perante a topografia do terreno, foi este o fio condutor em busca da escala e harmonia no lugar e na paisagem. Com isto, não se pretende anular a arquitetura, mas sim modelá-la e adaptá-la a um terreno com um relevo delicado e diretamente relacionado com a cidade - o lugar.

Para atingir uma unidade de programa que inclua os diferentes espaços (equestres, públicos, caminhos e espaços de transição), foram estudadas várias hipóteses. O projeto passou por várias fases que irão ser destacadas posteriormente, mas para um melhor entendimento da proposta, é importante ressaltar que foi necessário estabelecer uma hierarquia de funcionalidades atribuídas a diferentes áreas do terreno.



38 | Evolução de proposta de implantação.

(pela autora)

3.2 | Construção de uma estratégia de implantação

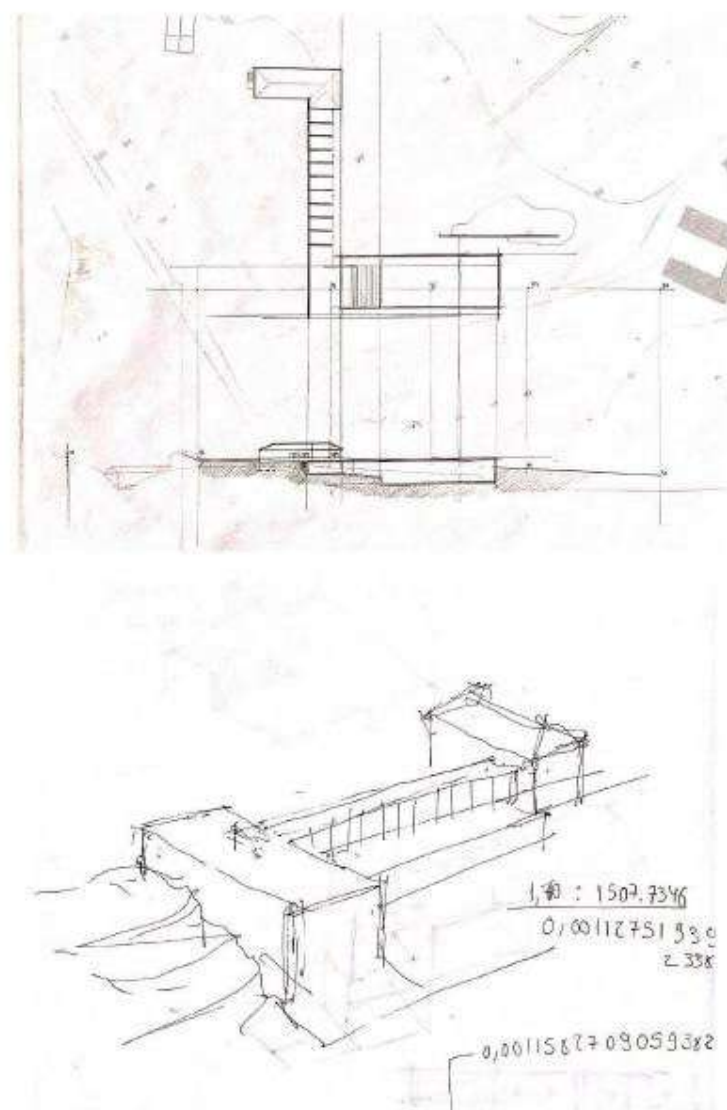
Como referido anteriormente, existem elementos preexistentes que se impõem no lugar. As casas e muros antigos, constituídos na sua maioria por alvenaria de pedra, mantêm desde sempre uma forte presença no lugar (ver desenhos do existente nas páginas 128 até 135). A topografia em diferentes cotas e a relação entre as construções, serão impulsionadoras para a procura de uma harmonia no conjunto dos espaços a propor. Através dos momentos de transição e das relações visuais entre o espaço e a cidade, quer-se um equilíbrio com a paisagem natural e urbana, através do desenho de projeto, da materialidade e da presença do cavalo.

Após vários processos de experiência relativos à implantação dos espaços principais do programa equestre, destacam-se duas opções de implantação: na primeira, o programa está estreitamente ligado à casa principal, tornando a proposta concentrada no ponto mais alto do terreno; numa segunda hipótese, o pica-deiro coberto solta-se, tornando-se o ponto que articula as duas cotas principais do terreno.

*“ A necessidade de originalidade conduz quase sempre ao abandono da essência de um determinado objeto. “*⁶²

Com o decorrer do processo, foi necessário recuar e refletir sobre o que realmente se pretendia no programa. Já que o pensamento acabou por se tornar demasiado focado no programa, acabando por se afastar das premissas iniciais, o seu enquadramento com a cidade e a paisagem.

62 SIZA, Álvaro; ‘Imaginar a Evidência’, Lisboa, Edições 70, 2006.; p.133



39 | 1ª fase de implantação.

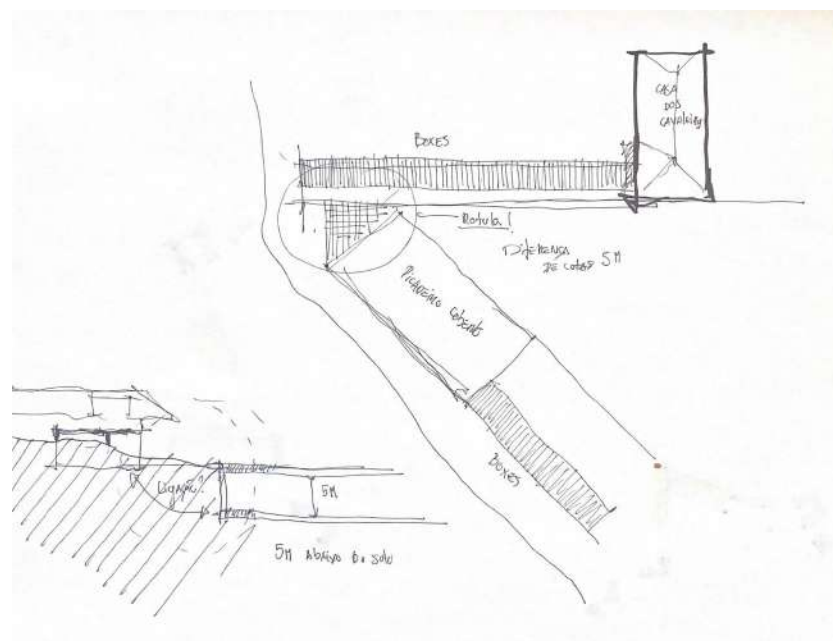
(pela autora)

Apesar de ser um lugar familiar à autora, pelos passeios feitos a cavalo, foram reconhecidas novamente as suas principais características, agora com um olhar mais atento.

Tendo em conta aspetos como a inserção e proximidade com a cidade, os acessos, a vegetação, as construções pré-existentes, a topografia e a área do terreno, o primeiro gesto e preocupação foi a inserção dos espaços principais do programa equestre (boxes e o picadeiro coberto⁶³) e, o uso a dar a cada construção existente. Assim, tendo a casa principal uma forte presença no perfil do terreno, torna-se o ponto de arranque para os primeiros traços do projeto, a ela se articula o corpo das boxes, do qual nasce perpendicularmente, o picadeiro coberto.

Nesta fase, a proposta focou-se essencialmente nestes três elementos - a casa principal, as boxes e o picadeiro coberto e nas hipóteses de inserção no terreno.

⁶³ Por serem os principais espaços de um programa equestre, e devido ao picadeiro coberto exigir uma área generosa.



40 | 2ª fase de implantação.

(pela autora)

Numa segunda fase, procurou-se explorar uma relação direta com a vista sobre a cidade, havendo a rotação do volume do picadeiro coberto de modo a acompanhar o limite natural do terreno, ficando assim diretamente voltado para o centro histórico.

A busca de relações com a paisagem é evidente, mas foi necessário refletir na essência da ideia daquilo que se pretendia encontrar. A unidade, a harmonia com a paisagem, mas também a relação com o próprio local. Até agora tinham sido atitudes um pouco impulsivas, estava em falta o culminar de todos os aspectos que este trabalho explora: *paisagem, lugar, escala, homem, cavalo e natureza*.



41 | 3ª fase de implantação.

(pela autora)

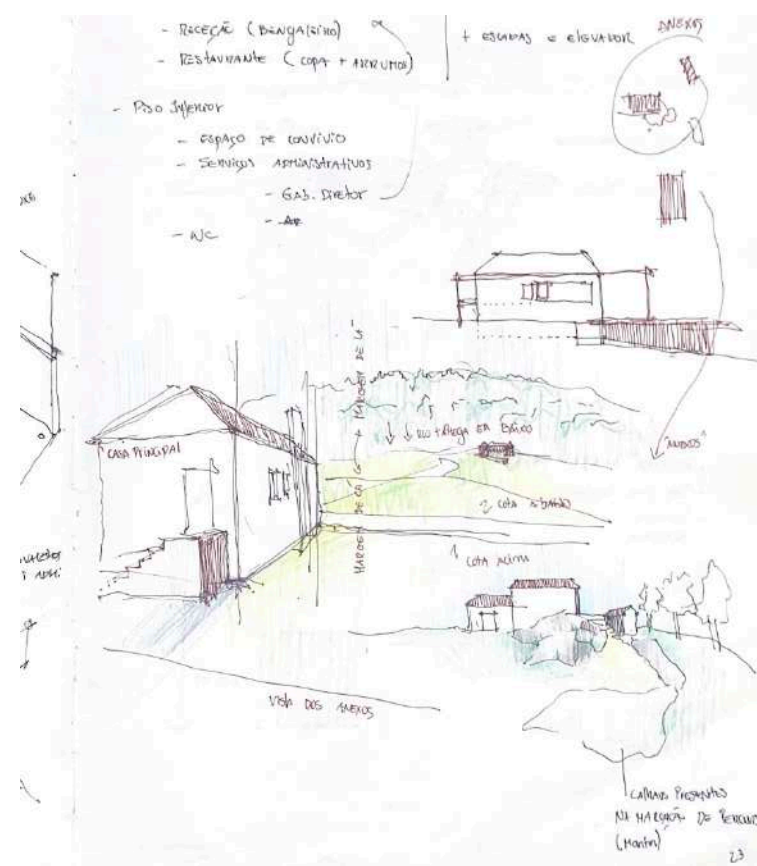
Voltou-se a fazer uma aproximação ao local, observando mais criteriosamente os elementos que o compõem.

A implantação das construções existentes foi estudada através do seu redesenho, descobrindo-se relações evidentes entre elas que, até agora, não tinham sido reconhecidas. Destacam-se, os volumes da casa principal a uma cota superior e da em U, à cota mais baixa. Existe uma relação visual entre elas, apesar da distância, dos muros, e da vegetação não cuidada. Aqui nasce o traço fundamental de todo o projeto que ajudou a articular a diferença de cotas, o programa das construções existentes e dos espaços novos a propor.

O picadeiro volta a sofrer uma rotação, mas desta vez em prol da paisagem, e da relação visual existente entre as duas construções referidas anteriormente.

A ideia começa a ser aprofundada com esta linha de força, em conjunto com a intenção de *emergir os elementos de menor escala, e submergir os elementos de maior escala*. Assim, tendo o corpo das boxes uma boa funcionalidade através da articulação com a casa principal, o desafio passa por conseguir enquadrar o volume de maior escala (o picadeiro coberto) na topografia no terreno, e em simultâneo, conseguir o seu acesso de forma agradável.

A linha de força dá então origem ao desenho uma rampa que faz ligação da cota mais baixa com a cota superior, onde se encontram os cavalos e a respetiva casa dos cavaleiros.



42 | Esquícios de reconhecimento do lugar.

(pela autora)

Estudada a topografia, hipóteses de proporções e inserções no terreno, temos agora uma ideia mais estruturada e afirmada. Estabeleceu-se uma hierarquia de espaços, que permitiu desenvolver o projeto a uma escala mais aproximada, e olhar para cada porção de terreno com especial atenção.

Com a nova proposta, procura-se valorizar os elementos que já estavam presentes no lugar, onde se procura conservar a estrutura existente das construções, e também a memória do seu espaço, mantendo os percursos anteriormente criados pela passagem de pessoas pelo local.

O projeto é pensado como uma estrutura que se divide em três momentos, e três cotas diferentes. Desde a cota de entrada até ao espaço do picadeiro ao ar livre, todo o percurso é marcado por diferentes momentos, escalas e sensações. Consequentemente, adaptou-se o desenho de projeto ao perfil do terreno, acompanhando os seus momentos de maior e menor estabilidade, adaptando-se e proporcionando várias experiências à medida que é percorrido.

A observação do terreno e da sua envolvente, foi importante desde a implantação até à conceção dos espaços interiores, mas a variação de cotas foi o principal desafio para conseguir uma integração cuidada na paisagem, e o bom funcionamento do programa.

Apesar das experiências de implantação apresentadas até agora, em que a paisagem, a cidade, o espaço e o existente tiveram um forte impacto no desenho de projeto, é importante realçar que o terreno e a sua topografia foram condicionantes e, simultaneamente, incentivo para as decisões de desenho, sobretudo para estabelecer uma hierarquização do programa que irá ser demonstrada posteriormente.

“Variações no nível do terreno podem ocorrer quer diretamente, resultantes do perfil do local quer artificialmente (...) Qualquer local tem o seu nível de referência, e pode-se estar sobre ele, para cima ou para baixo. Estar acima do nível de referência produz uma sensação de autoridade e privilégio; estar abaixo, uma sensação de intimidade e proteção.”⁶⁴

Foi este tipo de observação no espaço, que ajudou a estabelecer uma hierarquia de áreas destinadas ao programa público e ao programa equestre. Será denominado como *programa público* os espaços destinados a pessoas que não praticam necessariamente equitação, mas que podem igualmente usufruir do lu-

64 CULLEN, Gordon, Paisagem urbana / Gordon Cullen ; trad. de Isabel Correia e de Carlos Macedo, Lisboa, Edições 70; p.177

gar.

Na cota da casa principal tem-se uma sensação de “*perspetiva grandiosa*”⁶⁵ onde “*a ligação do primeiro plano com a paisagem longínqua induz uma sensação de domínio e onnipresença.*”⁶⁶. Existe um paralelismo entre a expressão e a sensação no espaço quando, através da cota da casa principal, se tem uma visão para o restante terreno que está a uma cota inferior.

Esta é uma das experiências que é essencialmente sentida no espaço, vivendo e sentindo o lugar, tal como Gordon Cullen descreve em relação ao desníveis na paisagem urbana: “*(...) estas sensações pressupõem uma relação muito direta entre o observador e o seu meio ambiente. (...) A mais simples de todas consiste em ver, em estar consciente da ondulação do terreno – o cultivar do olhar do escultor.*”⁶⁷

Apesar de o objetivo principal assentar na ideia de preservação da identidade do lugar, não quer dizer que este tenha de permanecer intacto. O redesenho do perfil do terreno, nas partes que sejam consideradas necessárias, tem como objetivo contribuir e qualificar o lugar, porque “*(...) embora os níveis possam variar, não teremos necessariamente de ser seus escravos.*”⁶⁸

Com este reconhecimento, partiu-se para uma hierarquização do programa mais coesa, quer em conteúdos programáticos, quer nas áreas destinadas às diversas funções.



43 | Esquema da nova hierarquização da área do terreno

(pela autora)



44 | “Prespetiva grandiosa”. (pela autora)

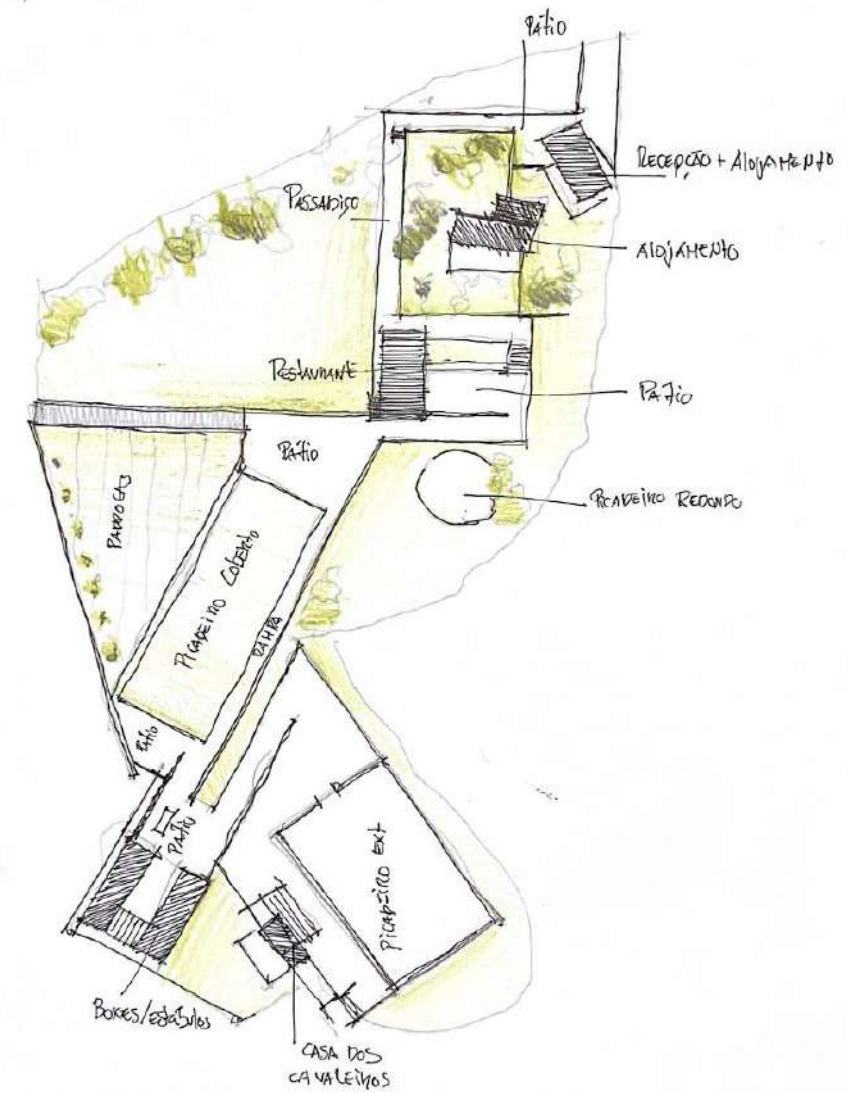
65 ibidem; p.43

66 ibidem; p.43

67 ibidem; p.177

68 ibidem;p.177

A proposta - *Centro Hípico Em Amarante*

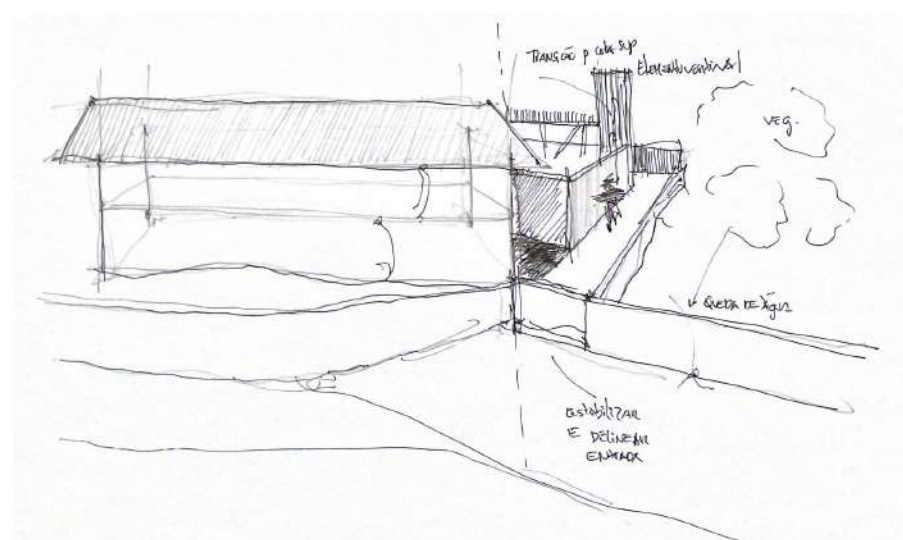


45 | Esquema de Implantação. (pela autora)

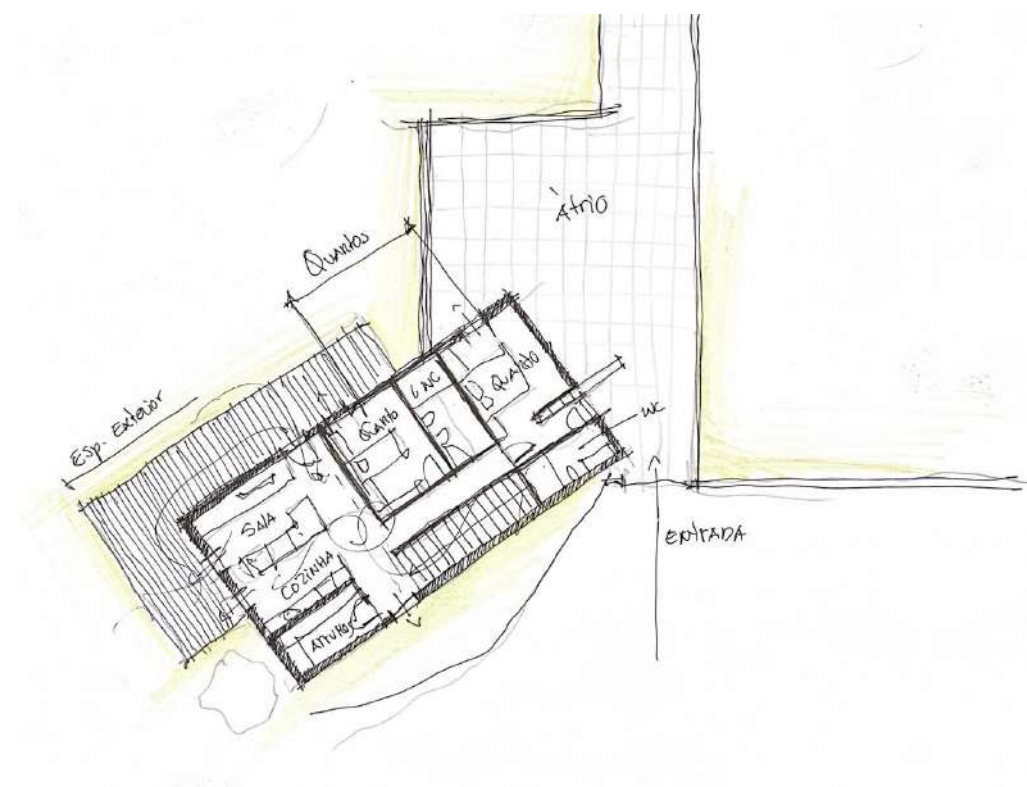
Como em todos os equipamentos públicos, é necessária uma zona de recepção/administração, na qual são controladas as entradas dos clientes. Portanto, a zona de chegada ao centro hípico, surge a partir da Rua Francisco Sá Carneiro. Neste momento em particular, o terreno apresenta uma topografia irregular durante o percurso que nos conduz às construções existentes.

Como ponto de partida, foi necessário estabilizar o ponto de chegada, formando um pátio, com uma dimensão propositadamente reduzida para estabelecer um ambiente acolhedor e diretamente relacionado com a natureza. Uma entrada que suscite a vontade de descobrir o que vai mais além. Antes de se partir para esta descoberta, ainda neste pátio, encontra-se a primeira casa. Optou-se por manter a estrutura existente mas, abre-se um vão de canto para comunicar diretamente com o pátio que o envolve. No espaço interior, a recepção, é composta por uma zona de espera, um balcão de atendimento, instalações sanitárias e ainda um espaço destinado a exposições. Neste edifício existe uma outra entrada que serve de acesso ao alojamento local que irá ser referido posteriormente.

O pátio dá origem a um percurso estreito que nos leva para um ambiente acolhido pelas árvores. Posteriormente, deparamo-nos com um elevador que permite a passagem para a cota superior através de um passadiço. Este elemento é desenhado e pensado no ambiente verde em que se insere, constituindo-se essencialmente por aço corten, apoiado em pilares elegantes mas desalinhados, para manter a transparência e a ideia orgânica do lugar. Por outro lado, existe uma segunda opção de passagem que é feita através de umas escadas que acompanham o perfil do terreno. Ambos os acessos levam o indivíduo a um espaço desafogado, a céu aberto, estabelecendo um contacto com toda a paisagem envolvente, com o restaurante e com o centro hípico. Este espaço é um momento que prepara a transição para os espaços destinados ao cavalo.



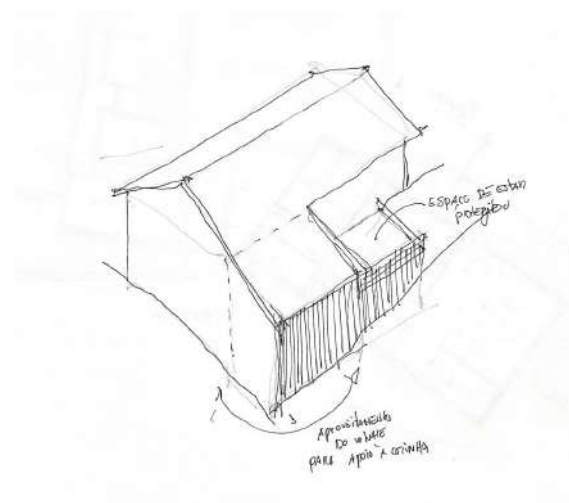
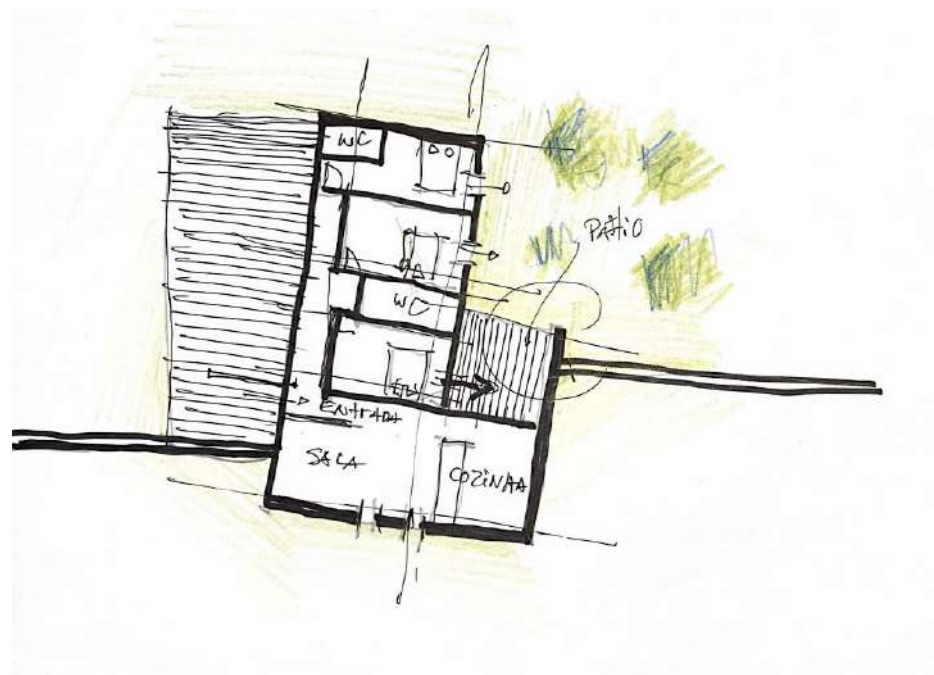
46 | Esquício do átrio. (pela autora)



47 | Esqueto do alojamento. (pela autora)

Na primeira construção com que nos deparamos na zona de entrada, propõe-se um espaço de receção e sala de exposições no seu piso térreo. Atualmente, esta construção que se encontra em ruína, não possui qualquer compartimentação interior, tomando-se a liberdade de a organizar livremente, de modo a tirar partido do seu espaço interior e exterior. Existe ainda um acrescento que por não ter qualquer interesse arquitetónico nem qualidade construtiva, será demolido. Assim, a casa requalifica-se retomando à sua forma volumétrica original.

Nesta mesma casa, existe uma segunda entrada que permite o acesso ao piso superior onde se encontra o primeiro alojamento de tipologia T2. Procurou-se uma organização interior simples, de modo a aproveitar a área disponível, num ambiente acolhedor e familiar, tanto interiormente como no espaço exterior. É composto por dois quartos e uma sala com balcão de cozinha. Os quartos e a sala, procuram uma relação íntima com o lugar, orientando-se para o espaço verde que se encontra entre as duas casas. No exterior existe um espaço de estar, que permite o acesso direto ao pátio do restaurante, através do antigo caminho que se preserva para uso pedonal, permitindo o contacto direto com a natureza e tudo o que a envolve.



48 | Esquícios do alojamento. (pela autora)

Esta construção sofreu ao longo dos tempos algumas remodelações. Pelos mesmos motivos anteriormente defendidos, manteve-se a configuração exterior da casa. Os vãos encontram-se tapados e não permitiram o acesso ao seu interior. Devido ao seu estado degradado, tomamos a liberdade de reformular livremente o espaço interior, de modo a tirar o melhor proveito do mesmo.

O acesso é feito através do percurso da entrada que dá lugar ao pátio do restaurante. A estruturação interior segue a lógica da tipologia T2, agora com mais um quarto. O corredor de acesso aos quartos, por questões de privacidade, desenvolve-se junto à fachada que faz frente ao pátio do restaurante, e os quartos ficam voltados para o espaço verde do lado oposto, proporcionando um vínculo íntimo com as árvores existentes.

*“ Lá fora, o rumorejar da folhagem e o donular da trepadeira luxuriante ao sabor do vento; mas por trás do vidro, o silêncio e a luminosidade tênue em que cresce(...) ”*⁶⁹

Possui igualmente uma sala com balcão de cozinha, em que o espaço de refeições ocupa a construção adjacente, na qual se abre um pequeno pátio também orientado para o espaço verde.

⁶⁹CULLEN, Gordon, Paisagem urbana / Gordon Cullen ; trad. de Isabel Correia e de Carlos Macedo, Lisboa, Edições 70; p.70



49 | Esqueto do pátio. (pela autora)

Para o enriquecimento do programa, tanto a nível público como a nível equestre, é fundamental a existência de momentos de estar, de lazer e de contemplação. Para além de qualificar o espaço e ajudar na integração na paisagem, permite um maior conforto para as pessoas que não estão diretamente ligadas com o desporto equestre, podendo despertar alguma curiosidade na prática desta modalidade, ou simplesmente, estabelecer uma relação íntima com os animais e a natureza, tornando-se assim, um lugar de descanso da cidade, de refúgio ou de interiorização pessoal.

Este espaço de transição foi desenhado de modo a manter a sensação já existente no próprio lugar. Ou seja, deparamo-nos agora com uma topografia estável, desafogada e com pouca vegetação. Atualmente, ao percorrer o caminho, entre as duas casas descritas anteriormente, o primeiro impacto estabelecido quando se chega à cota superior, é a presença da casa principal. Preserva-se este momento de chegada através de um trajeto diferente, por via do percurso de entrada, um percurso acolhedor e rodeado de árvores, passando a haver agora um espaço mais exposto a céu aberto. Esta sensação da passagem de um caminho íntimo para um espaço exposto, partiu de certa forma, quando Gordon Cullen fala dos espaços da cidade, referindo: “*espaços vazios, grandes extensões de céu, geometria: eis alguns dos fatores que contribuem para uma sensação de exposição e isolamento*.”⁷⁰

À luz do que acontece no espaço urbano, este espaço é desenhado através do que o circunda, mas sendo um espaço de transição, o desenho do chão é o ponto de partida: “o pavimento – (...) Entre os diversos fatores que contribuem para a unificação e coesão numa cidade, o pavimento é um dos mais importantes (...)”. O desenho geométrico procura articular o momento de chegada do passadiço ou das escadas, com a entrada do restaurante e passagem para a cota mais baixa, onde se desenvolve todo o programa equestre. O seu processo de desenho passou por processos de sobredimensionamento, nos quais foi preciso recuar e ponderar, assentar os pés no chão e perceber a escala que o lugar pede. Após esse reconhecimento, para uma melhor qualificação, introduzem-se elementos que ajudam a ajustar a escala: o espaço verde que faz frente ao alojamento T3 que estabelece um filtro de privacidade. O mesmo se repete quando no alinhamento do restaurante, com a presença de um novo espelho de água, ajuda a romantizar o lugar e a direção do olhar, e, no enquadramento da paisagem próxima – o centro hípico, com a paisagem mais longínqua – a cidade. O pátio, como referido anteriormente, permite o acesso à entrada do restaurante, e também à cota baixa que conduz aos

70 *ibidem*: p71

espaços equestres.

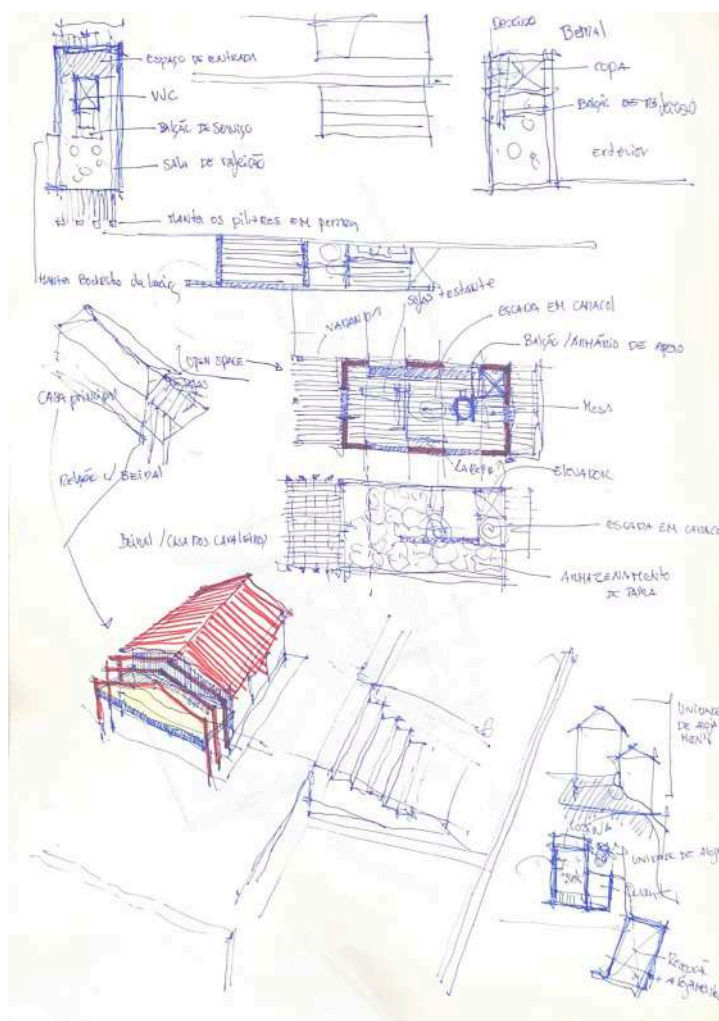
A casa principal, pela sua dimensão volumétrica e inserção no terreno, é a construção com a presença mais acentuada daquele lugar. Foi importante reconhecer em detalhe as suas características para poder fazer uma proposta de intervenção, já que se torna num elemento central do projeto e faz a transição entre a zona de entrada e o programa equestre.

Como aconteceu nas anteriores, também não foi possível aceder ao seu interior, nem mesmo reconhecê-lo através das janelas existentes. Os únicos vãos que permitem a entrada, encontram-se igualmente tapados com blocos de cimento, e os vãos das janelas, que apesar de ainda possuírem caixilharia e vidro, contêm portas interiores que obstruem a visão. No entanto, sendo ela constituída por paredes de pedra com aproximadamente 60cm de largura, assumiu-se o seu perímetro e tomou-se uma vez mais liberdade para a sua conceção interior.

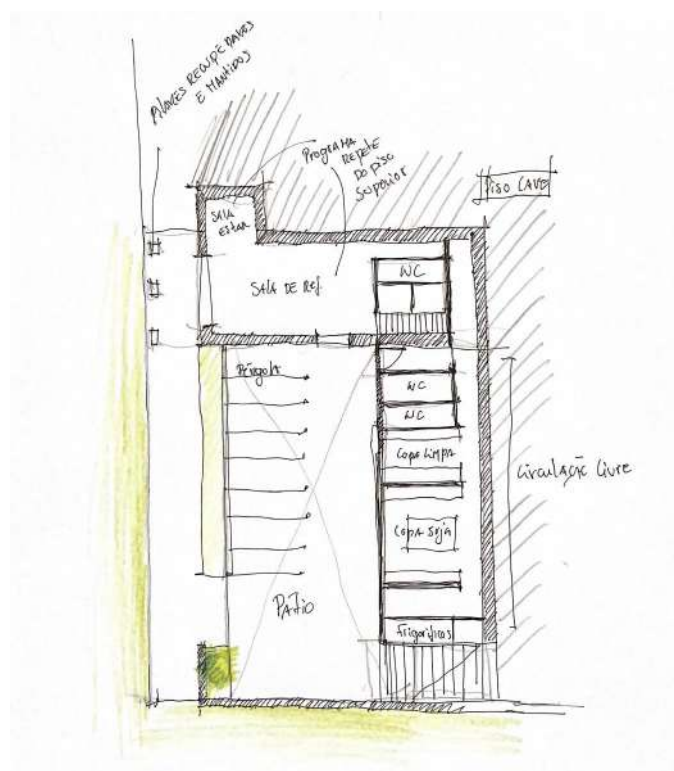
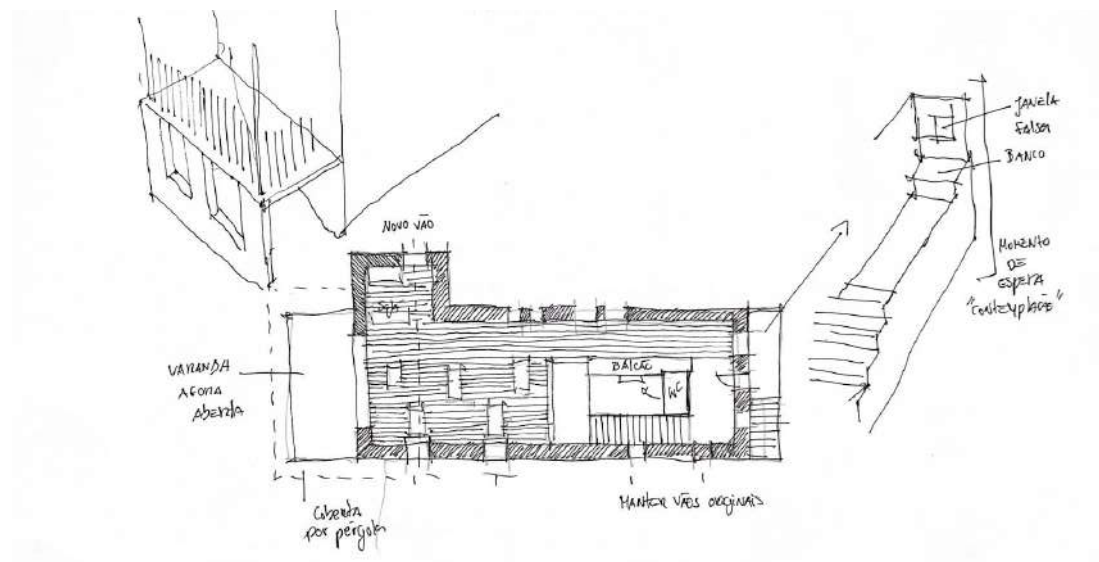
Um dos elementos de maior destaque, é a varanda tradicional fechada, que se debruça sobre o restante terreno, tendo uma forte presença e relação visual com a paisagem que envolve todo o lugar. Não havendo acesso, (devido ao seu estado de degradação), subiu-se pela escadaria lateral (imagem x) que permitiu perceber a sensação do lugar desde aquela cota. Aqui existiu de imediato um paralelismo com a “*perspetiva grandiosa*” que Gordon Cullen menciona quando fala dos vários conceitos de paisagem urbana.

O poder de visão que se sente, obriga naturalmente a uma cuidadosa atenção no tratamento deste espaço, sem que perca a relação e o domínio visual sobre o lugar.

A proposta para o restaurante ocupa os dois pisos existentes. O piso rés do chão - funciona como um open-space, em que num primeiro momento após a entrada no espaço interior, temos um pequeno espaço, composto por um conjunto de sofás, que permite aos clientes esperar pela sua vez. Seguidamente, temos o espaço de atendimento, composto por um balcão, algum espaço para arrumo de materiais de serviço (menus, e entre outros do mesmo género) e uma pequena instalação sanitária. A sala de refeições tira proveito dos vãos existentes da casa através da colocação das mesas. O volume saliente existente, que, muito provavelmente, tinha como função albergar a lareira de serviço da antiga cozinha, mantém-se com uma lareira, agora, adaptada ao espaço, e criando um lugar acolhedor e de ambiente familiar, com a colocação de sofás e estantes com livros (relacionados com Amarante e com a equitação). O fim desta sala é colmatado com o espaço exterior pertencente à varanda, agora mais aberta para a paisagem.



50 | Caderno de esboços. Primeiros Estudos. (pela autora)



51 | Esquícios do Restaurante. (pela autora)

Reposicionando-nos no espaço, direcionamos a visão para a varanda a partir do espaço exterior. Começando pela cobertura, simplificou-se a disposição das águas em semelhança das casas dos alojamentos, e da construção em U (que irá ser descrita posteriormente). Assim, a cobertura fica com duas águas, com a mesma inclinação. A varanda passa a ser completamente aberta, protegida por uma pérgola em aço corten, que nasce da cobertura e abraça os dois pisos num sentido vertical.

De retorno ao interior, temos o acesso ao piso inferior por umas escadas com dimensão possível para adaptação a mobilidade condicionada. Chegando a este piso- antiga cave- dispõe-se mais uma sala de refeições. A zona de serviço da cozinha encontra-se neste nível, mas é desenhada perpendicularmente ao edifício. Esta área é composta pelos compartimentos essenciais ao bom funcionamento do restaurante. Um corredor faz distribuição lateral dos espaços, mas estes não são fechados na sua totalidade para poder haver uma melhor comunicação e circulação. Desses espaços constam: balneários, espaço de copa limpa e copa suja, cozinha, e ainda compartimentação para dispersa e arcas frigoríficas.

Ainda de apoio a este piso, nasce o desenho de um pátio que procura recriar a sensação que existe naquele lugar em especial. Neste lado do edifício, a sombra é um factor de grande presença a determinada hora do dia. Devido à cêrcea da casa ser relativamente alta a sombra fica a abranger uma grande área, e portanto nasce aqui a ideia de um espaço exterior com o carácter de esplanada, protegido do vento e do calor, nas estações mais quentes. O objetivo é criar “*um recinto, um pequeno retângulo de céu*”⁷¹, rodeado de árvores, que transmita uma sensação de intimidade.

71 ibidem; p.71

Foi necessário criar um espaço de estar que ajudasse a marcar a transição de um programa público, para o momento especial de contacto com os cavalos. Este espaço, dispõe de uma vista sobre a cobertura ajardinada do picadeiro coberto, para os paddocks e para a restante paisagem envolvente, e funciona como ponto de charneira entre o espaço exterior do restaurante e o percurso até aos espaços dos cavalos.

A Rampa

Reposicionemos o olhar para a perspectiva grandiosa sentida através da varanda da casa. Este momento é marcado pela transição para o programa equestre. Aqui, nasce uma das linhas que acompanhou o projeto e foi fundamental desde o momento inicial - a rampa.

Ao olharmos para a proposta em planta, destaca-se esta linha de força que foi o ponto de partida para o restante projeto. A rampa, possui um desenho forte de ligação entre a casa principal e a construção em U, não só pela sua aparente rigidez em desenho, como também pela sua intenção de ligar estes dois momentos, a duas cotas diferentes. O marcar deste elemento, conduz a um certo paralelismo com o desenho urbano, em que a “*função essencial de uma cidade deve tornar-se evidente, após uma simples vista de olhos em planta. Isto resulta obviamente porque a organização dos seus elementos reflete certas linhas de força que representam igualmente uma combinação de circunstâncias que estiveram na origem da cidade.*”⁷² Ou seja, na proposta, o traço da rampa nasce devido às intenções iniciais, a ligação entre cotas e a relação entre os dois momentos, e, acaba por se tornar o fio condutor do projeto.

Numa primeira fase, o desenho deste espaço possuía a largura da frente da casa principal, tornando-se num gesto bruto de rompimento da paisagem, estando também fora de escala, não só para a articulação dos elementos, como para o homem e o cavalo. Sentimos novamente um paralelismo com o que acontece na paisagem urbana : “ *Enquanto as vias motorizadas são fluidas e impessoais, os caminhos para peões , insinuantes e ágeis, conferem à cidade a sua dimensão humana.*”⁷³

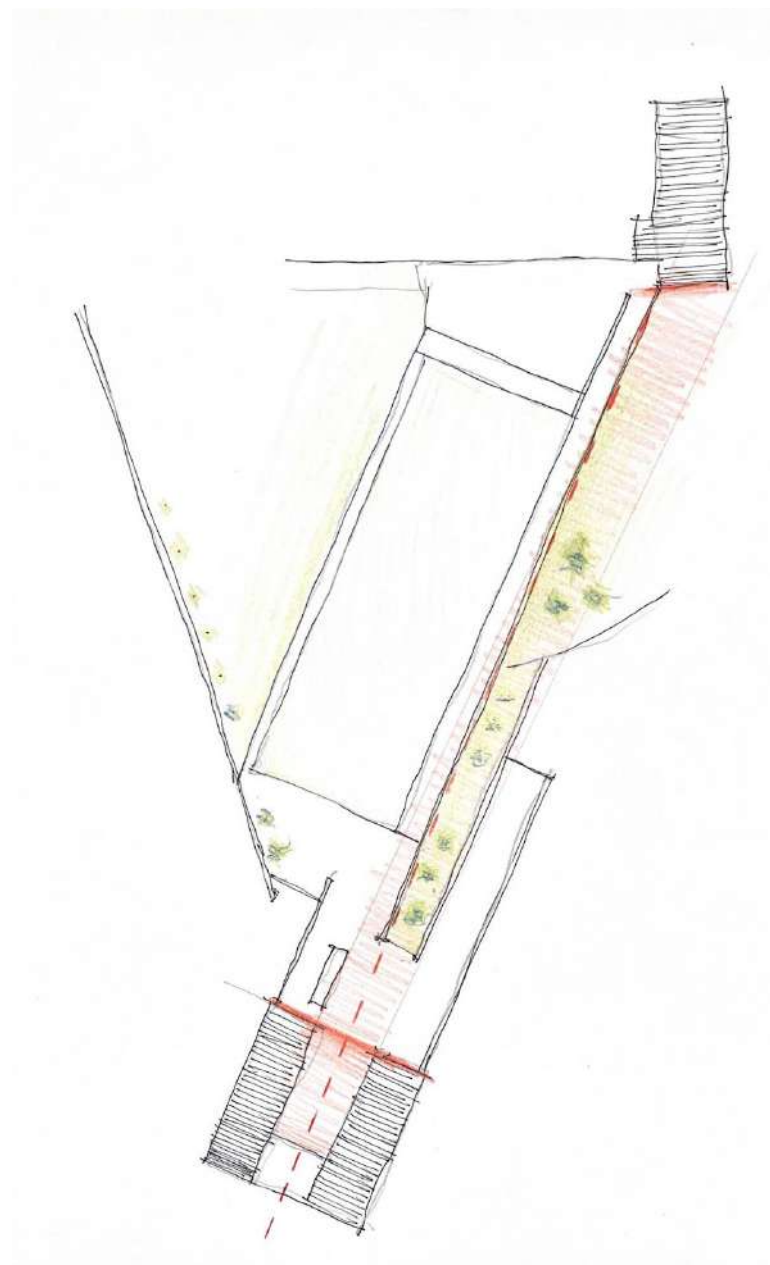
Estávamos a atribuir uma dimensão desajustada a este espaço e desadequada ao programa e a quem o percorre. Após voltarmos a analisar o projeto no

72 *ibidem*; p.113

73 *ibidem*; p.56



52| Esquicho do Pátio. (pela autora)



53 | Esquízo que representa a importância da rampa nas relações do lugar.. (pela autora)

seu conjunto, foi necessário harmonizar a proporção dos espaços de estar e dos espaços de circulação.

A dimensão exagerada remete para o uso de grandes viaturas, e neste caso, queremos uma utilização livre, espaçosa, não só para percorrer mas também para contemplar toda a paisagem envolvente, do homem, do cavalo, e do cavaleiro. plar toda a paisagem envolvente, do homem, do cavalo, e do cavaleiro.

A rampa, ganha assim uma nova largura, adequada à escala de quem a utiliza e dos elementos que a rodeiam, e integra-se de forma mais suave no terreno, e, apesar do seu desenho em planta ser fortemente relacionado com a casa principal e a casa em U, fez-se a introdução do espaço verde arborizado e a abertura para outros espaços que ajudam a quebrar o percurso “obrigatório” entre as duas construções : “ *Conduzir, seduzir, largar, dar liberdade.* “⁷⁴

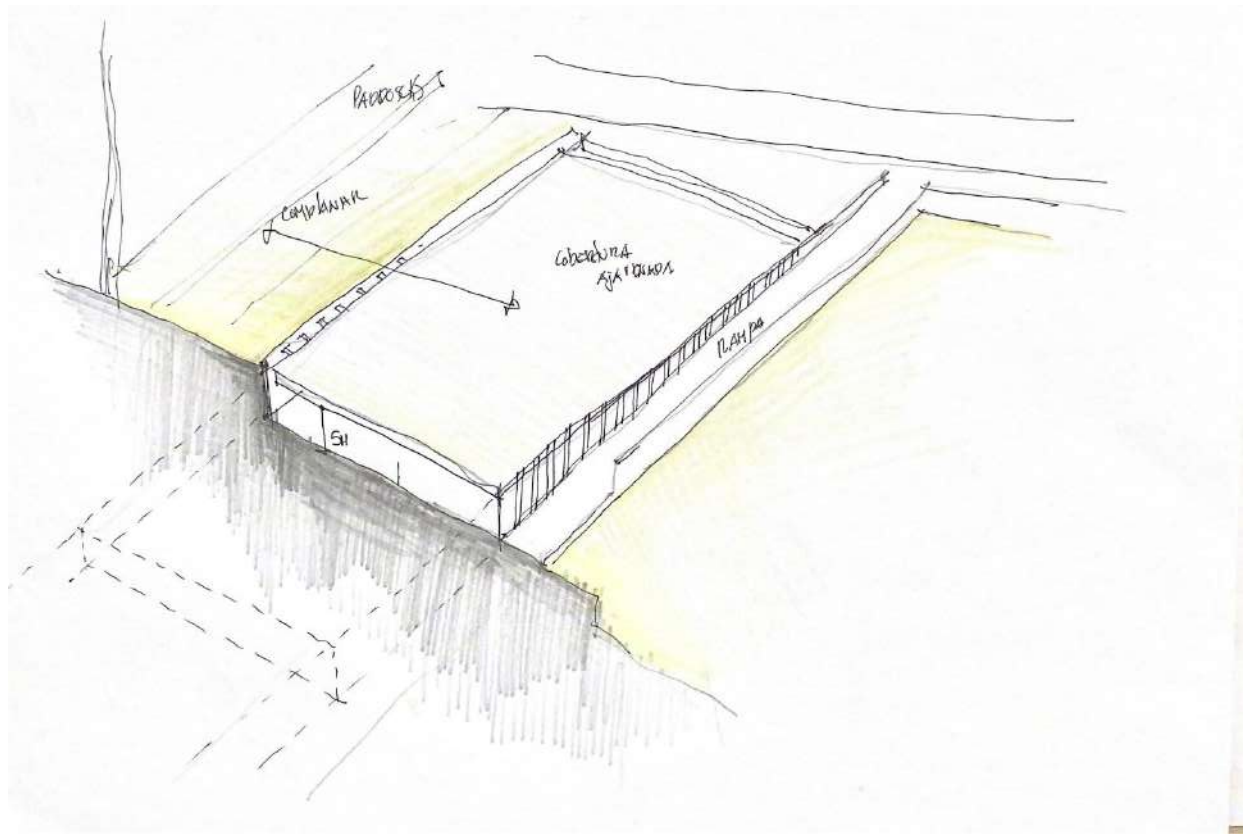
“ *Entre a serenidade e a sedução: “ Achamos muito importante criar um certo “vaguear livre” , não conduzir, mas seduzir. Por exemplo, um corredor de hospital: condução. Mas também existe a sedução, o deixar andar, o vaguear, e isto, nós os arquitetos conseguimos fazer. (...)* “⁷⁵

“ *Tenho a dizer que isto é um dos meus maiores prazeres: não ser conduzido, mas sim, poder deambular (...)* E assim me encontro numa viagem de descoberta. Como arquiteto, tenho de ter o cuidado para que não se torne um labirinto, pelo menos se eu assim não o quiser. E depois volto a introduzir a orientação, faço exceções(...) “⁷⁶

⁷⁴ ZUMTHOR, Peter; [tradução de Astrid Grabow] ‘Atmosferas. Entornos arquitectónicos: as coisas que rodeiam’, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2006 : p.44

⁷⁵ ibidem; p.42

⁷⁶ ibidem; p.44

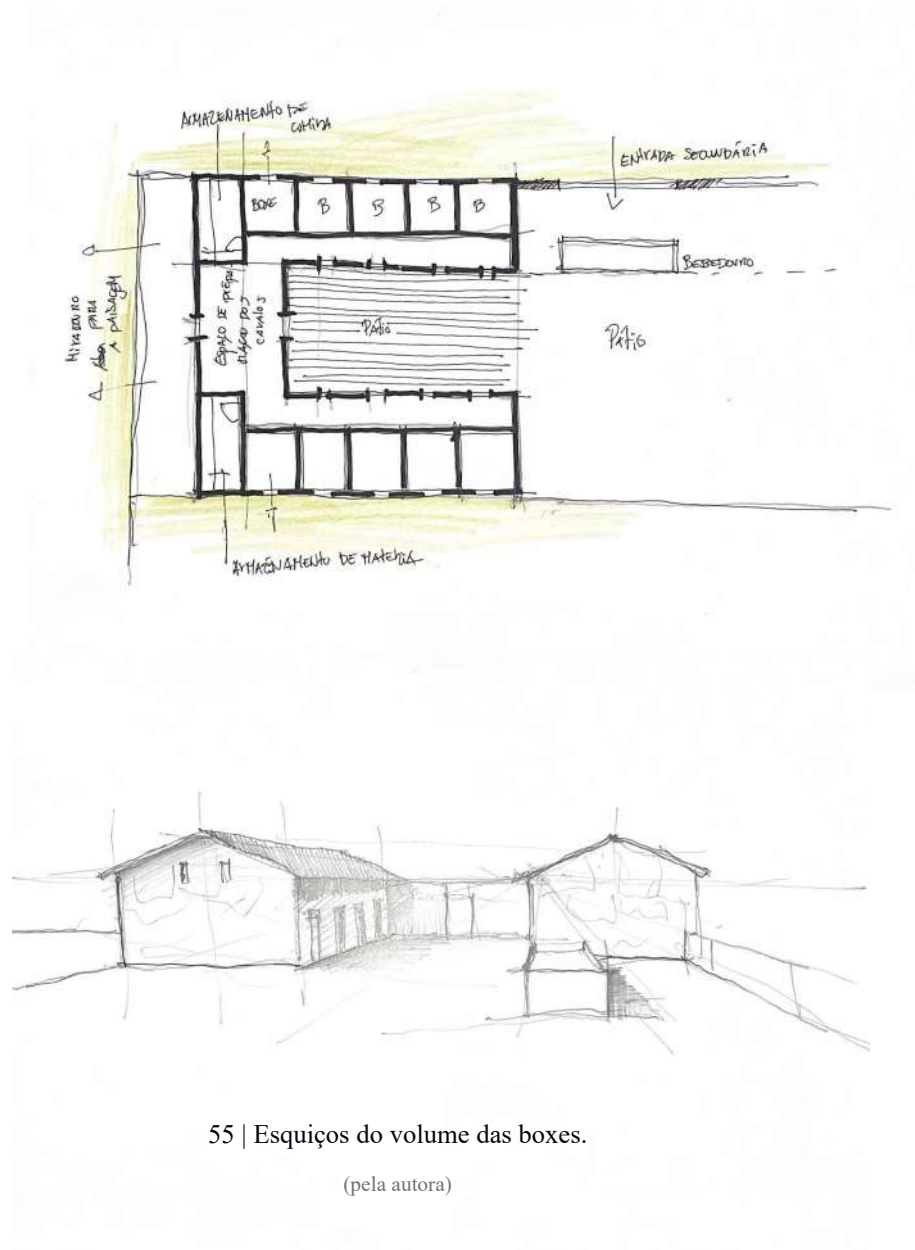


54 | Esquema de inserção do picadeiro no terreno.

(pela autora)

Ao vaguear pelo longo da rampa, surge o picadeiro coberto que acompanha o percurso até à cota mais baixa. Este picadeiro, foi um dos elementos mais desafiantes do programa (pela dimensão que requer em área e altura), dado que nos encontramos num lugar com uma escala delicada. A perspetiva da cidade para o lugar, foi o ponto essencial para a sua inserção na paisagem, e de não menos importância, a sua integração no terreno, uma vez que se implanta numa área que abrange duas cotas com bastante diferença.

Com a introdução da rampa e do picadeiro, fez-se um rompimento, em parte, do muro existente, reformulando a área da cota superior, que fica agora abrangida não só pelo terreno destinado aos paddocks, como também pela cobertura do picadeiro coberto. Optou-se por uma cobertura ajardinada que acompanha a cota anteriormente existente, de modo a ir de encontro à fisionomia inicial deste espaço, e para favorecer a sua integração na paisagem. O picadeiro abre-se em direção ao rio, e são feitos alguns jogos de luz através da cobertura e do lado que acompanha a rampa, tentando manter sempre o contacto entre os espaços, e dos espaços com a paisagem.

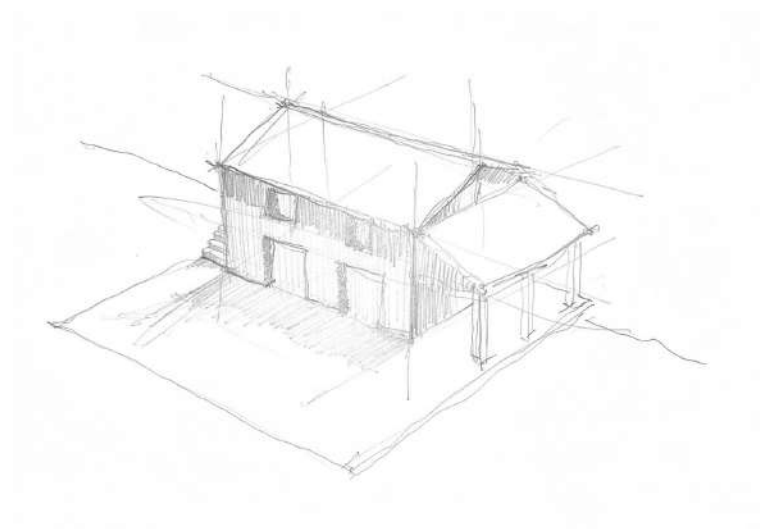


A construção existente, construída essencialmente em pedra, funciona atualmente de apoio a um agricultor dos campos envolventes ao terreno. A sua implantação forma um U, sendo que um dos seus dois braços laterais serve de cozinha e armazenamento de material, e o outro, de cortes para animais. O que une os dois braços, é um pequeno anexo com um telheiro que abriga mais algum material relacionado com a agricultura.

A proposta para este espaço, tira então proveito da sua forma inicial em U, que se afirma com um novo volume que liga os dois braços, onde se abrem dois vãos que permitem a transparência do pátio para a paisagem, neste caso, para a outra margem do rio.

O programa, é aqui completamente dedicado aos cavalos. São desenhadas cerca de dez boxes, cinco em cada um dos braços do edifício. Na zona central fica a sala de banhos e de preparação dos animais, ladeada por compartimentos para armazenamento de material de equitação, rações e palha. O pátio, funciona também como um espaço de preparação dos cavalos, ou, em dias de sol, para a sua permanência no exterior durante a limpeza das boxes. Para além disso, serve como espaço de estar, na companhia dos animais. Ainda neste pátio, observa-se a abertura de vãos sequenciados. Manteve-se a memória das antigas aberturas para as cortes e para a cozinha, qualificando o ambiente e bem estar dos cavalos no interior das boxes, permitindo a circulação e uma boa ventilação do espaço.

O pátio articula-se com o espaço exterior do picadeiro coberto, sendo um ponto de encontro de dois momentos: a chegada a partir da rampa e a passagem para outra cota, onde se situa o picadeiro exterior. O bebedouro proposto, funciona como um ponto de paragem para os cavalos, ajudando a configurar a desenhar o espaço e a filtrar a entrada secundária que é feita junto ao edifício das boxes. Assim, ao descer a rampa encontramos o pátio, que num primeiro momento nos conduz para o edifício das boxes, como simultaneamente, nos dá acesso ao picadeiro interior, e numa cota inferior, ao picadeiro exterior.

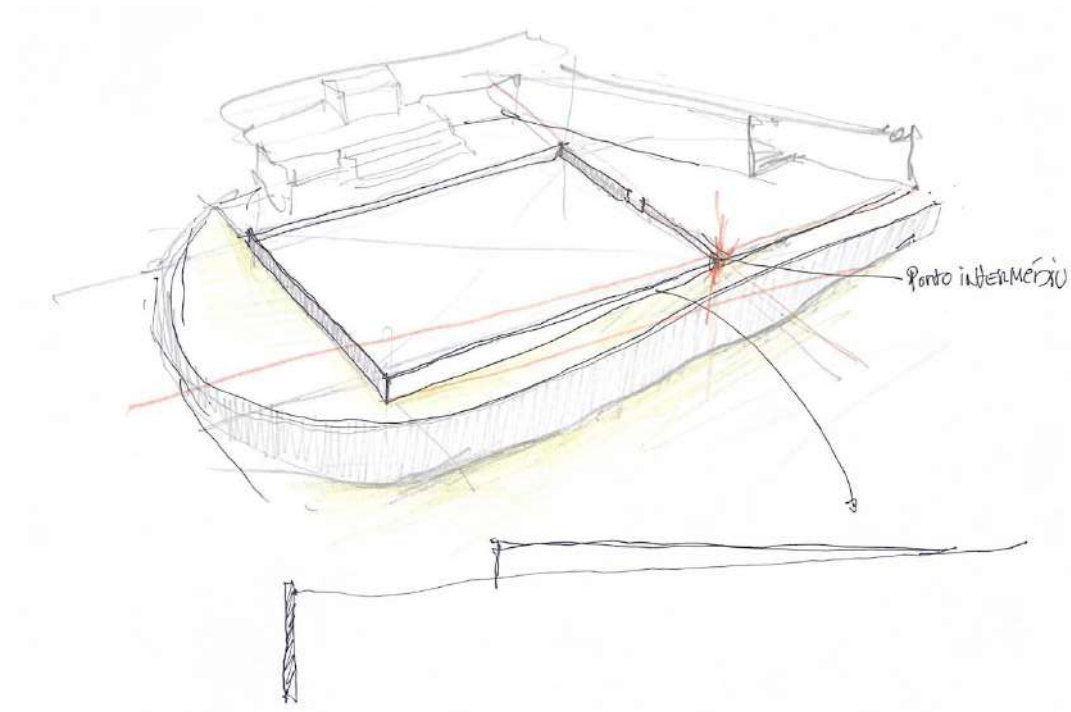


56 | Esquícios do espigueiro.

(pela autora)

No terreno, existe um espigueiro com eira, com uma posição particularmente interessante no enquadramento da paisagem. A construção posiciona-se com a sua lateral virada em direção ao rio e ao parque florestal, e a sua frente direcionada para o centro histórico de Amarante. Pareceu-nos relevante, uma vez mais, manter a memória do lugar, e, assim, manter a configuração inicial, reformulando apenas o seu interior.

Este espaço fica destinado aos cavaleiros, como espaço de convívio e de contemplação da paisagem. No piso térreo, situam-se as instalações sanitárias, ficando o resto do espaço para livre uso. A intenção é criar um espaço de estar, com uma atmosfera estritamente ligada aos cavalos e à vida no campo, portanto, a ideia é aproveitar para ser mais um lugar de armazenamento de palha. No piso superior, localiza-se uma sala de estar com um balcão, sofás e uma mesa de apoio. O espigueiro, transforma-se então num espaço de conforto e estar para os cavaleiros, que não só usufruem da paisagem da cidade, do rio, e do parque florestal, como também do próprio picadeiro exterior, com uma vista privilegiada.



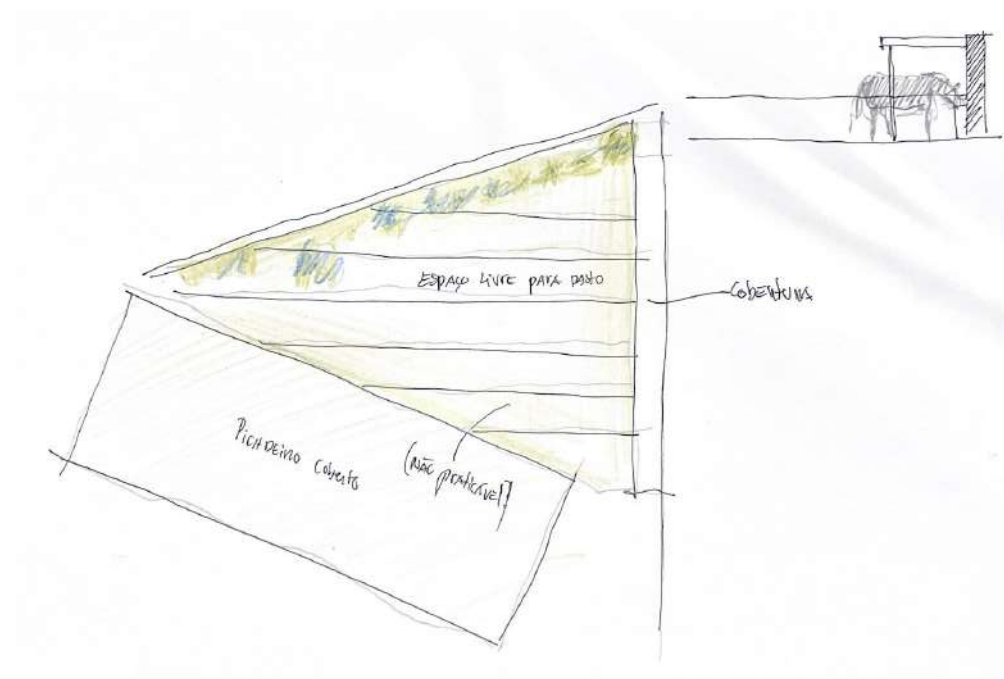
57 | Esquízo do picadeiro exterior
(pela autora)

Relembrando o papel da rampa neste projeto, como elemento articulador dos espaços principais, é de referir a sua importância na transição que estabelece para o picadeiro exterior. Como referido anteriormente, esta parte do projeto situa-se numa área de cota mais baixa em relação ao terreno, e com o seu perímetro fortemente delineado através dos antigos muros de pedra. Nesta zona em particular, o terreno projeta-se de forma natural, em direção à cidade, e, numa perspetiva contrária (da cidade para o lugar), é um momento de destaque e afirmação na paisagem, e portanto todos os elementos presentes desempenham um papel importante no seu enquadramento.

O picadeiro exterior tem, necessariamente, de ser um espaço regular e delimitado, por questões de segurança e trabalho dos cavalos. Uma vez que a topografia onde se insere apresenta alguma inclinação, desenhou-se uma plataforma que, para além de respeitar a orientação natural do terreno, vai-se revelando à medida que é estabilizada em relação à cota inicial, encontrando-se assim num ponto intermédio e equilibrado de modo a não se afirmar em demasia nem se anular na paisagem.

Por norma, existem vários tipos de pavimento que podem ser utilizados nos picadeiros, desde terra natural, areia, mistura de fibras, relvados, etc. No nosso caso, optou-se pelo relvado por uma questão de harmonização com o lugar, de modo a que a estrutura do picadeiro só seja notada pela sua plataforma. Para a vedação deste espaço, ao invés de se colocar a tradicional cerca, eleva-se a estrutura do muro que desenha a plataforma, com alguma largura e pouca altura, formando uma barreira resistente e segura, procurando a sua integração na paisagem.

Tirando proveito da cota superior, de apoio ainda a este espaço, é desenhada uma bancada para assistência do picadeiro, que funciona também como transição a partir do Beiral. As necessárias instalações sanitárias e espaço de arrumo de equipamento do picadeiro, são também inseridas neste volume.



58 | Esquízo de Paddocks

(pela autora)

Os paddocks são espaços vedados que podem ser utilizados para o pasto e estar dos cavalos. Em alguns casos, dependendo da sua forma, podem ser utilizados como espaço de aquecimento antes do trabalho físico dos animais.

Os paddocks propostos, procuram tirar o máximo de proveito do terreno, permitindo aos cavalos percorrerem livremente uma boa área, e, apesar de não ser obrigatório, pareceu-nos agradável a colocação de um espaço abrigado no caso de dias com condições climáticas e também zonas de comedouro e bebedouro. Para tal, tira-se proveito da diferença de cotas do terreno, colocando uma cobertura que abriga os diferentes paddocks.

Estacionamento

Uma vez que o terreno se apresenta na proximidade de outro equipamento público, propõe-se um estacionamento público, localizado num terreno que acompanha a Rua Francisco Sá Carneiro, de modo a favorecer os dois equipamentos. No entanto, dentro da área de intervenção propomos alguns lugares de estacionamento, para veículos ligeiros, e para veículos com reboque ou transporte de materiais. Propõe-se que seja arborizado de forma a que, em dias que não seja necessária a sua utilização, sirva como espaço natural, e tenha um tratamento paisagisticamente agradável, articulando-se, assim, com os restantes espaços verdes.

Conclusão | *Considerações finais e conjunto de desenhos.*

“ A qualidade arquitetónica para mim não significa aparecer nos guias arquitetónicos ou na história da arquitetura ou ser publicado, etc. Qualidade arquitetónica só pode significar que sou tocado por uma obra. ”⁷⁷

Intervir na paisagem significa interagir num sistema de uma complexidade e diversidade imenso e obriga a uma observação transversal e coerente sobre diferentes temáticas. Neste sentido, o arquiteto desempenha um papel fundamental, como profissional e como habitante do espaço.

Em síntese, esta dissertação teve como objeto um terreno localizado junto à Rua Francisco Sá Carneiro, em Amarante, com uma localização interessante em relação ao núcleo urbano da cidade, não só pela sua proximidade como pela relação visual que estabelece. Esta relação do lugar com a paisagem, objeto/enquadramento, foi essencial para a abordagem da dissertação - escala e paisagem - para conceber o desenho de um programa equestre (centro hípico) - *reflexão a partir da prática do projeto*.

A relação do terreno com o núcleo urbano, num sentido de enquadramento do lugar, foi essencial para as decisões de projeto e configuração da estratégia de implantação.

Para o desenvolvimento do projeto (Capítulo III), foi indispensável um breve enquadramento sobre a sua circunstância: o lugar e o programa (Capítulo I), que naturalmente conduziu às questões principais da dissertação. Procuramos também informação sobre outros projetos de centros hípicos que apresentassem temas e problemas idênticos às questões levantadas. A abordagem aos conceitos de escala e paisagem (Capítulo II), que procurou focar-se no essencial, com o objetivo de olhar de forma mais consciente para o lugar e nele intervir, cruzando os conhecimentos de arquitetura e equitação.

No percurso da prática do projeto, foi essencial estar presente no lugar, viver o espaço e observá-lo durante as várias fases do ano, percorrendo-o também a cavalo. De igual importância foi perceber a inserção do terreno a partir de vários pontos da cidade, procurando o controlo da escala e o enquadramento que

⁷⁷ ZUMTHOR, Peter; [tradução de Astrid Grabow] ‘Atmosferas. Entornos arquitectónicos: as coisas que rodeiam’, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2006 : p.10

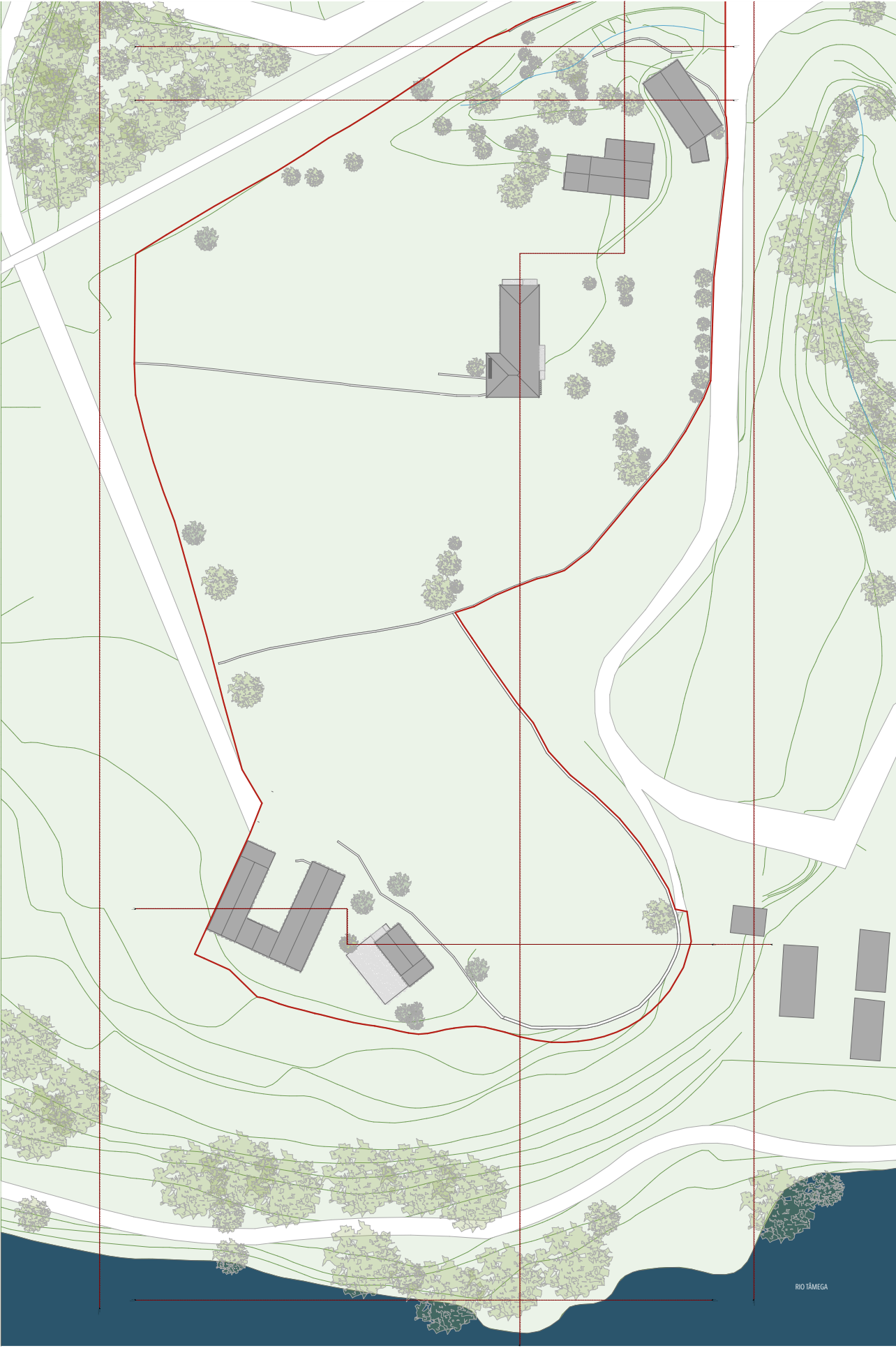
o programa exige na relação com seu contexto.

Apresentou-se, assim, um projeto para um centro hípico, procurando tirar proveito do lugar e dos seus problemas e características, procurando solucioná-los afirmando as suas qualidades. O projeto enriquece a paisagem, procura manter e acentuar o seu caráter de tranquilidade, que se mantém, mas permitindo agora a vivência entre o homem e o cavalo.

Juntamente com a investigação mais teórica, o processo de projeto vai-se construindo progressivamente, acompanhado da experiência no espaço que se afirma nos desenhos apresentados ao longo do trabalho, e pelo enquadramento de um lugar, de uma cidade, de uma paisagem, como reflexo de um objetivo inicial, muito particular, que procura a harmonia entre *lugar e paisagem, homem e cavalo*, como elementos principais e unificadores de todo o processo de trabalho.

*“É mais uma sensação. (...) O mais belo é quando as coisas se encontram, quando se harmonizam. Formam um todo, o lugar, a utilização, a forma.”*⁷⁸

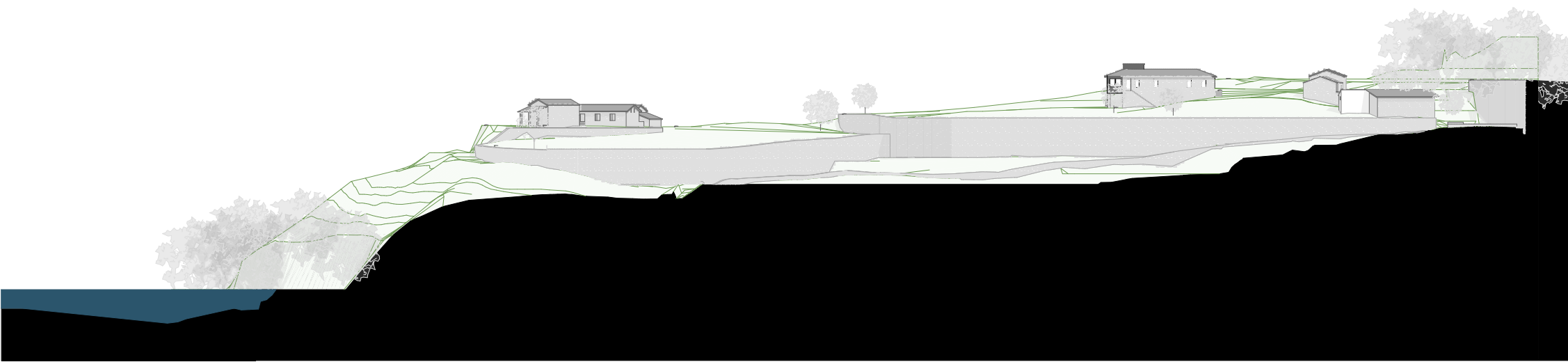
⁷⁸ ibidem; p.66



01

Existente | Planta de Cobertura

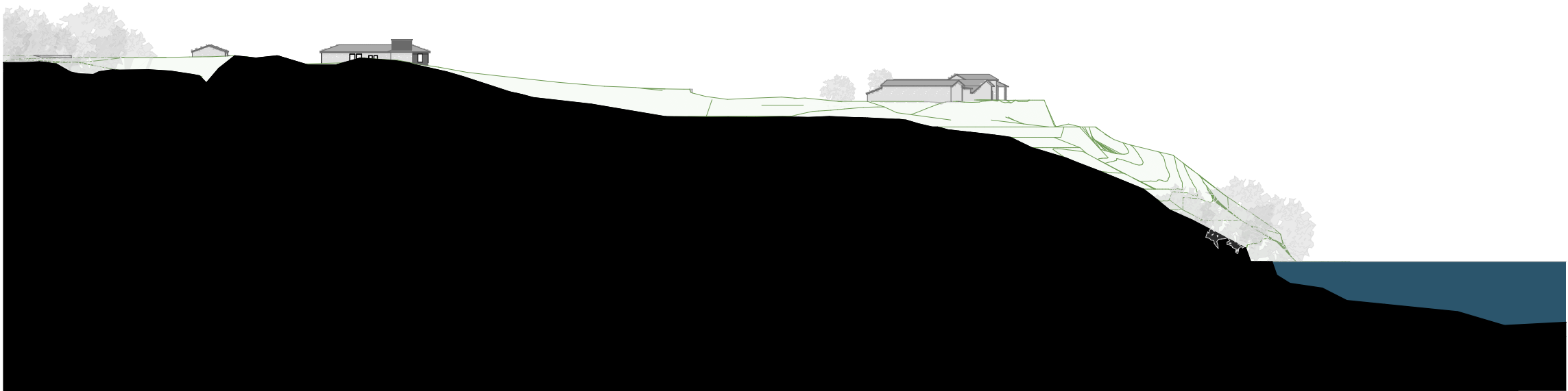
1:1000



01 Existente

Alçado Longitudinal 1

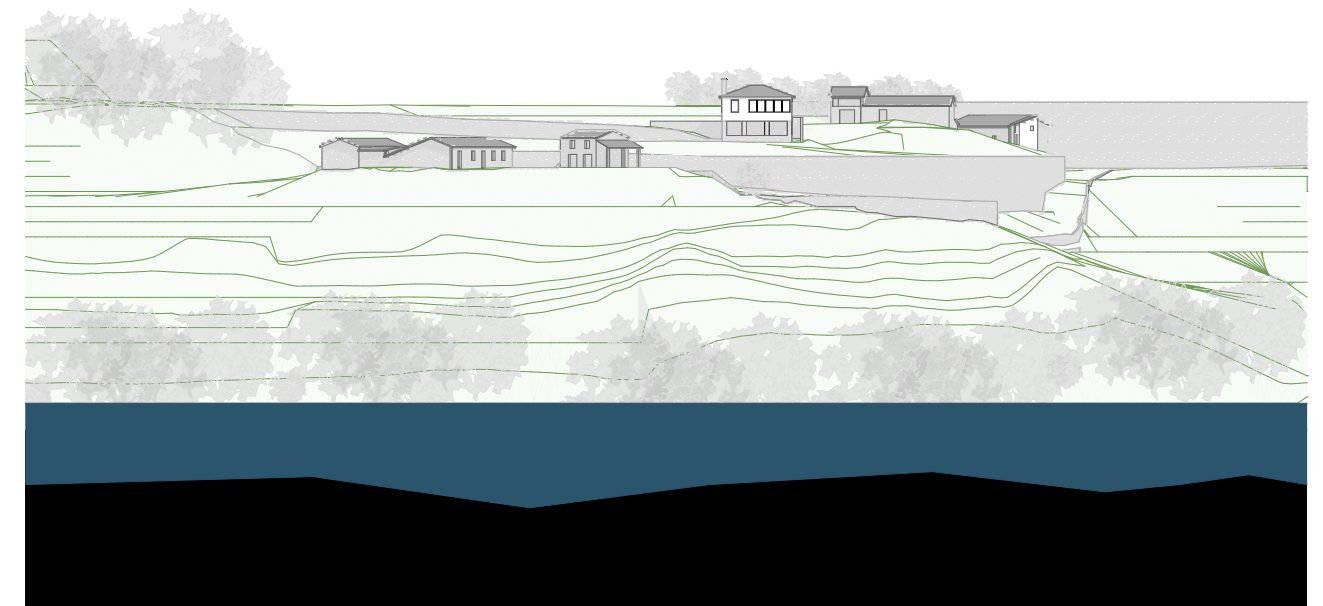
1:1000



02 Existente

Alçado Longitudinal 2

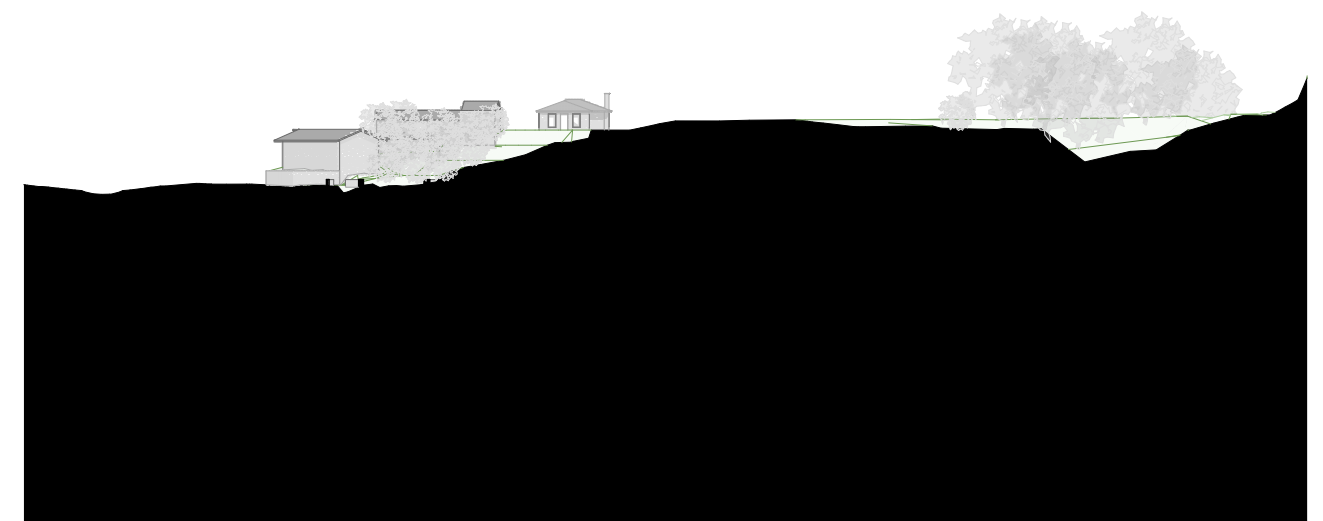
1:1000



03 Existente

Alçado Transversal 1

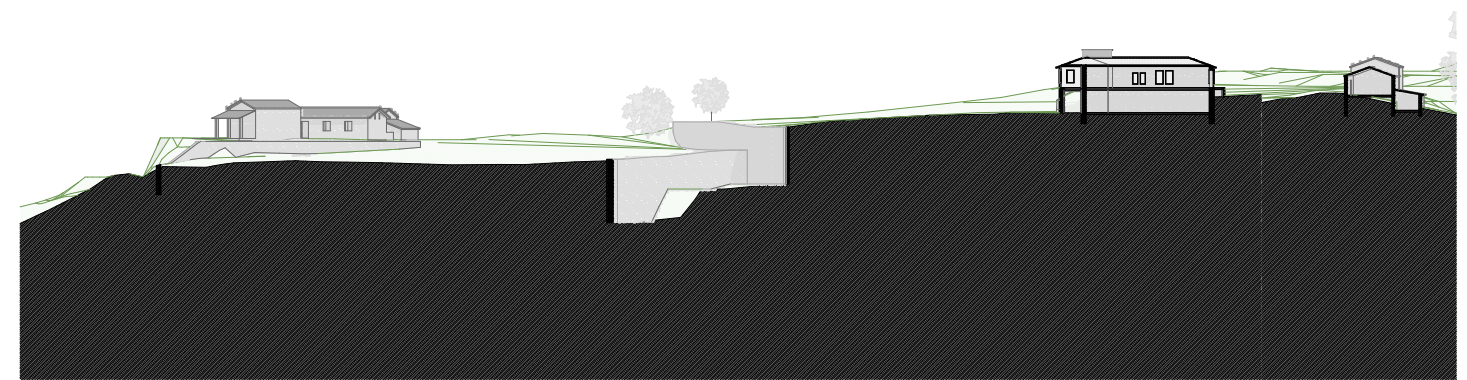
1:1000



04 Existente

Alçado Transversal 2

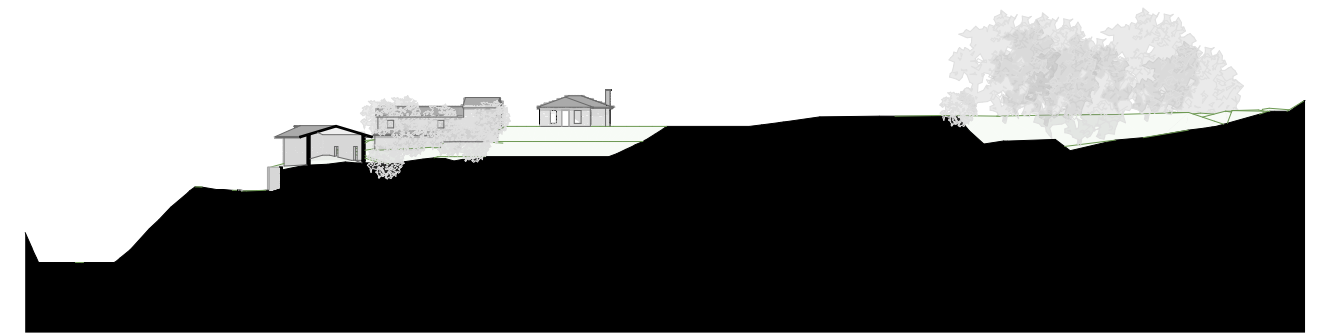
1:1000



05 Existente

Corte Longitudinal 1

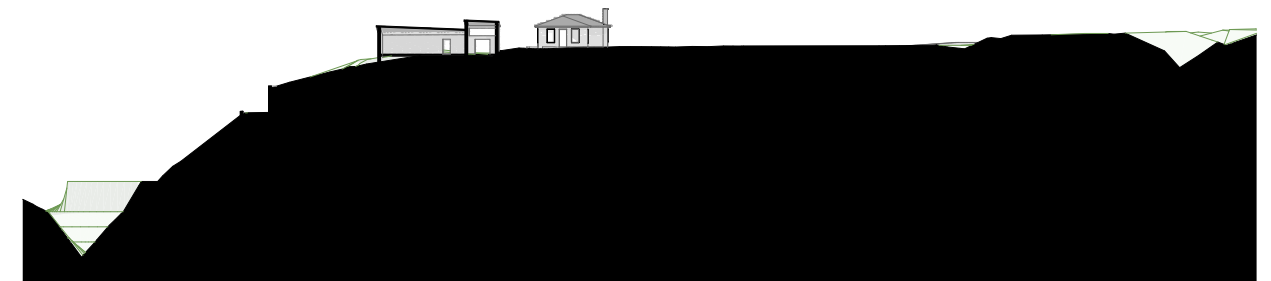
1:1000



06 Existente

Corte Transversal 1

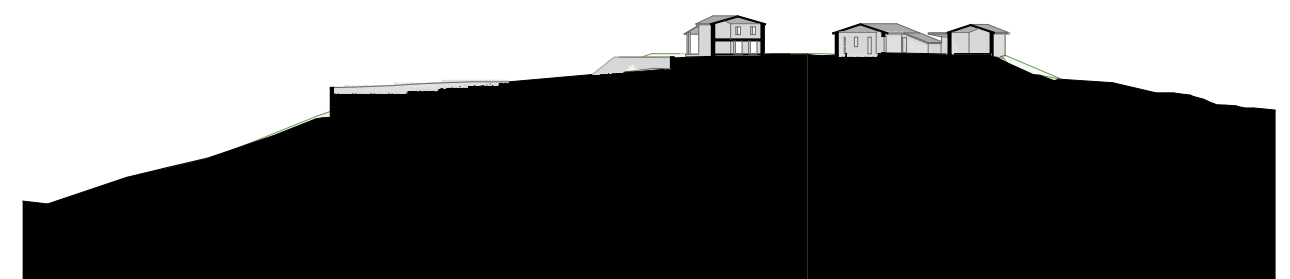
1:1000



07 Existente

Corte Transversal 2

1:1000



08 Existente

Corte Transversal 3

1:1000

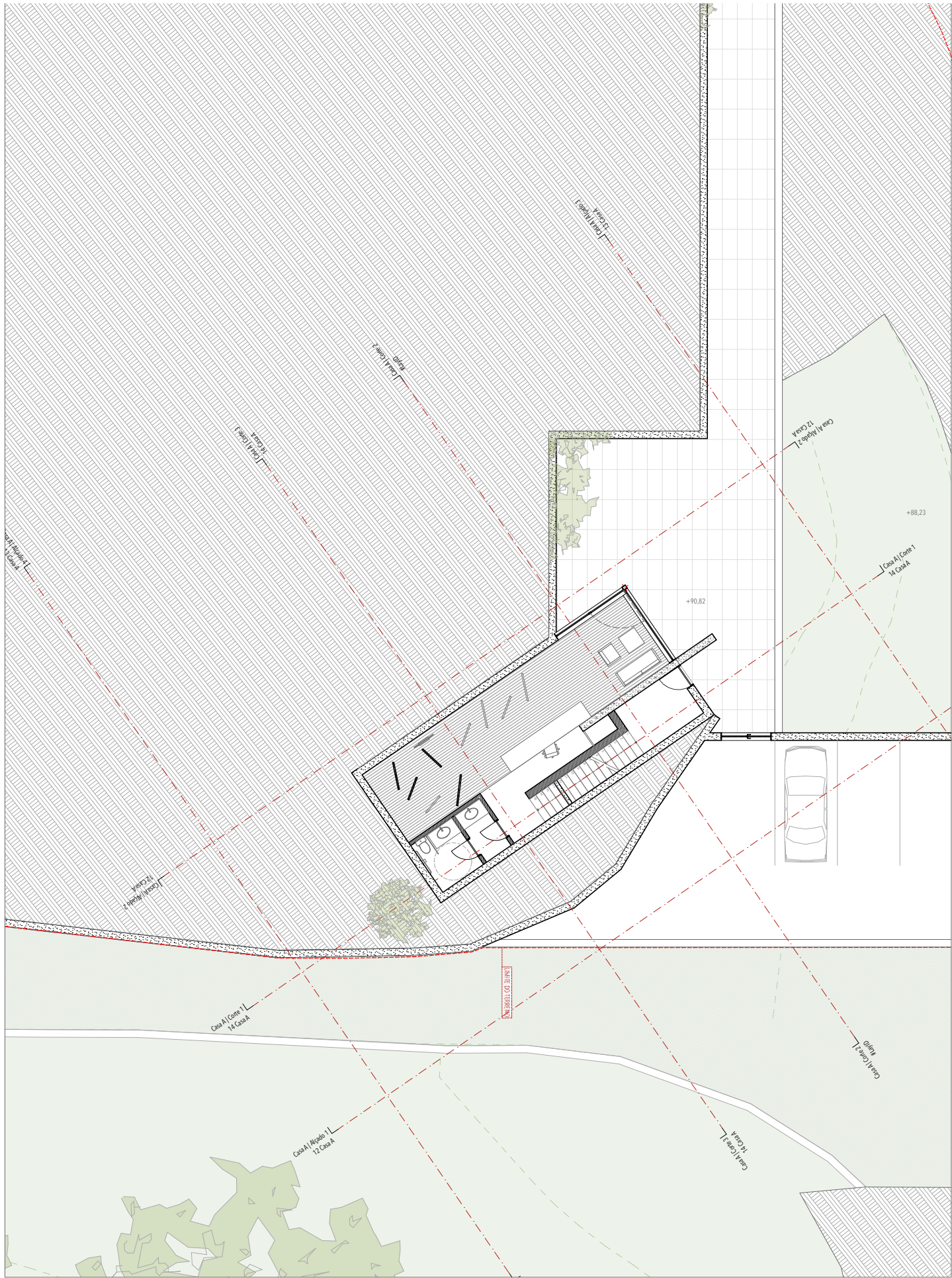
Proposta



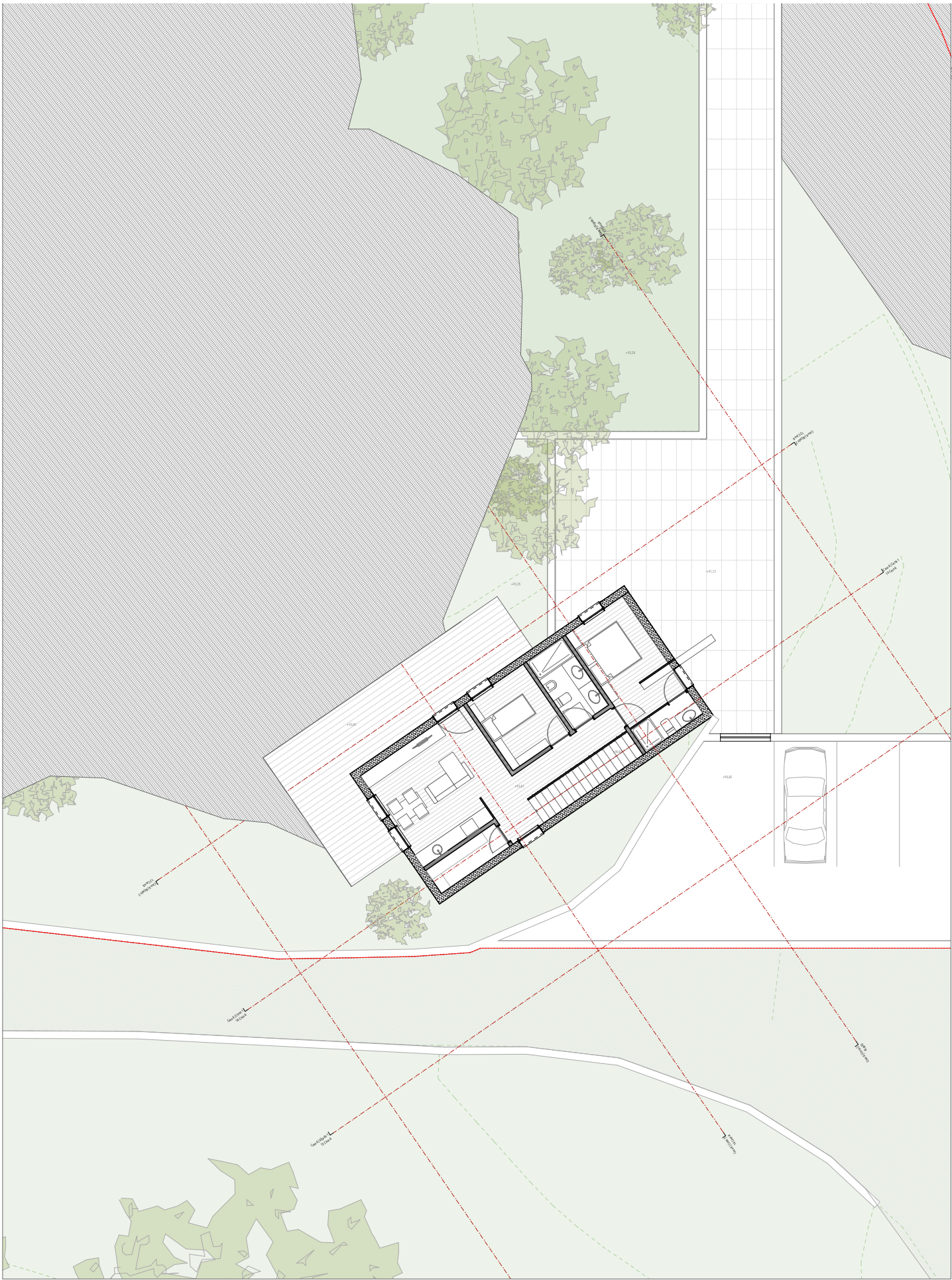
01 Proposta

Planta de Implantação

1:1000



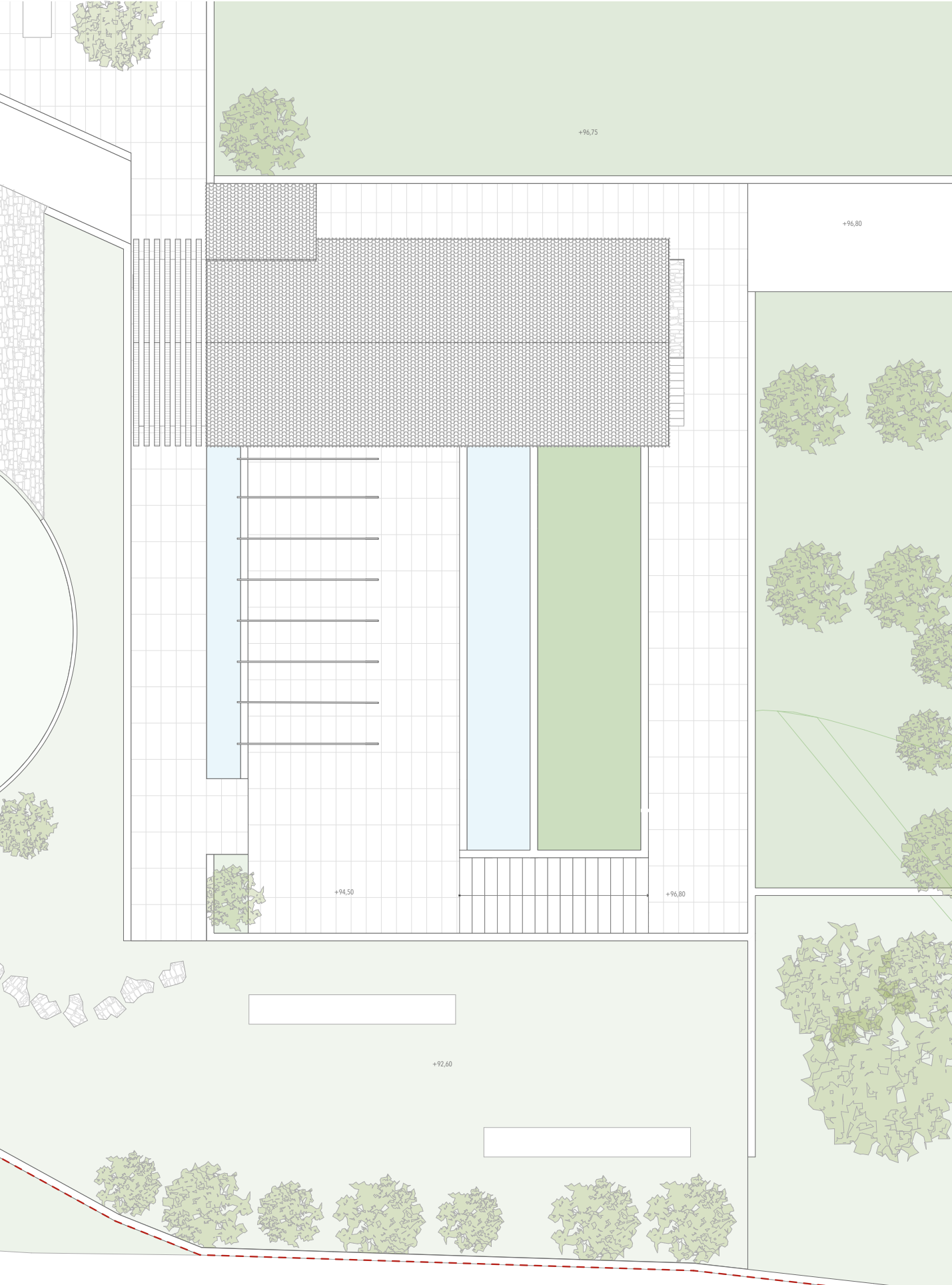
02 Planta Casa A | Piso de Recepção 1:200



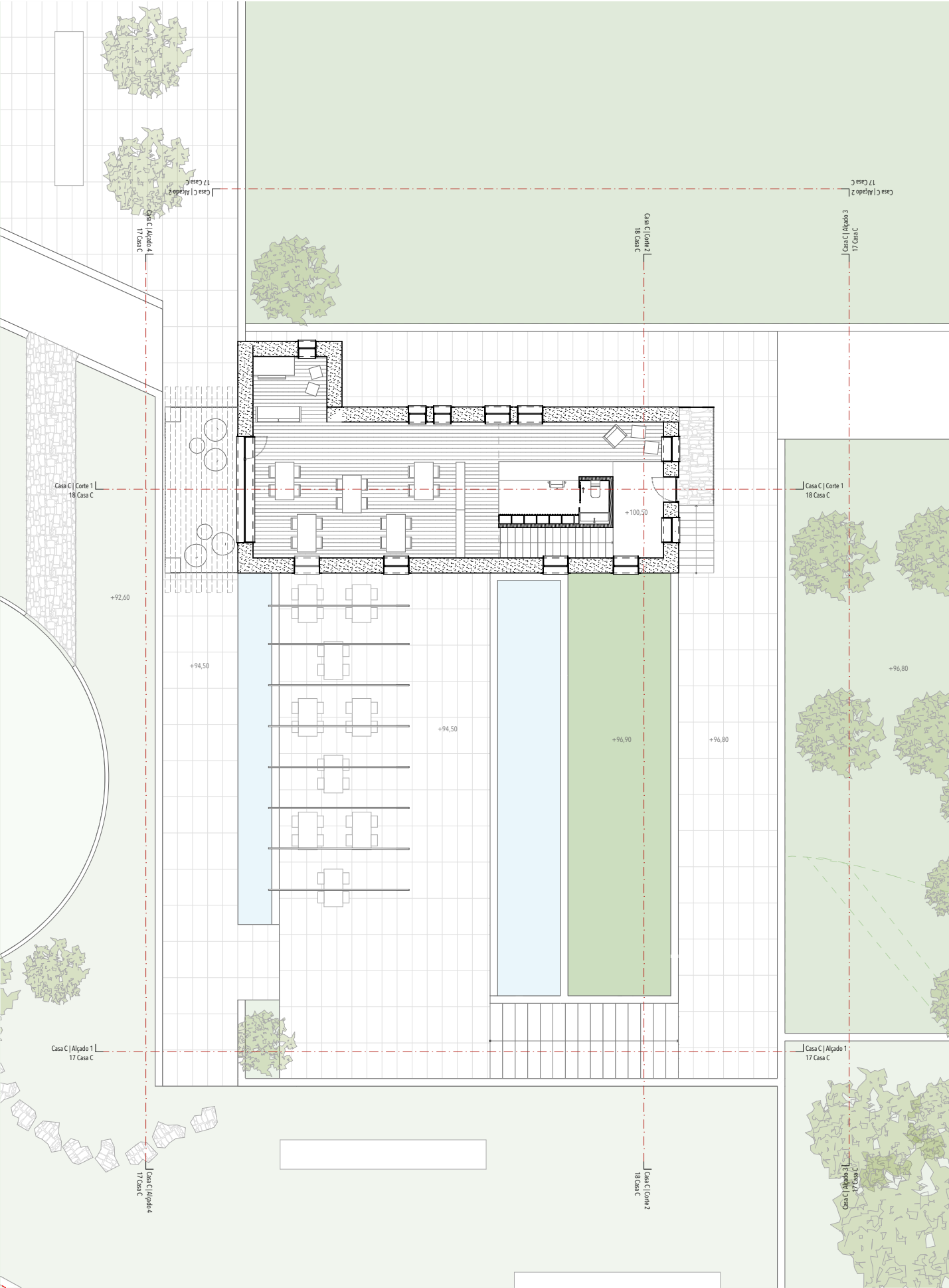
03 Planta Casa A | Piso 1_Alojamento 1:200



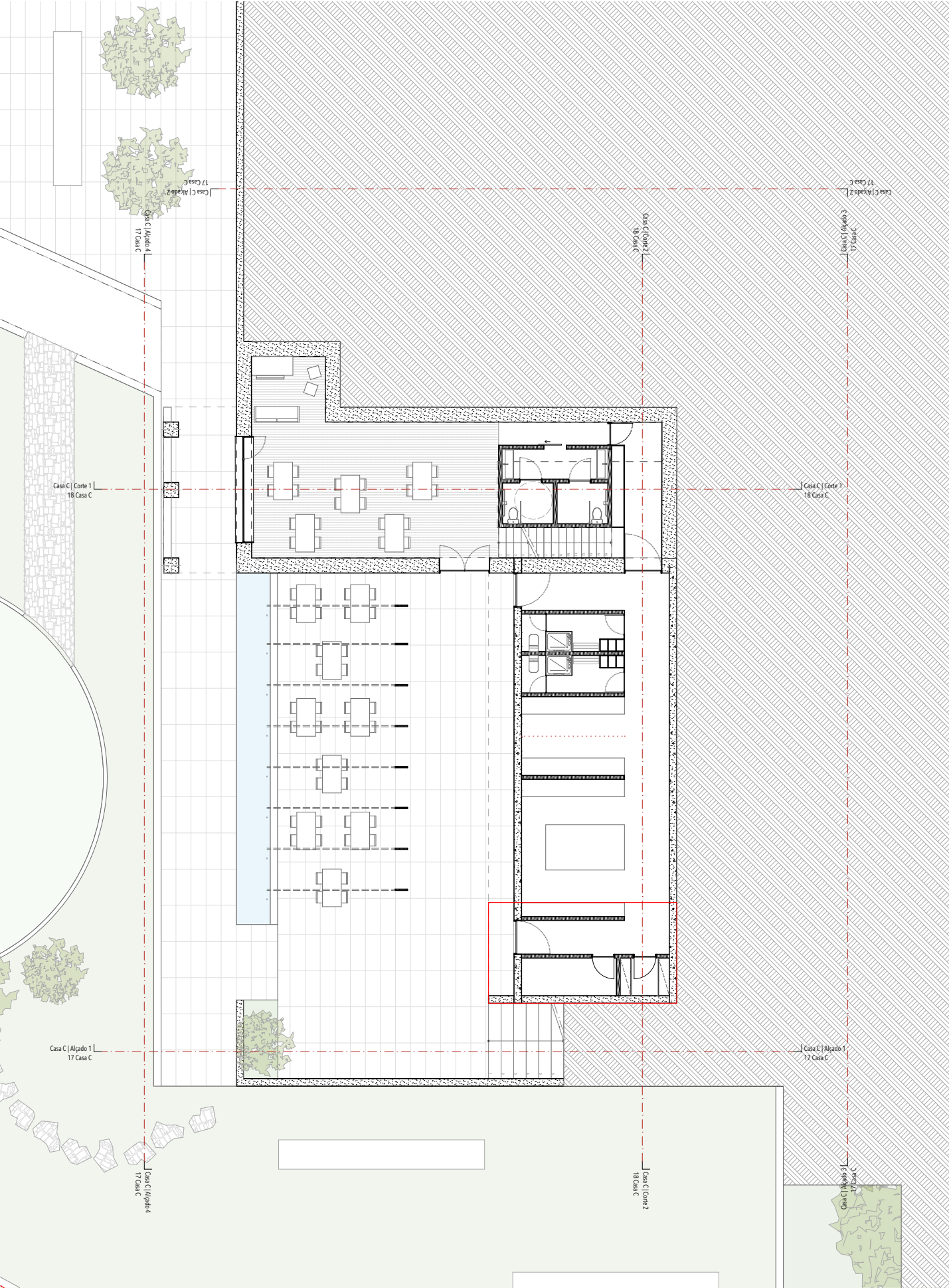
04 Planta Casa B | Alojamento 1:200



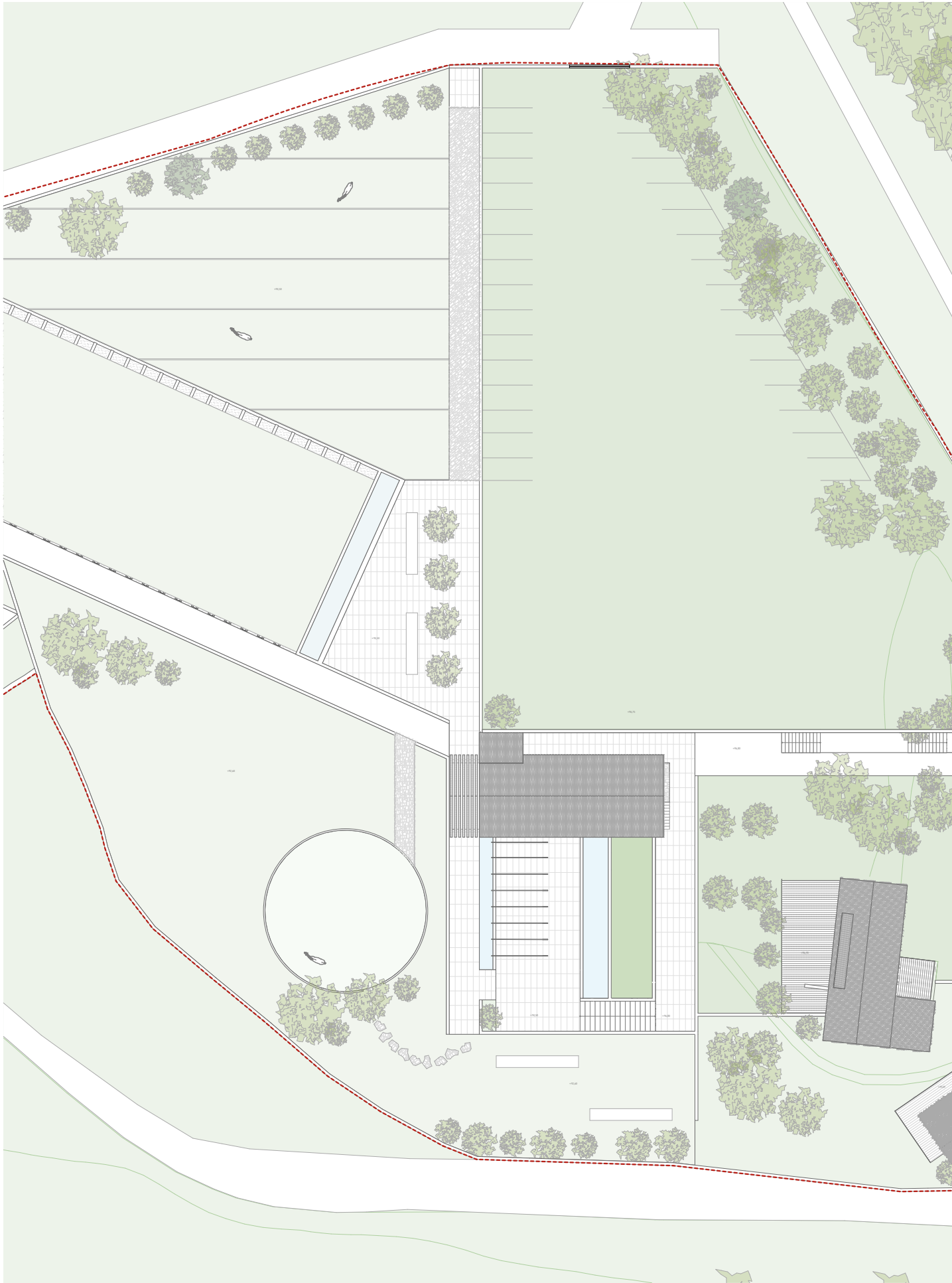
05 Planta Casa B | Alojamento 1:200



06 Planta Casa C | Restaurante_Piso Térreo 1:200

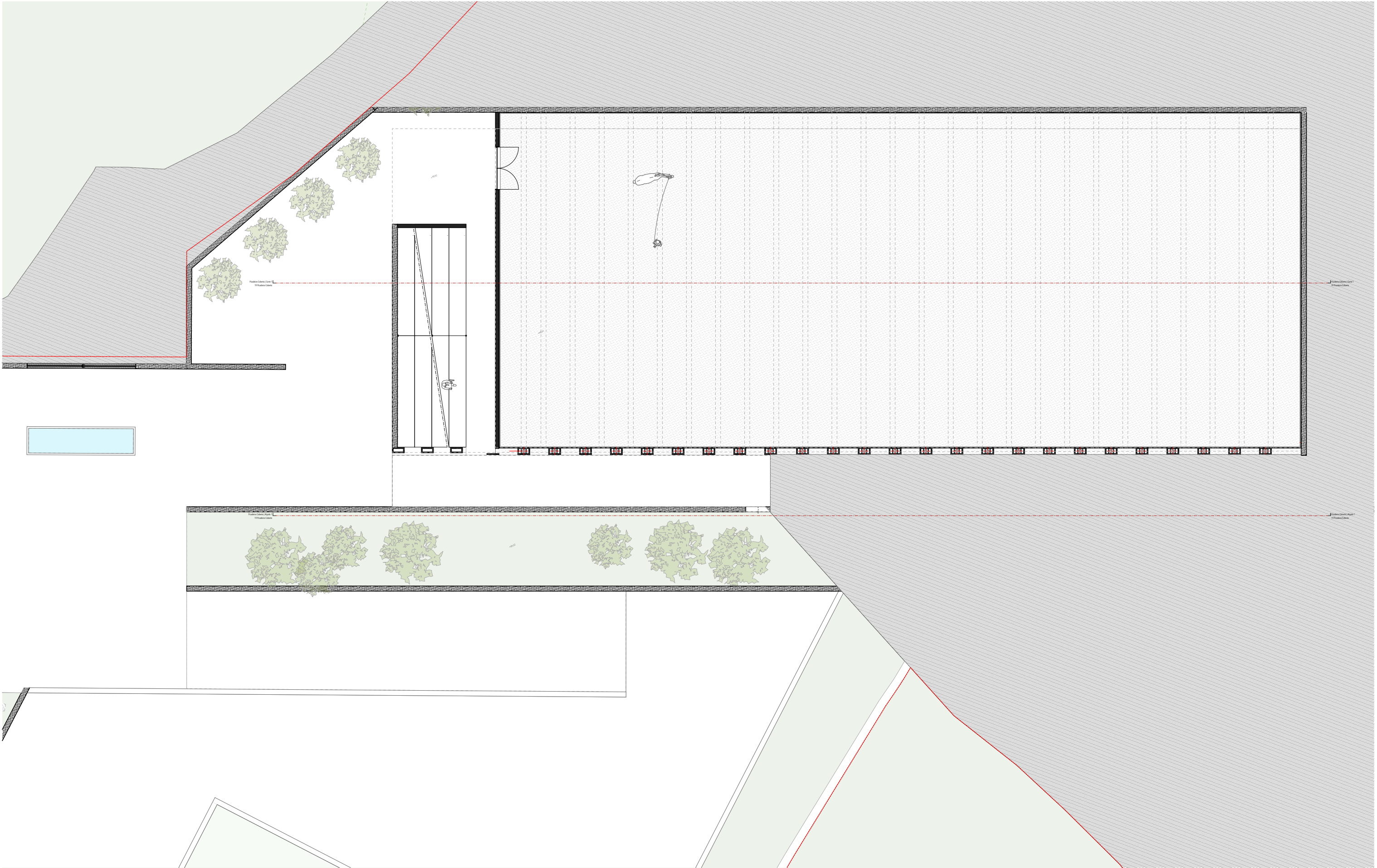


07 Planta Casa C | Restaurante_Piso Cave 1:200



08 Planta | Redondel_Pátio_Paddocks

1:500



09 Planta | Picadeiro Coberto

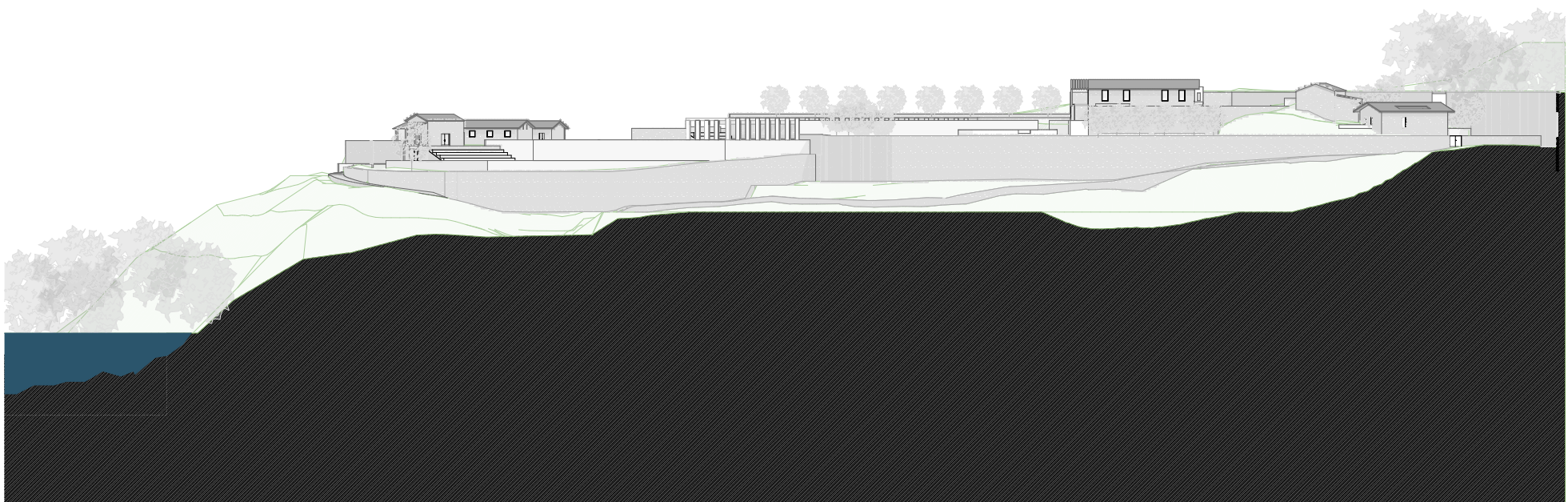
1:200



10 Planta | Boxes e Espigueiro 1:200



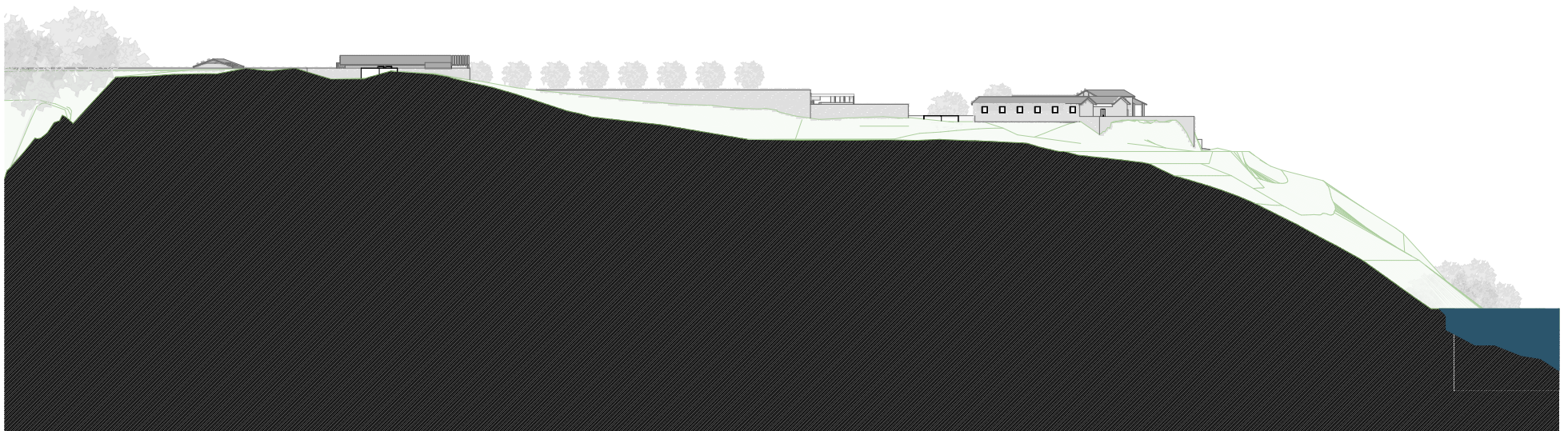
11 Planta | Picadeiro Exterior 1:200



01 Proposta

Alçado Longitudinal 1

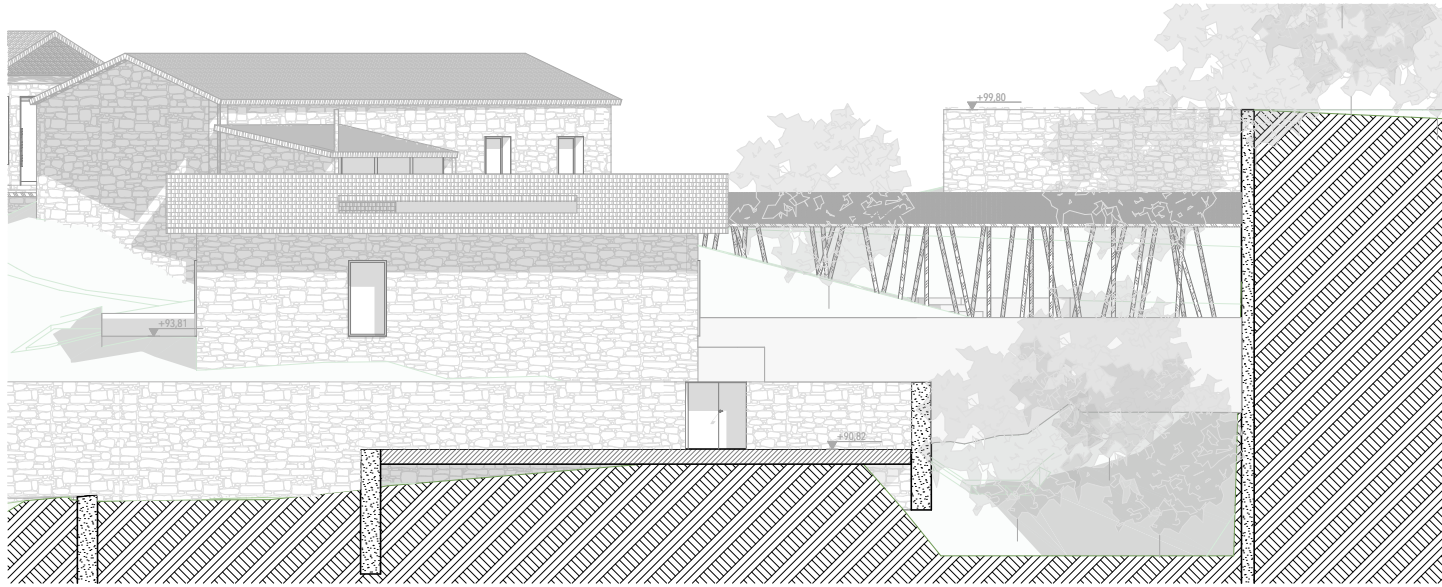
1:1000



02 Proposta

Alçado Longitudinal 2

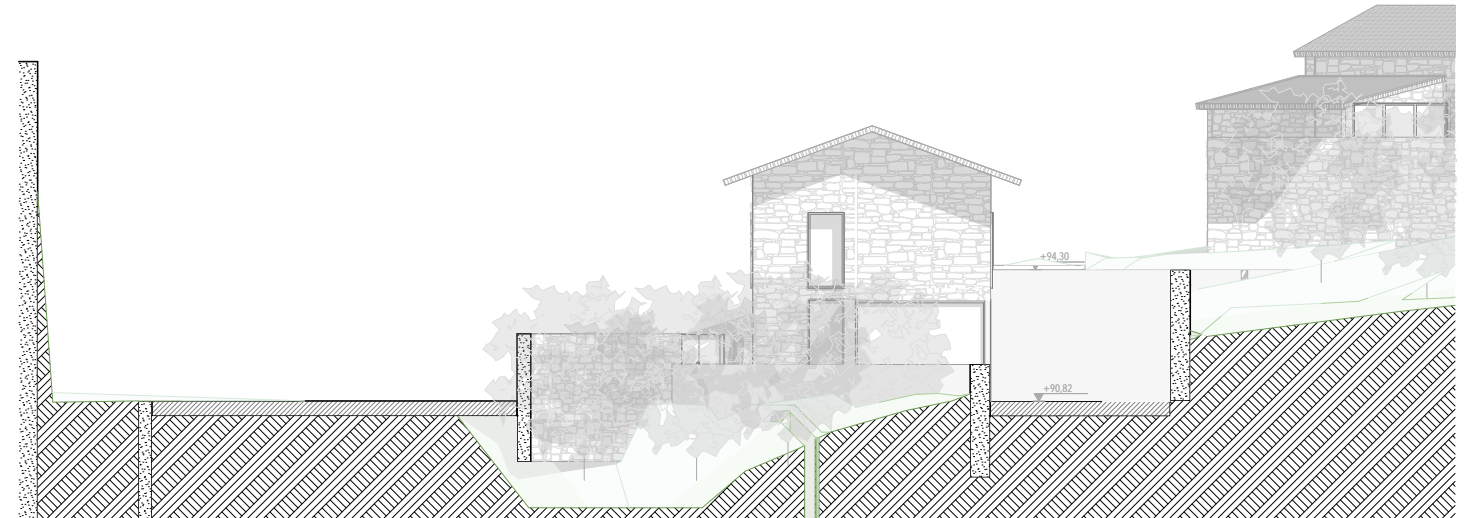
1:1000



Casa A

Alçado 1

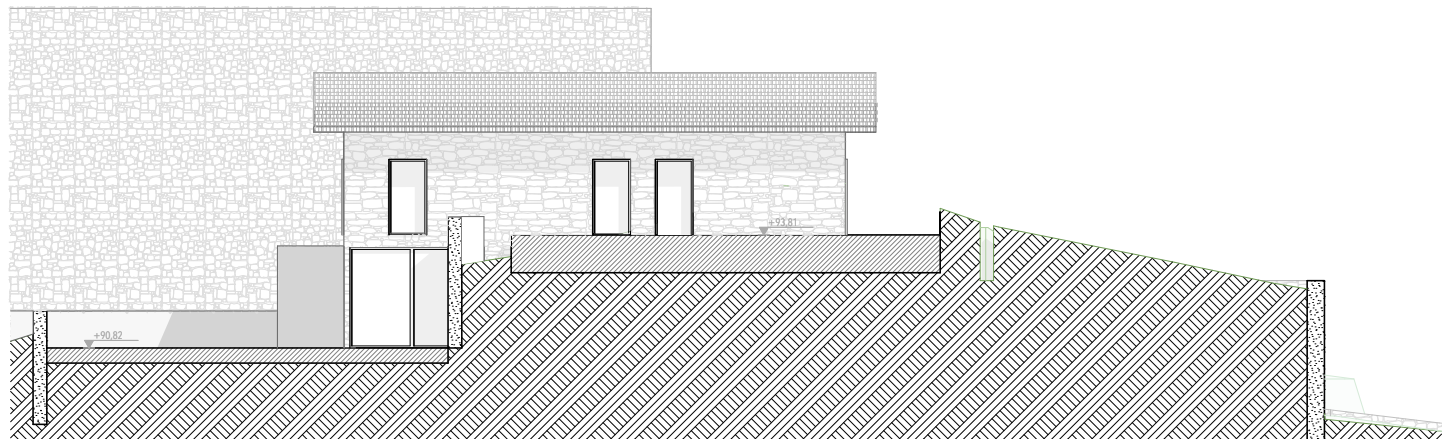
1:200



Casa A

Alçado 3

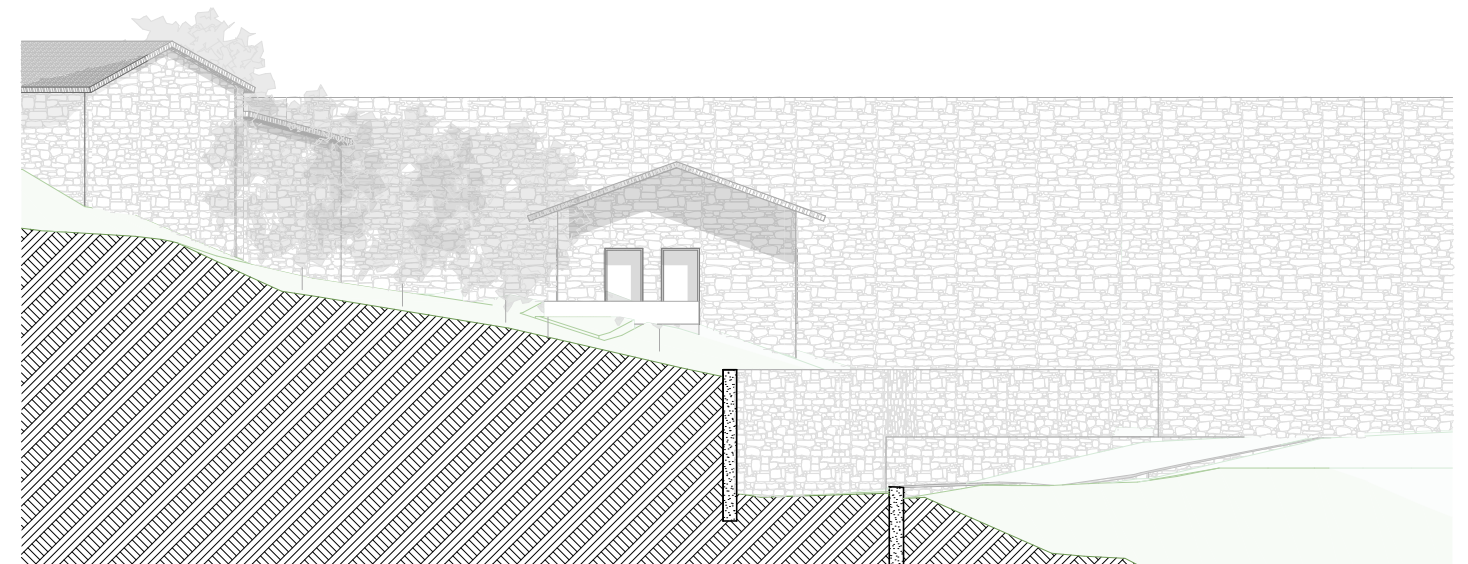
1:200



Casa A

Alçado 2

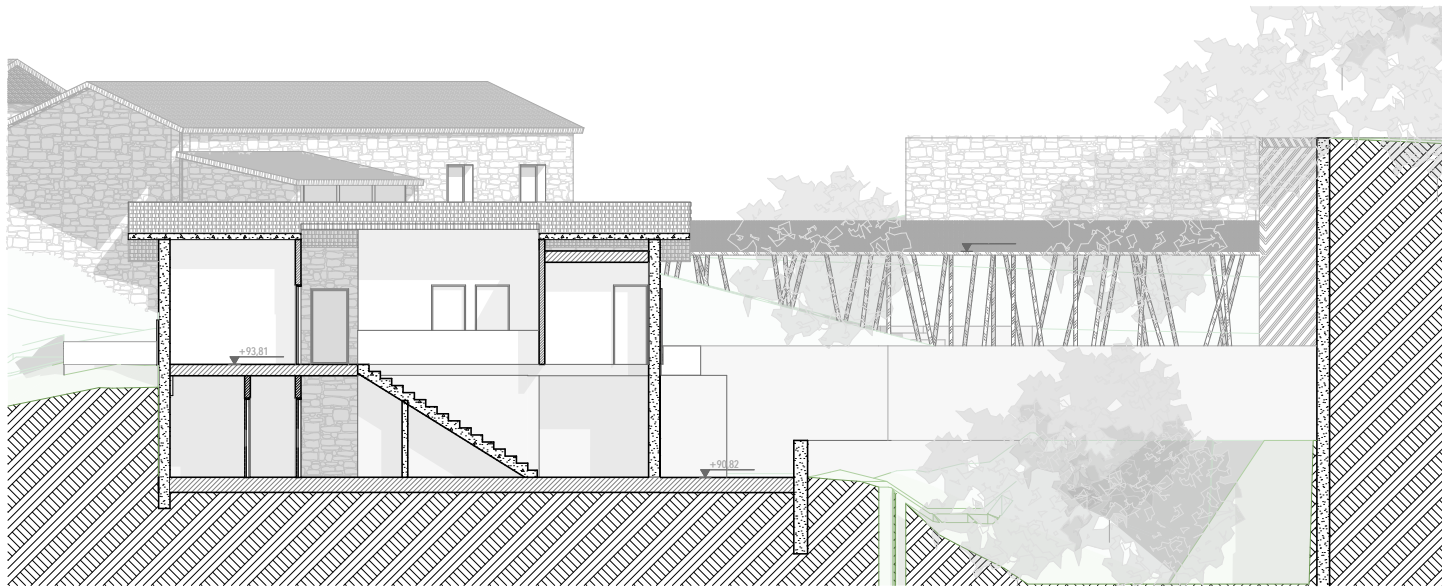
1:200



Casa A

Alçado 4

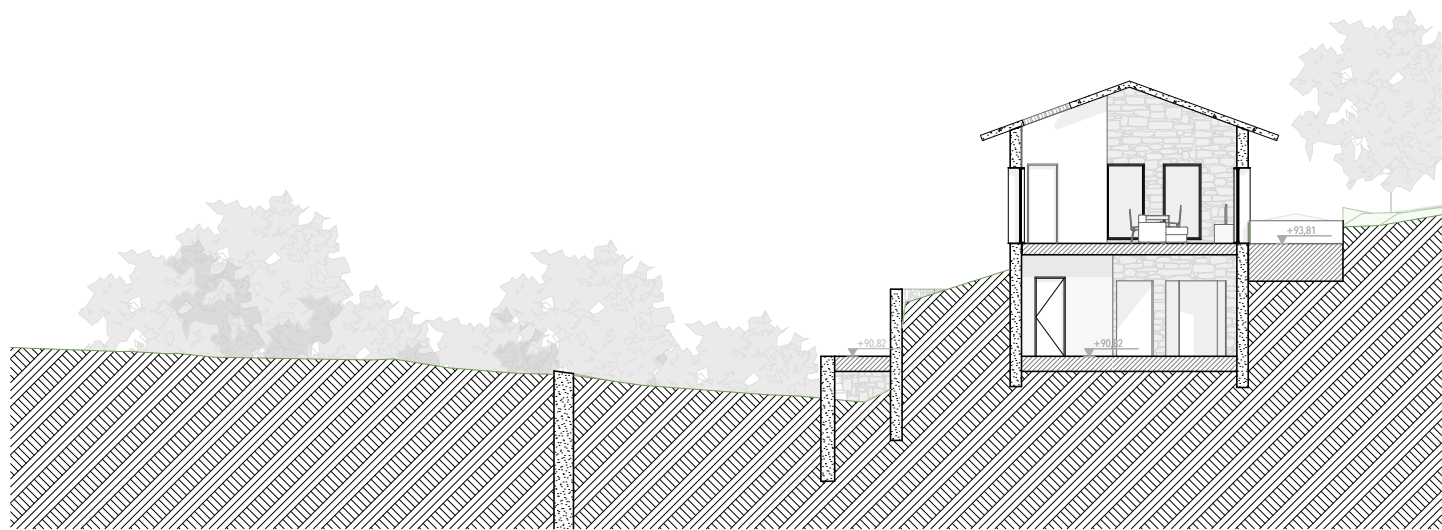
1:200



Casa A

Corte 1

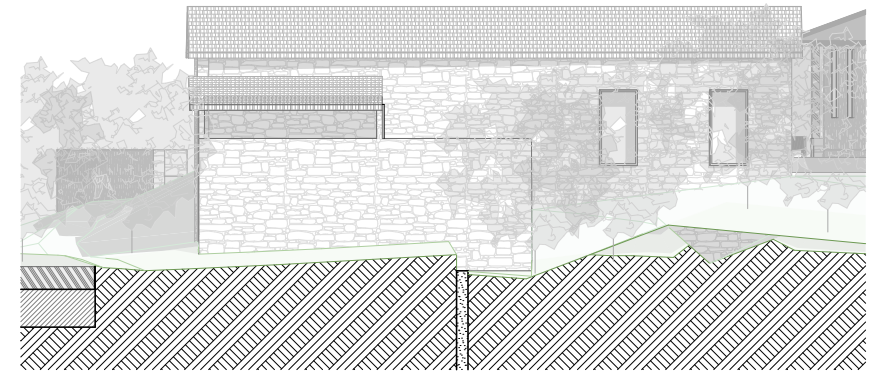
1:200



Casa A

Corte 2

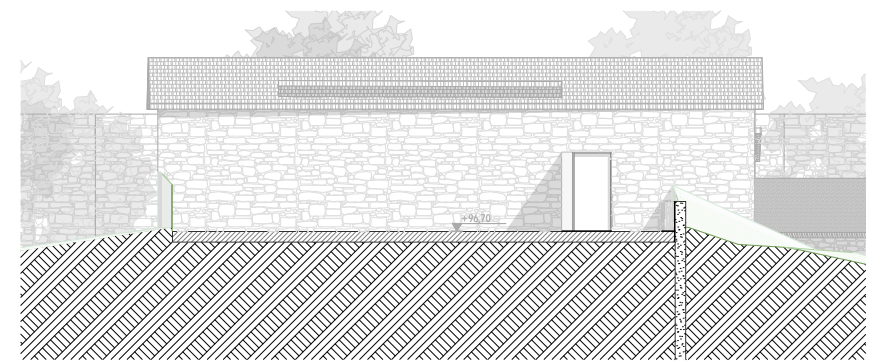
1:200



Casa B

Alçado 1

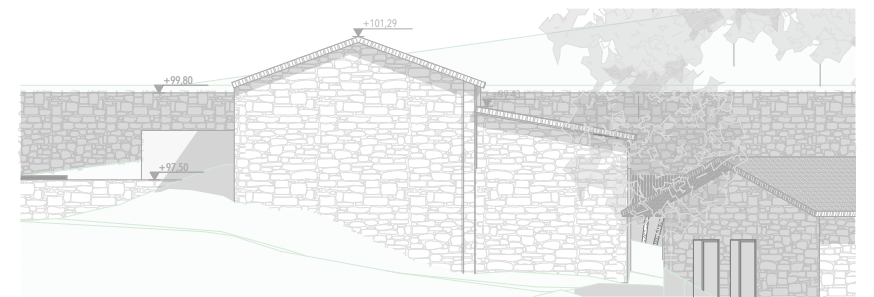
1:200



Casa B

Alçado 2

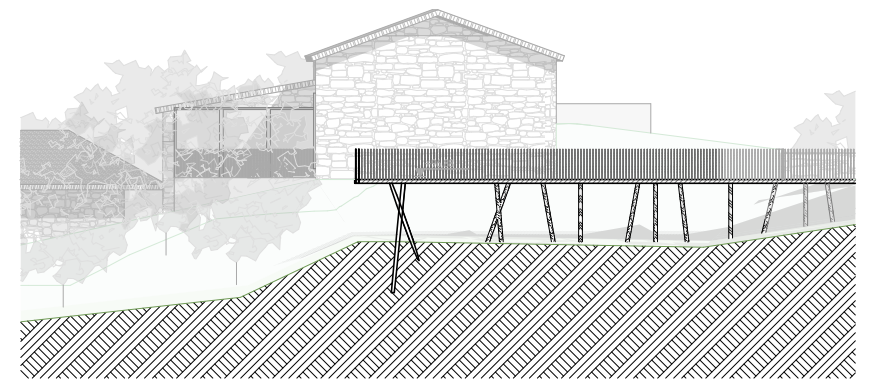
1:200



Casa B

Alçado 3

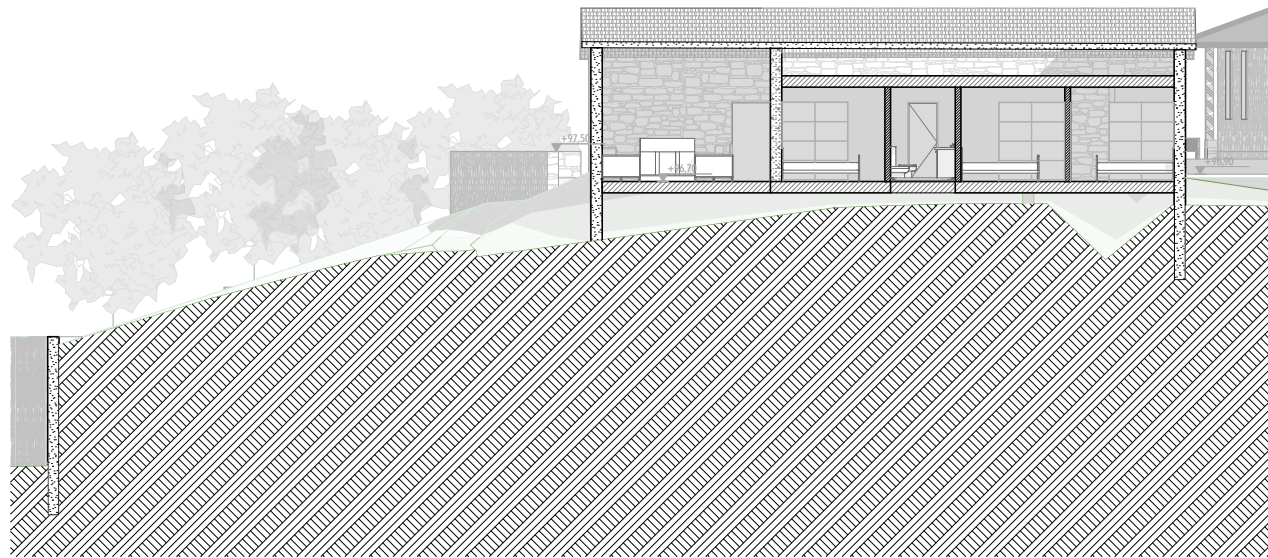
1:200



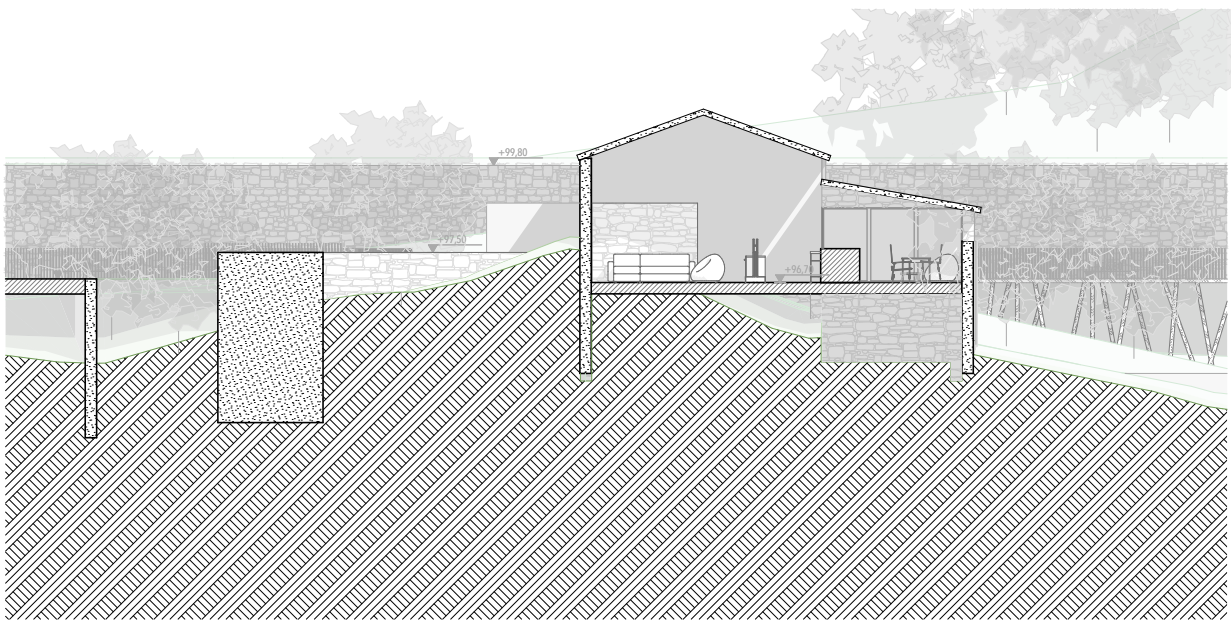
Casa B

Alçado 4

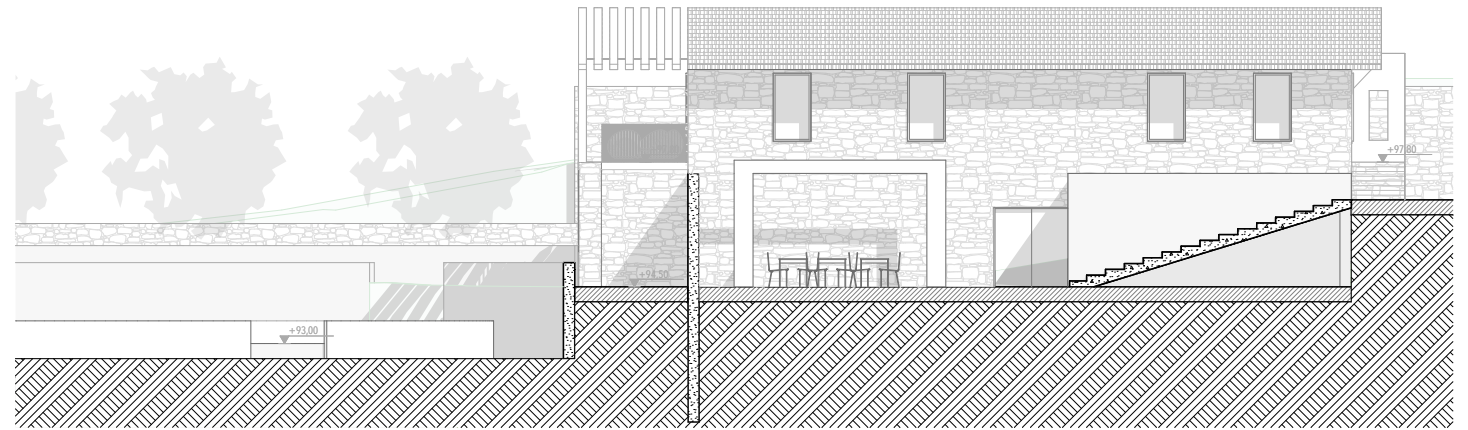
1:200



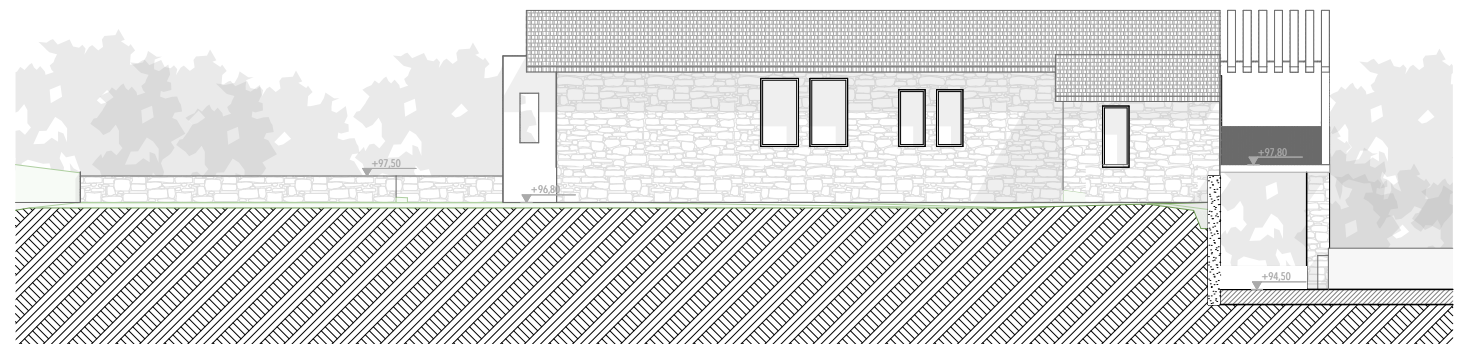
Casa B Corte 1 1:200



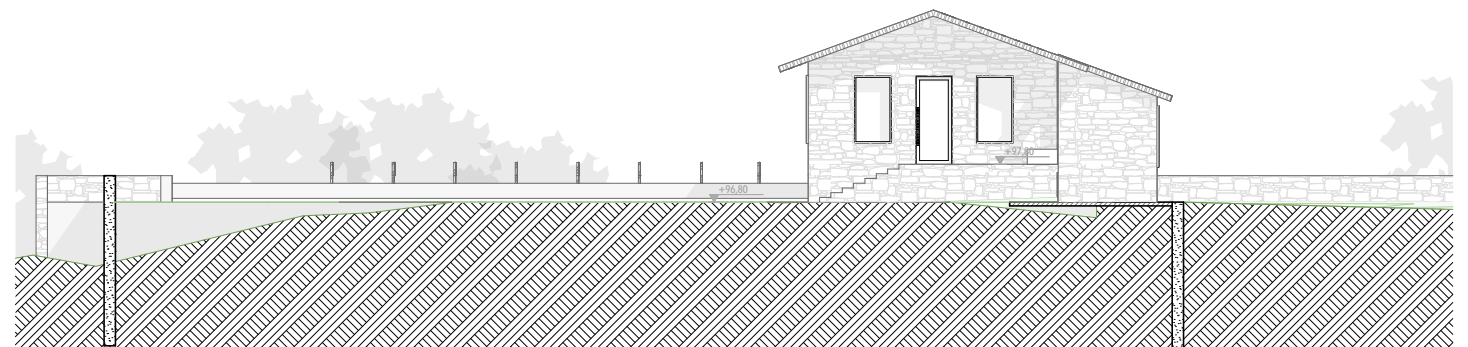
Casa B Corte 3 1:200



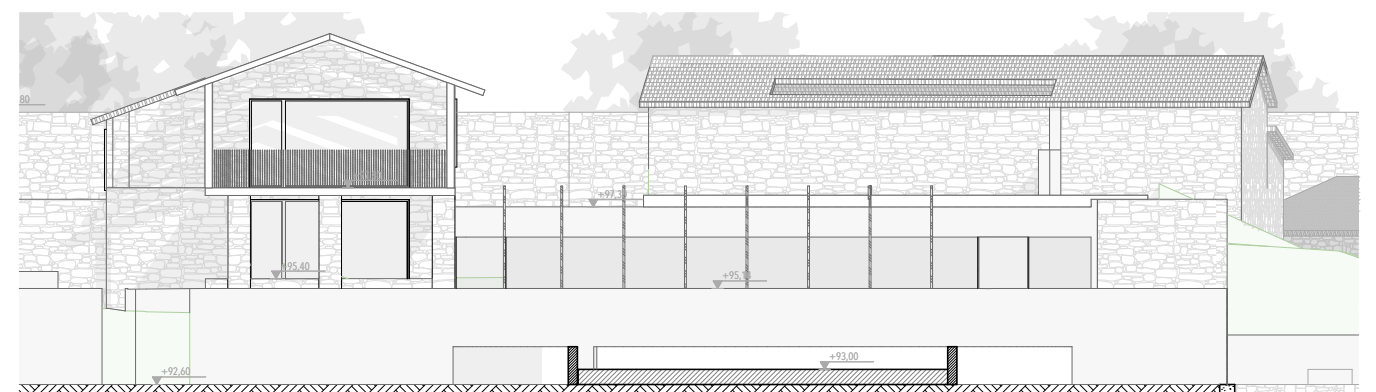
Casa C Alçado 1 1:200



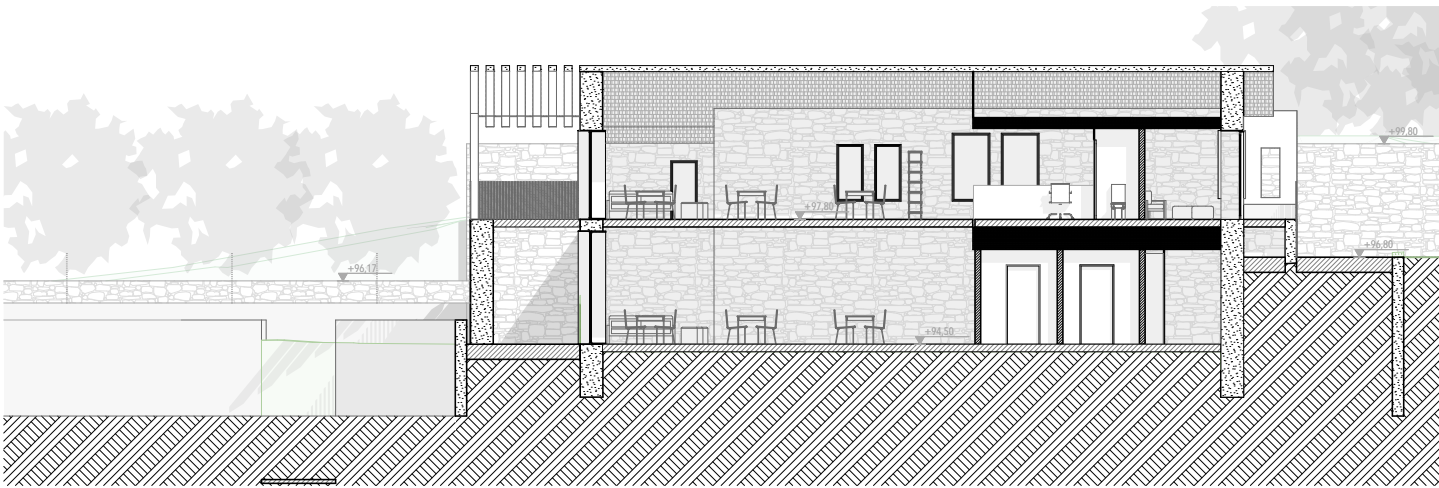
Casa C Alçado 2 1:200



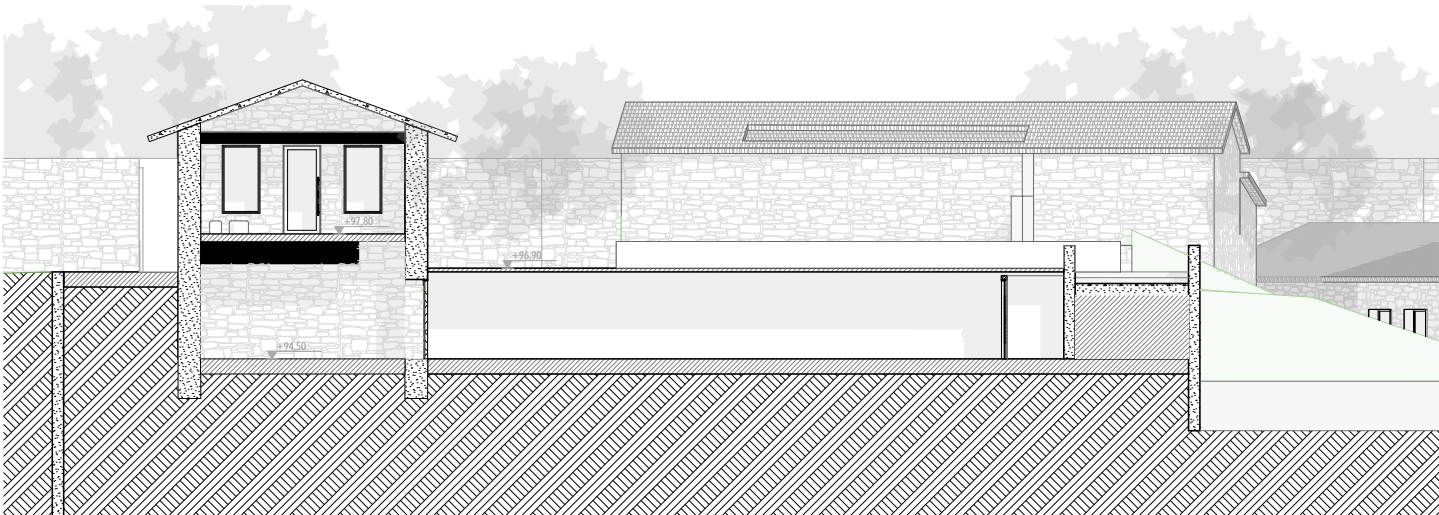
Casa C Alçado 3 1:200



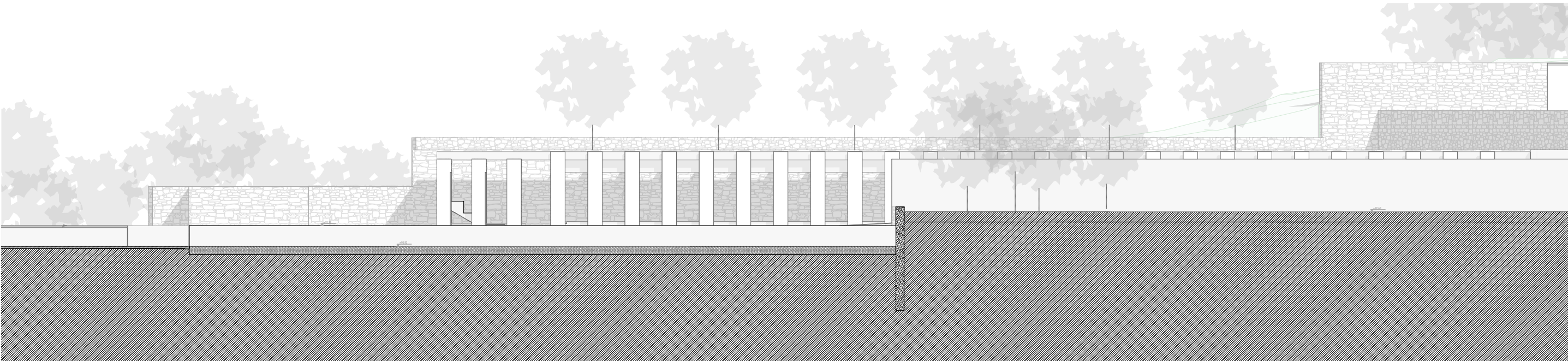
Casa C Alçado 4 1:200



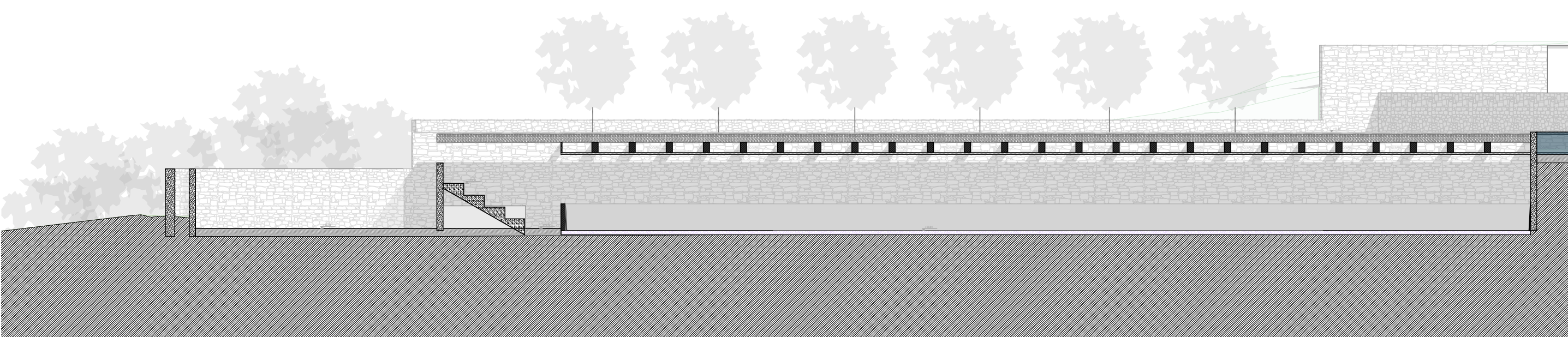
Casa C Corte 1 1:200



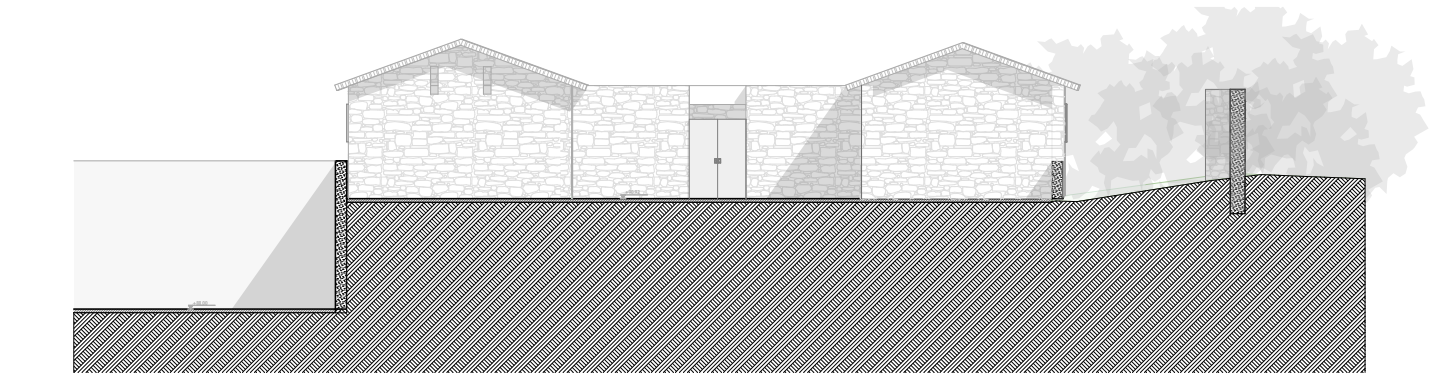
Casa C Corte 2 1:200



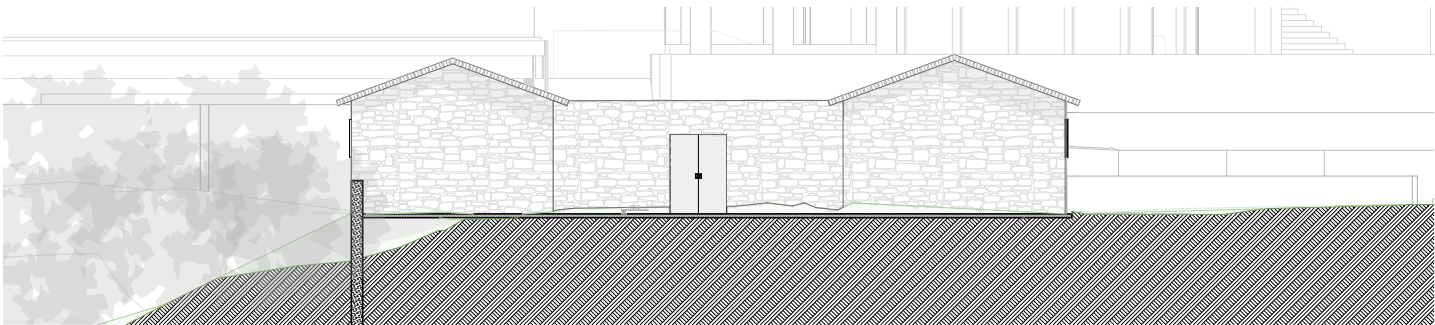
Picadeiro Coberto Alçado 1:200



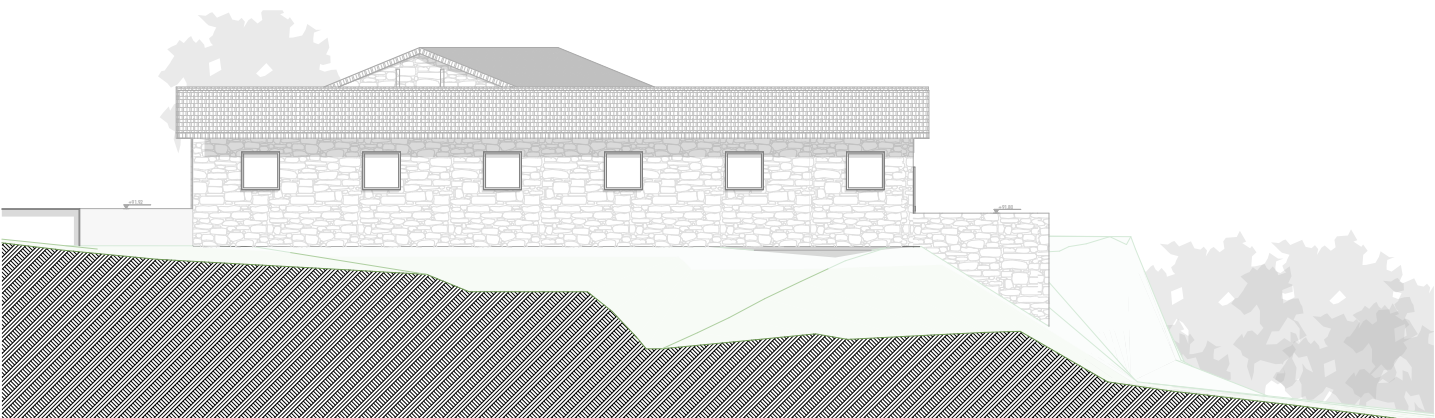
Picadeiro Coberto Corte 1 1:200



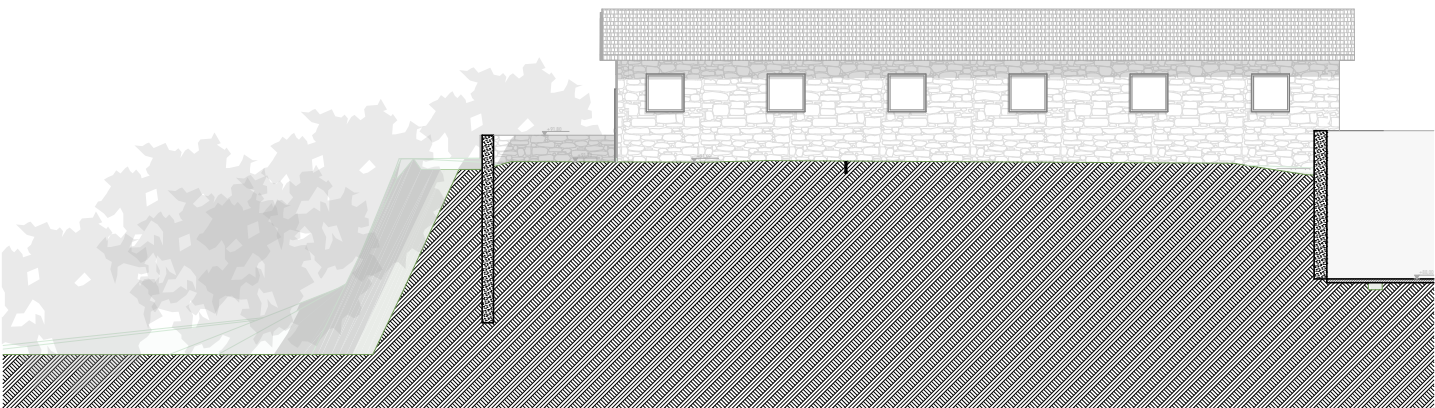
Casa D Alçado 1 1:200



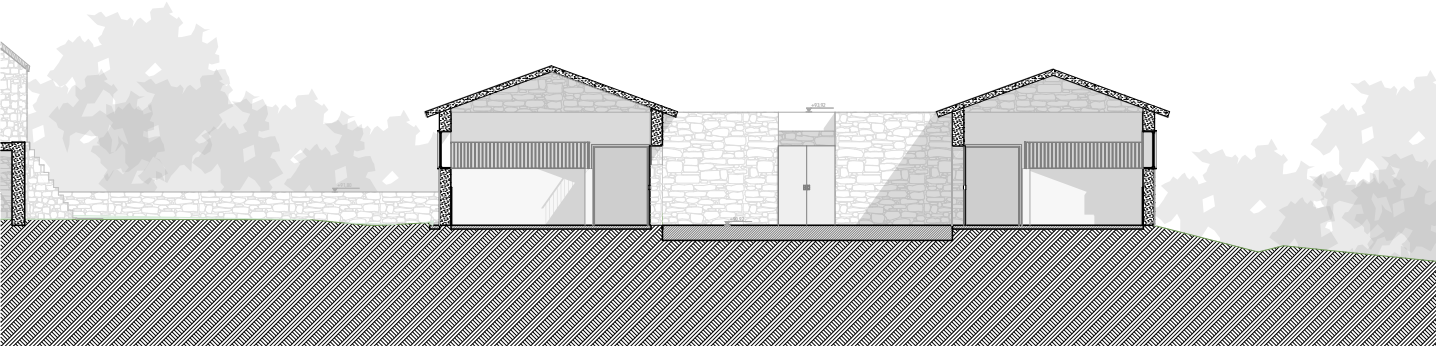
Casa D Alçado 2 1:200



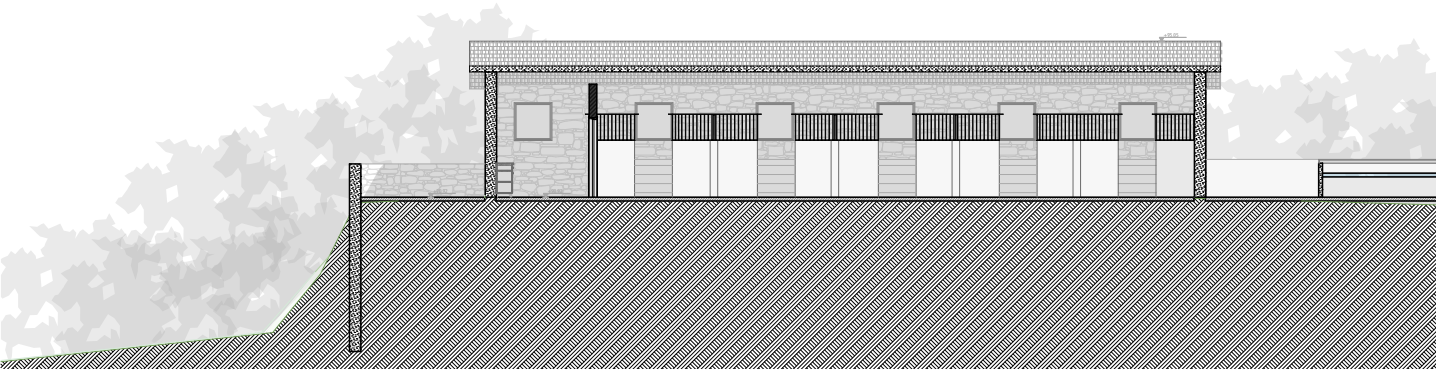
Casa D Alçado 3 1:200



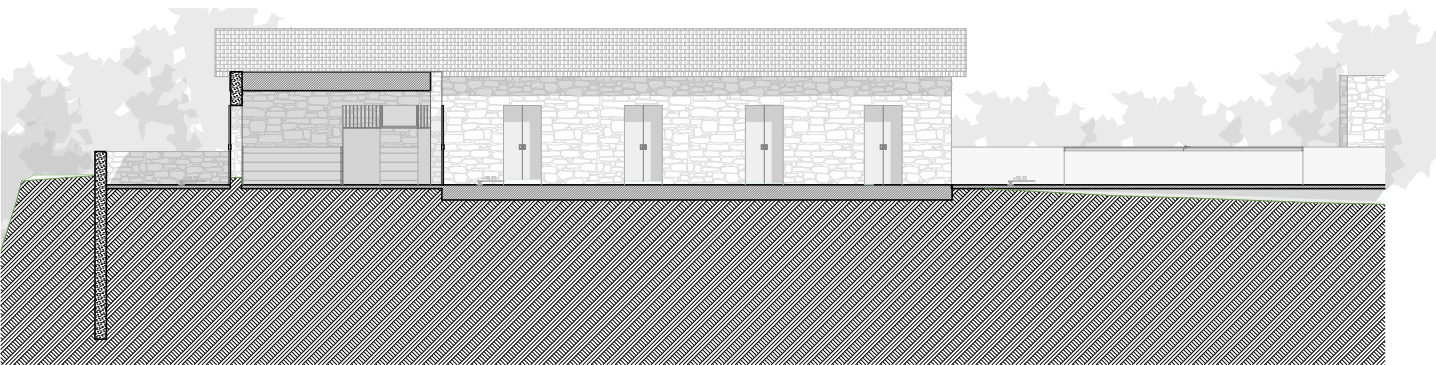
Casa D Alçado 4 1:200



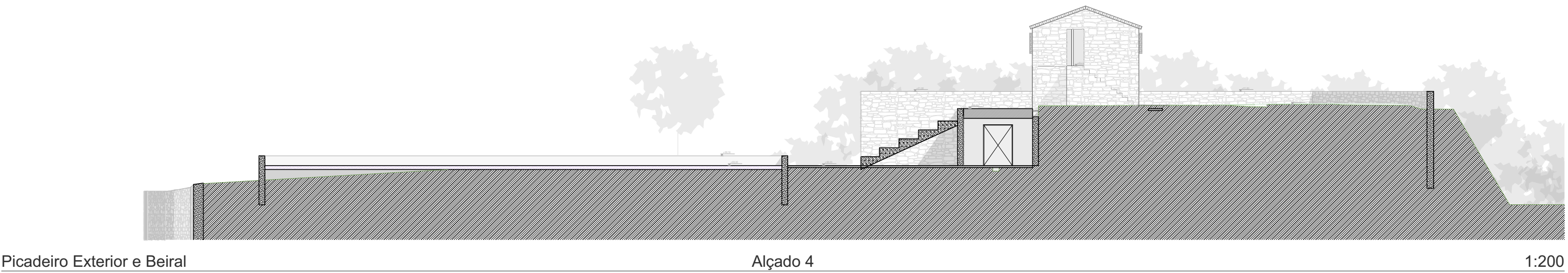
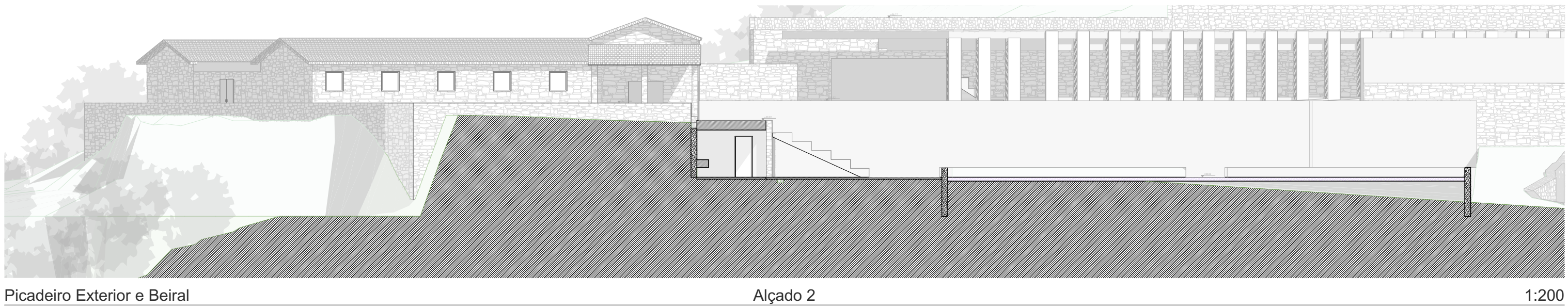
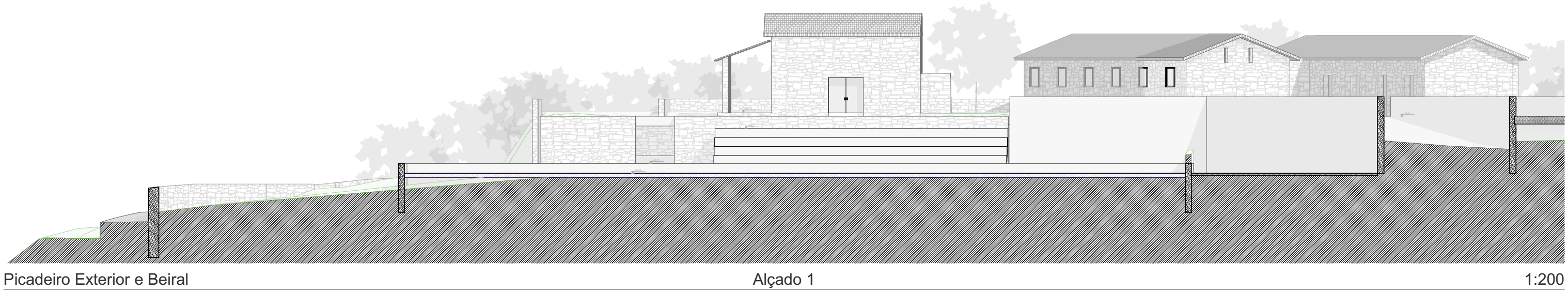
Casa D Corte 1 1:200



Casa D Corte 2 1:200



Casa D Corte 3 1:200



Referências Bibliograficas

ALVES, Teresa; ‘Paisagem – Em busca do Lugar Perdido’, Finisterra, 2001.

BALLEREAU, Jean-François. A Equitação. A Técnica. A Competição. 1.ª ed.,- tradução de Nathalie Silva, revisão de Coronel Martins Abrantes e Dr. Soares Cruz, Editorial Estampa, Lisboa, 1997.

BARRAGÁN, Luis; ‘Barragán: the complete works’, London, Ed. Thames & Hudson, 1996.

BARRAGÁN, LUIS (1980) , Laureate Acceptance Speech

CARDOSO, António, 1979. Marânus - Antologia de textos sobre Amarante: A terra e as Gentes. Câmara Municipal de Amarante, Patrocínio da Secretaria de Estado e da Cultura.

CARDOSO, António, 2009. Amarante em meados do sec. XIX: Território e Sociedade. Obras Públicas, Arquitectura e Urbanismo. Edição Câmara Municipal de Amarante.

CORBUSIER , LE ; “El Modulador , Ensayo sobre una medida armonica a la escala humana , aplicable universalmente a la arquitectura y la mecanica “ ; Editorial Poseidon - Buenos Aires;

DOMINGUES, Álvaro; ‘A Paisagem Revisitada’, Finisterra, XXXVI, 2001. GRASSI, Giorgio; ‘Arquitectura lengua muerta y otros escritos’, Barcelona, Editora Serbal, 2003

CULLEN, Gordon, Paisagem urbana / Gordon Cullen ; trad. de Isabel Correia e de Carlos Macedo, Lisboa, Edições 70

HIGINO, Nuno; SIZA, Álvaro; ‘Todos os cavalos e mais sete’, Marco de Canavezes, Cenateca, 2003.

ISAACSON, WALTER : “Leonardo da Vinci” 2017

MARTÍNEZ Santa-Maria, Luis; El árbol, el camino, el estanque, ante la casa / Luis Martínez Santa-Maria; Barcelona, Caja de Arquitectos, 2004

MONESTIROLI, Antonio; ‘La arquitectura de la realidad’, Barcelona, Editora Serbal, 1993

NORBERG-SCHULZ, Christian; ‘Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture, Nova Iorque, Ed. Rizzoli, 1980.

REZENDE, R. e Frazão, A. (2012). Equitação,Conceção de Instalações. Coleção Cadernos técnicos- Instalações desportivas, IPDJ.

RODRIGUES, José Miguel; O Mundo Ordenado e Acessível Das Formas Da Arquitetura (2013)

SIZA, Álvaro; ‘Imaginar a Evidencia’, Lisboa, Edições 70, 2006.

SIZA, Álvaro; ‘01 Textos, Álvaro Siza’, Porto, Editora Civilização, 2009.

TÁVORA, Fernando; ‘Da organização do espaço’, Porto, Edições FAUP, 1996.

VITRUVIUS (1914) – “Ten books on architecture.” Tradução por Morris Hicky Morgan.

ZÖLLNER, Frank; ‘Leonardo da Vinci: obra completa de desenho e pintura’, Koln, Taschen, 2004.

ZUMTHOR, Peter; ‘Pensar la Arquitectura’, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2005.

ZUMTHOR, Peter; [tradução de Astrid Grabow] ‘Atmosferas. Entornos arquitectónicos: as coisas que rodeiam’, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2006.

Anexos

Referências da Internet

<http://www.fep.pt>

<https://pt-pt.topographic-map.com/maps/ganq/Amarante/>

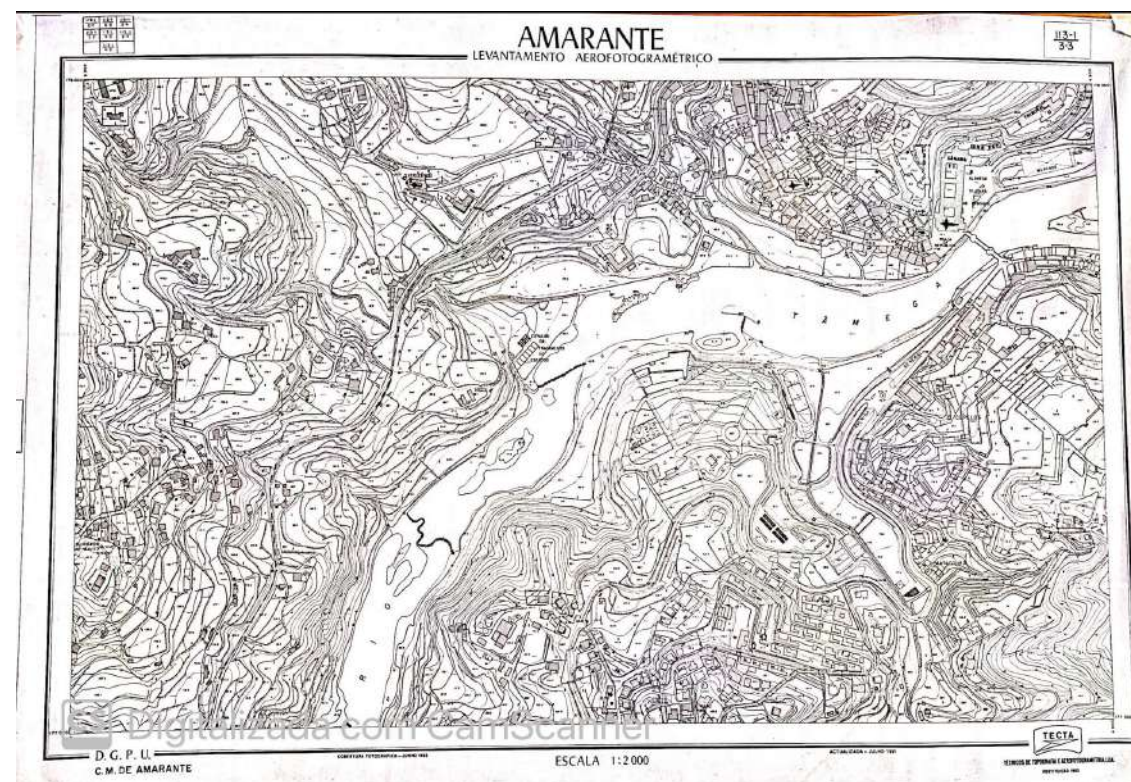
<https://www.equisport.pt/artigos/os-sentidos-equinos/>

<https://www.comportamentoequino.com/sobre-2-c18ty>

<https://www.architectural-review.com/awards/ar-emerging/equestrian-centre-in-valle-de-bravo-mexico-by-cc-arquitectos>

<https://www.architecturaldigest.com/story/nacho-figueras-polo-stables>

<http://www.manuelcervantes.com.mx/>



Cartografia de Amarante, 1991.

Enquadramento



Relação com os equipamentos próximos.



Contextualização com o centro da cidade de Amarante.



Relação visual com o aglomerado urbano da cidade.

Fases da Proposta



Maquetes de Trabalho



Fotografias do Terreno



